

UNIVERSIDADE ABERTA



A ARTE INDO-PORTUGUESA NA ILHA DE MOÇAMBIQUE:

UM INTERCÂMBIO DE FORMAS E DE GOSTOS

Sara Martins Domingues de Sousa Teixeira

Dissertação de Mestrado em Estudos do Património

Orientadora pela Professora Doutora Maria Alexandra Castelo Branco Gago da Câmara

Março de 2022

Este trabalho está licenciado sob a Licença Creative Commons com a Atribuição:
CC NC Não Comercial 4.0 Internacional.

Agradecimentos

Ao Rui, à Rita, à Marta e à Maria do Mar, de quem tive de desviar a atenção que lhes pertencia durante a realização deste trabalho;

À Rita de Lourdes e ao Fernando Afonso, meus queridos pais pelo apoio incondicional;

À Maria Natércia, minha sogra, pela sua disponibilidade de sempre;

À Alda Costa, por me ter aberto as portas da cultura de Moçambique, integrando-me na área do Património/ Museus e pela sua disponibilidade de sempre;

Ao pessoal dos Museus da Ilha de Moçambique (MUSIM) com quem desenvolvi um trabalho aliciante durante vários anos e principalmente ao José Andrade que prestou uma colaboração mais recente, com a captura de imagens do mobiliário do Museu de Artes Decorativas;

À Maria Alexandra Gago da Câmara, Professora que me orientou nesta dissertação;

Ao Departamento de Museus pela disponibilização do arquivo da Casa de Ferro e em particular ao Sr. Salomão Elija Mahlaule, que me acompanhou pacientemente, durante quase um ano, na digitalização das pastas de arquivo deste Departamento;

Ao Marcos Evaristo, Diretor do Museu Nacional de Arte (MUSART), pela autorização da captura de imagem e ao Afonso Malasse pela disponibilidade em me acompanhar no museu;

À Ana Caldeira, à Sandra Duarte e à Mafalda de Melo Aguiar, pela colaboração nas investigações à distância e presencialmente, nos Arquivos da Fundação Calouste Gulbenkian;

À Graça Palma, à Manuela Portugal e à Rosinha Malta, do Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), pela colaboração prestada durante as pesquisas realizadas nesta instituição;

À Helena Grego, da Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa (BSGL), pela colaboração na pesquisa e à Margarida Almeida, pela visita guiada ao Museu;

À Jéssica Coelho, do Palácio Nacional da Pena, pela sua colaboração na visita ao museu;

À Carla Silva, por gentilmente me ter cedido fotografias da Ilha, do seu arquivo privado;

Ao Gabriel Mellazie pela captura de imagem no Conselho Municipal da Ilha de Moçambique;

Ao João Canha e Sá pela partilha de conhecimentos relativos aos retábulos da Igreja de S. Paulo;

Ao Luís Filipe Pereira pela partilha dos seus conhecimentos sobre a Ilha de Moçambique;

Ao Jens Hougaard e ao Nuno Gonçalves pela amizade e partilha de documentos relacionados com a história e a cultura da Ilha de Moçambique;

Ao Helder Carita pela sua disponibilidade de tempo e partilha de bibliografia

À Regina Traveira pela sua disponibilidade na revisão do texto;

À Sandra Antunes, pelos seus contributos na formatação da dissertação;

À Jéssica Tavares pela partilha dos seus conhecimentos de Inglês, no *Abstract*;

À Celisa Quelhas, pela aproximação às famílias goesas da associação Casa de Goa;

À Ana Paula Relvas e à Sandra Anjo, pelo apoio dado na investigação na Biblioteca José Craveirinha, na EPM-CELP;

À Karina Bastos por me ter acompanhado na viagem pelos Estudos do Património;

À todos os meus colegas e amigos que me deram energia positiva para levar a cabo este estudo e, por último, mas não menos importante,

À Ilha de Moçambique, uma paixão à primeira vista e a Moçambique, minha Terra Natal.

Em homenagem às minhas tias de Moçambique: *Titó e Tilena*



DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho.

Confirmo que não recorri à prática de plágio ou a qualquer forma de falsificação de resultados

29 de março de 2022

A handwritten signature in black ink that reads 'Sara de Sousa Teixeira'.

Sara de Sousa Teixeira

A Arte Indo-Portuguesa na Ilha de Moçambique: Um Intercâmbio de Formas e de Gostos

Resumo

Esta dissertação tem como propósito dar a conhecer parte do património artístico da Ilha de Moçambique, cuja urgência em o salvar, levou à constituição de importantes núcleos de arte indo-portuguesa, nomeadamente os Museus de Arte Sacra e o de Artes Decorativas, criados pela Comissão de Monumentos e Relíquias Históricas de Moçambique durante o Estado Novo, no virar de 1969 para 1970, altura em que a Ilha se tornava uma atração turística.

Nela contextualiza-se a marcada presença indiana na arte aplicada à arquitetura, na arte sacra e no mobiliário existentes na Ilha de Moçambique, onde se preservam peças de elevado valor artístico e histórico, do séc. XVI à primeira metade do séc. XX, resultado da fusão da cultura portuguesa com culturas orientais do Índico.

Neste estudo é dado particular enfoque ao património móvel, que constitui as coleções do MUSIM (Museus da Ilha de Moçambique), a instituição estatal tutelada pela cultura na qual se inserem os museus onde se localizam a maior parte das peças nele referidas e apresentadas. A presente investigação engloba igualmente peças de outras coleções estatais e particulares da Ilha de Moçambique e também de Maputo, como uma amostra do que se preservou desta arte em território moçambicano.

Este trabalho desvenda, em paralelo, a história e a cultura desta cidade, que é Património da Humanidade e ao revelar-se o caminho percorrido para a salvaguarda do seu legado, registam-se as principais ações decorridas nos períodos colonial e no pós-colonial para a sua divulgação e valorização, visando a preservação de memórias coletivas.

Palavras-chave

Ilha de Moçambique, Arte Indo-Portuguesa, Arte Sacra, Retábulo, Iconografia, Mobiliário

Indo-Portuguese art on the Mozambique Island: an exchange of forms and tastes

Abstract

This dissertation aims to make known part of the heritage of the Mozambique Island, in which the urge to safeguard led to the creation of important centers of Indo-Portuguese art, in particular, the Sacred Art Museum and the Decorative Arts Museum, created by the Commission of Monuments and Historical Relics of Mozambique, during the New State, at the end of 1969, specifically when the Island became an attraction.

It contextualizes the marked Indian presence in art applied to architecture, sacred art and furniture on the Mozambique Island, where pieces of high artistic and historical value are preserved, from the sixteen centuries to the first half of the twenty century, result of the fusion of Portuguese culture with oriental cultures from the Indian ocean.

In this heritage study, particular focus is given to the movable heritage that constitutes the MUSIM (Museums of the Mozambique Island), a state institution tutored by Culture, which includes the museums where most of the pieces mentioned and presented are located. The present investigation also includes pieces from other state institutions and particularly, from the Mozambique Island and from Maputo, as a sample of what has been preserved of this art in Mozambican territory.

It reveals, in parallel, the history and culture of this city, which is a World Heritage Site, and revealing the path taken to safeguard its legacy, the main actions that took place in the colonial period are recorded and in the post-independence for its dissemination and valorization aiming at the preservation of collective memories.

Key words

Mozambique Island, Indo-Portuguese Art, Sacred Art, Altarpiece, Iconography, Furniture

ÍNDICE GERAL

I Volume

Resumo	vii
Índice Geral	ix
Abreviatura e siglas utilizadas	xii
Introdução	1
Revisão da literatura	5
Capítulo 1 A Ilha de Moçambique e o seu enquadramento geográfico e histórico	13
1.1 A confluência de culturas	19
Capítulo 2 A Arte indo-portuguesa na Ilha de Moçambique	22
2.1 Arquitetura religiosa e o seu património integrado	25
2.2 Igrejas da Ilha de Moçambique e Mossuril	26
2.2.1 Igreja da Misericórdia.....	26
2.2.2 Capela de S. Francisco Xavier	27
2.2.3 Igreja de N ^a Sra. da Saúde	28
2.2.4 Capela de N ^a Sra. Dos Remédios	31
2.2.5 Igreja de S. Paulo.....	33
2.3 Património móvel de cariz religioso: o Museu de Arte Sacra: Razões da escolha do local: dependências da Igreja da Misericórdia:	42
2.3.1 A arte indo-portuguesa no acervo do Museu de Arte Sacra	47
2.3.2 - Escultura em madeira	48

2.3.3 Ourivesaria em prata.....	51
2.3.4 Têxteis.....	56
2.3.5 Mobiliário	57
2.4 Arquitetura civil e o seu património integrado.....	58
2.4.1 Portões com detalhes decorativos indo-portugueses	60
2.5 A musealização do antigo Colégio dos Jesuítas: de Palácio de S. Paulo a Museu de Artes Decorativas.....	60
2.6 O mobiliário Indo-português	70
2.6.1 Par de bancas de escrita (Goa, séc. XVII).....	71
2.6.2 O mobiliário indo-português e o mobiliário anglo-indiano (Séc. XIX)	72
Móveis de assento	76
Mesas	82
Leitos	85
Armários	86
2.6.3 O mobiliário indo-afro-português (Moçambique, séc. XX)	88
Considerações finais	92
Fontes, Bibliografia e Webgrafia.....	95
Fontes consultadas no Arquivo do Património Cultural (ARPAC)-.....	95
Fontes consultadas no Arquivo Histórico de Moçambique (AHM)	96
Fontes consultadas no Departamento de Museus/ DNPC	96
Fontes consultadas nos Arquivos da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG)	97

Catálogos/ Brochuras/ Revistas	97
Bibliografia e Webgrafia	98
Sítios no espaço www	110

Abreviaturas e siglas utilizadas

AA. VV- Obra literária com vários autores

AHM- Arquivo Histórico de Moçambique (Maputo)

AHU- Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa)

ARPAC- Arquivo do Património Cultural (Maputo)

BNP- Biblioteca Nacional de Portugal (Lisboa)

BO- Boletim Oficial

BSGL- Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa (Lisboa)

CMIM- Conselho Municipal da Ilha de Moçambique (Ilha de Moçambique)

CMRHM- Comissão de Monumentos e de Relíquias Históricas de Moçambique (Lourenço Marques)

CNCDP- Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses (Lisboa)

Cx.- Caixa

DGPC- Direção Geral do Património Cultural (Lisboa)

Dim.- Dimensões

DM- Departamento de Museus (Moçambique)

DNPC- Direção Nacional do Património Cultural (Maputo)

EPM-CELP- Escola Portuguesa de Moçambique- Centro de Estudos e Língua Portuguesa (Maputo)

ESAD- Escola Superior de Artes Decorativas (Lisboa)

FCG- Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa)

Fig(s). - Figura(s)

FRESS- Fundação Ricardo Espírito Santo Silva (Lisboa)

GACIM- Gabinete de Conservação da Ilha de Moçambique (Ilha de Moçambique)

Idem Ibidem- Em referências bibliográficas, *idem* significa o mesmo autor e *ibidem* significa na mesma obra, ou na mesma página.

IPAD- Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (Lisboa)

IPM- Instituto Português de Museus (Portugal)

MAS- Museu de Arte Sacra (Ilha de Moçambique)

MC- Ministério da Cultura (Moçambique)

MEC- Ministério da Educação e Cultura (Moçambique)

MUSART- Museu Nacional de Arte (Maputo)

MUSIM- Museus da Ilha Moçambique (Ilha de Moçambique)

Ob. Cit.- Do Latim, *opus citatum*, significa obra citada.

P.(p) -Página(s)

Séc.(s)- Século (s)

[*sic*]- “Segundo Informa Consulente”, usada entre parênteses, numa citação indica que o texto original foi reproduzido, mesmo que com alguma incorreção ou que possa parecer estranho.

UAb- Universidade Aberta (Portugal)

UEM- Universidade Eduardo Mondlane-(Maputo)

UNESCO- Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

Vol. -Volume

Introdução

Moçambique, para além de um rico e exuberante património natural, possui igualmente um excecional património cultural, onde está refletida a sua multiculturalidade. Ao norte, na Ilha de Moçambique, as obras de arte ali preservadas até aos nossos dias, uma parte significativa nos Museus aí criados, resultaram da miscigenação dos povos que se cruzaram neste apertado espaço do Índico, deixando múltiplos vestígios da sua passagem. Exemplo dessa encruzilhada de culturas é a arte indo-portuguesa que este trabalho dá a conhecer.

A seleção do tema desta dissertação resulta da proximidade com este património, que ocorreu a partir de uma investigação iniciada pela autora em 1994, em Maputo e que teve continuidade através de um contrato de cooperação técnica, entre o Instituto Português do Apoio ao Desenvolvimento (IPAD) e o então Ministério da Cultura, Juventude e Desportos de Moçambique, em 1998. A autora integrou a equipa do Departamento de Museus (DM) que levava a cabo um programa de requalificação dos museus existentes. Entre eles contavam-se os Museus da Ilha de Moçambique, desde 2004 oficialmente integrados no MUSIM.¹ O órgão estatal moçambicano de Cultura, criado em 1976, responsável por garantir a preservação e a divulgação do património cultural nacional, material (móvel e imóvel) e imaterial, tem vindo a desenvolver várias ações, com o apoio técnico da cooperação internacional. Este apoio tem sido muito importante num contexto de ausência de recursos capacitados para áreas desta natureza. No caso do património móvel foi seguida e, mais tarde, aprovada, uma política museológica² que se aplica a todos os museus e, claro, também aos Museus da Ilha de Moçambique, política esta que tem vindo a ser implementada num contexto muito difícil. O desenvolvimento da investigação que decorreu em Moçambique (Maputo e Ilha de Moçambique) e mais tarde em Portugal (Lisboa), veio dar origem a este trabalho e teve por

¹ Decreto nº31/2004 de 18 de Agosto (Criação dos MUSIM)- Disponível *online* em: https://www.ilhademocambique.co.mz/sites/default/files/anexos/decreto_do_museu.pdf [Consultado em 03. 04. 2021]

² Boletim da República, nº22 de 2 de junho DE 2010 Pp130 a 133. Disponível *online* em: [https://lexlink.eu/FileGet.aspx?FileId=1146111#:~:text=A%20Pol%C3%ADtica%20de%20Museus%20tem,%C3%A0%20guarda%20das%20institui%C3%A7%C3%B5es%20museol%C3%B3gicas.\[Consultado](https://lexlink.eu/FileGet.aspx?FileId=1146111#:~:text=A%20Pol%C3%ADtica%20de%20Museus%20tem,%C3%A0%20guarda%20das%20institui%C3%A7%C3%B5es%20museol%C3%B3gicas.[Consultado) [Consultado em 03. 04. 2021]

base a documentação dos acervos museológicos.

As principais metodologias adotadas foram a observação *in loco* do património móvel e imóvel e o seu estudo através da captura de imagens, medição dos objetos museológicos, realização de registos gráficos (**Apêndice II**), consulta de fontes orais e pesquisas em diversos arquivos e bibliotecas. O trabalho de campo realizado tornou possível o contacto direto com o património cultural moçambicano conhecido e/ou preservado, o que permitiu a realização de um estudo direcionado para a arte indo-portuguesa, com particular incidência para o mobiliário e a arte sacra de fabrico indiano, respetivamente à guarda do Museu de Artes Decorativas, (no Palácio de S. Paulo) e do Museu de Arte Sacra (anexo à Igreja da Misericórdia). Os estudos realizados neste sentido, incidiram principalmente nos seguintes campos científicos: História, Artes Decorativas e Estudo do Património.

As primeiras pesquisas desenvolvidas procuraram reunir a informação dispersa, necessária para a documentação das coleções de cada um dos museus da Ilha, para a realização de um inventário atualizado (**Apêndices III e IV**) das peças que os constituem e ainda para o aprofundamento e a contextualização do tema.

Tanto em Moçambique como em Portugal, foi consultada uma vasta bibliografia, mencionada nesta dissertação em lugar próprio, encontrando-se a mesma subdividida em dois períodos da história do país: o colonial e o pós-colonial. Do período colonial foram da maior importância os documentos da Comissão de Monumentos e Relíquias Históricas de Moçambique (CMRHM), bem como os textos da autoria de Alberto F. Marques Pereira, de Alexandre Lobato, de Pedro Quirino da Fonseca e de Maria Madalena de Cagigal e Silva.

Do período pós-colonial, foi bastante relevante a recolha do diverso material produzido pela Direção Nacional do Património Cultural (DNPC), através do Departamento de Museus (DM), nomeadamente a documentação produzida até ao ano de 2000.

Foi também consultada documentação mais recente e publicações de diversos autores, umas de cariz mais poéticas e outras mais objetivas.

Na Ilha de Moçambique a pesquisa desenvolveu-se maioritariamente nos seus museus, onde foram consultados inventários e relatórios antigos dos bens patrimoniais que pertenceram ao Palácio de S. Paulo ao longo dos tempos e foi analisada várias bibliografias relacionadas com a

sua história e a cultura. No Conselho Municipal (CMIM) foi recolhida imagem do mobiliário indo-português ali existente.

Durante a investigação, *in loco*, realizaram-se entrevistas a alguns habitantes locais, denominados *ilhéus*, sendo estes descendentes de famílias indianas, que nos anos 60 venderam bens móveis de suas casas para o museu que se estava a criar no Palácio de S. Paulo. Estas entrevistas informais não ficaram registadas, nem em papel, nem em áudio, mas contribuíram para o conhecimento das peças que não faziam parte do antigo recheio deste edifício histórico. Para o estudo das artes indo-portuguesas em Moçambique, para além do levantamento do mobiliário indo-português existente nas instalações do CMIM, foram também estudadas as peças do Museu Nacional de Arte (MUSART), em Maputo e de casas de particulares (Maputo e Ilha de Moçambique), o que resultou na publicação de uma brochura divulgativa desta vertente artística³.

Mais recentemente, em Portugal, em agosto de 2021, para o desenvolvimento da presente dissertação, foi retomada a investigação iniciada anteriormente (em 1994), desta vez em bibliotecas e arquivos de Lisboa. Nos Arquivos da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG) foi possível recolher vários documentos manuscritos de extrema importância para a compreensão dos critérios de seleção das peças que foram integradas nos Museus de Arte Sacra e de Artes Decorativas, aqui estudados. Para tal foi necessário um debruçar sobre a documentação relacionada com o trabalho de Madalena Cagigal e Silva, especialista em arte Indo-Portuguesa que à data da criação dos museus da Ilha de Moçambique era a Conservadora do Museu de Arte Popular de Lisboa. Nos arquivos da FCG foram também analisadas as pastas com documentos de Maria Helena Mendes Pinto, relativos à montagem do Museu de Arte Sacra de Rachol, na Índia, uma vez que nos seus estudos são identificadas peças de mobiliário e de arte sacra com grandes semelhanças com as existentes na Ilha de Moçambique, o que permitiu um estudo comparativo, bastante útil no enquadramento cronológico de algumas peças.

³ COSTA, Alda; TEIXEIRA, Sara de S., *Da Índia para Moçambique: Exposição de Mobiliário Indo-Português*. (Brochura) Maputo: MUSART, de 10 de novembro de 1999 a 16 de janeiro de 2000.

Na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), o foco de estudo dirigiu-se à bibliografia que trata do tema em análise, de forma a contextualizar e a definir o termo arte indo-portuguesa e reunir informação de vários investigadores portugueses que se dedicaram ao seu estudo: Reynaldo dos Santos, Cagigal e Silva, Maria Helena Mendes Pinto, Mário Tavares Chicó, Carlos de Azevedo, Pedro Dias, Hélder Carita, José Meco e Mónica Reis, entre outros.

No Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), nas investigações realizadas foram recolhidos documentos manuscritos sobre o Palácio de S. Paulo enquanto residência do Governador Geral de Moçambique e instalação de repartições do Governo, onde se instalou o Museu de Artes Decorativas.

No Palácio Nacional da Pena em Sintra, realizaram-se registos fotográficos das peças de mobiliário indo-europeu, pertencentes ao seu acervo.

Para o desenvolvimento desta dissertação, entre o final de 2020 e fevereiro de 2022 foi de extrema importância a digitalização de documentos do arquivo do Departamento de Museus, em Maputo, e mais propriamente da documentação recolhida e organizada pela autora há já alguns anos, aquando do estudo do acervo destes museus. O acesso a este arquivo, temporariamente inacessível ao público, necessitou de uma autorização da Direção Nacional do Património Cultural (DNPC).

Vários autores têm escrito sobre a Ilha de Moçambique, e há estudos recentes, mas são praticamente inexistentes os estudos sobre a especificidade do seu património artístico e mesmo sobre os acervos dos seus museus. O trabalho de investigação realizado revelou que, apesar de existirem algumas referências e estudos sobre o património indo-português que ali se manteve, há ainda por realizar um trabalho de síntese, estruturado e focado, que abranja as suas várias categorias, uma vez que nesta cidade histórica conserva-se um número bastante representativo de peças artísticas, a maior parte destas pertencentes ao Museu de Artes Decorativas (mobiliário), à Igreja de S. Paulo (retábulos) e ao Museu de Arte Sacra (escultura em madeira, ourivesaria em prata e têxteis), dignas de serem preservadas e divulgadas ao mundo, tendo em consideração que a Ilha de Moçambique integra a Lista do Património Mundial e que Moçambique é signatária da Convenção do Património Mundial desde 1982. É de acreditar que uma dissertação na área dos Estudos do Património, direcionada para este

tema contribuirá para a compreensão e divulgação da riqueza deste património moçambicano que se encontra na Ilha de Moçambique, fruto da interculturalidade dos povos que ali se cruzaram, que constitui um legado artístico diversificado ao nível das formas, da iconografia e dos materiais e que importa conservar como memória coletiva.

Revisão da literatura

Edições anteriores à Independência de Moçambique (25 de julho de 1975), que contribuíram para o estudo da arte indo-portuguesa na Ilha de Moçambique:

- «A capital de Moçambique sob o Ponto de vista da Imigração e Colonização»⁴[sic], com referência às peças escultóricas das capelas e igrejas da Ilha de Moçambique;
- Boletim Oficial do Governo Geral da Província de Moçambique, de 1892, onde é publicado o «Plano de distribuição das alfaias do Culto religioso»⁵, pelas várias igrejas da Ilha de Moçambique.
- Na revista «Serões» de 1901, António Ennes⁶ descreve os interiores do Palácio de S. Paulo e da sua Igreja anexa aquando da sua passagem pela Ilha de Moçambique;
- O Álbum Fotográfico de José dos Santos Rufino⁷, ilustra uma sala do Palácio de S. Paulo, mobilada com móveis indo-europeus que ali se mantiveram até aos nossos dias;
- Em 1934, José J. Teixeira Botelho⁸, transcreve um relato de um padre Jesuíta que desembarcou na Ilha de Moçambique em 1688 e refere as «ricas» pratas que ali encontrou ao serviço da igreja;

⁴ RIBEIRO, Manuel Ferreira Ribeiro, «A capital de Moçambique sob o Ponto de vista da Imigração e Colonização», *Bibliotheca Africana*. Porto: Empreza Ferreira de Brito[sic.], 1882, p 30.

⁵ «Plano de distribuição das alfaias do Culto divino a que allude a portaria supra», *BO* [sic.] N° 34. Portaria n° 368. Lourenço Marques, 20 de agosto: Governo Geral da Província de Moçambique, 1892, pp. 353 e 354.

⁶ ENNES, António, «De Lisboa a Moçambique». Serões (Revista). Segunda Série, Volume I, N°3, Cap. III. Lisboa: Typographia dos Serões, [sic.] maio e junho de 1901, pp145-158. Disponível *online* em: [SeroesN03.PDF](#). [Consultado a 01.06.2021].

⁷ RUFINO, José dos Santos, Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colónia de Moçambique. N° 07, [Distrito de Moçambique - Aspectos Gerais] [sic.] 1929, pp.7 e 11.

⁸ BOTELHO, José Justino, «Território da Capitania de Moçambique quando se separou da Índia. Divisão Administrativa», *História Militar e Política dos Portugueses em Moçambique*. Parte IV. Cap. II Lisboa: Centro Topográfico Colonial, 1934, p. 380 e 381.AHM. Cota B295.

- João Couto, em 1936, estuda duas sacras de Tete ⁹ (Moçambique), para que viessem a integrar o Museu de Arte Sacra que se criou na Ilha de Moçambique;
- Em 1939, Santana Sebastião da Cunha,¹⁰ dá informação sobre as lages tumulares do interior da Igreja de S. Paulo quando faz referência à Ilha de Moçambique e arredores;
- Em 1944, João Francisco dos Santos¹¹, enumera os objetos que pertenceram à Igreja de N^a. Sra. do Baluarte (Ilha de Moçambique), e que foram enviados para Lourenço Marques.
- Em 1945, Alexandre Lobato¹²descreve os interiores do Palácio e da Igreja de S. Paulo, analisando os seus retábulos que denominada de «luso-indianos»;
- Virgínia Rau, em 1963,¹³[sic], escreve sobre os altares da Igreja de S. Paulo.

Tanto quanto foi possível averiguar, nas pesquisas realizadas, dos investigadores da época colonial, Cagigal e Silva, foi, a par de Alexandre Lobato (Diretor do AHM), a investigadora que mais aprofundou o estudo das peças de arte indo-portuguesa existentes na Ilha de Moçambique e nos seus arredores. Enquanto Conservadora do Museu de Arte Popular esta investigadora realizou uma visita a Moçambique, no ano de 1966, para a realização do estudo, da classificação e inventariação das peças existentes na Igreja da Misericórdia, por solicitação da CMRHM e a expensas da FCG. *In loco*, Cagigal e Silva verificou a existência de peças que considerou de grande valor artístico e histórico, que viriam a integrar o Museu de Arte Sacra da Ilha de Moçambique. Estas foram identificadas e inventariadas num documento manuscrito

⁹ COUTO, João, *Duas sacras provenientes de Tete*. Documentário Trimestral. Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique, set. 1936, pp 5-14.

¹⁰ CUNHA, Santana Sebastião da «Palácio e Igreja de S. Paulo», *Antiguidades Históricas da Ilha de Moçambique e do Litoral Fronteiro, desde os tempos da ocupação*. Vol. 1, nº8. Lisboa: Oficinas da União Gráfica, 1939, pp 106-109.

¹¹ SANTOS, João Francisco dos, *Memória da Igreja de Nossa senhora da Conceição*. Lourenço Marques: Imprensa Nacional, 1944, pp 62 e 63.

¹²LOBATO, Alexandre, «A Ilha de Moçambique: Breve História da Ilha de Moçambique» (Monografia), Documentário Trimestral, Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique, 1945, p 25-37.

¹³RAU, Virgínia, «Aspectos Étnicos-culturais da Ilha de Moçambique em 1822», [sic.] *Studia*. (Revista Semanal). Nº11. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, janeiro de 1963, p. 129. AHM. Cota PP 51.

e sem fotografias. O inventário¹⁴ e o relatório¹⁵ que esta investigadora entregou à FCG (em 1966), revelaram-se importantes fontes primárias, nos quais os objetos por si estudos foram organizados nas categorias de mobiliário, tecidos, cerâmica, vitral e litografias.

Desta autora existem vários documentos relacionados com o estudo da arte indo-portuguesa, nomeadamente um bastante completo, «A Arte Indo-Portuguesa»¹⁶, que contempla informação relativa ao património sacro de origem indo-portuguesa que esta pôde analisar na Ilha de Moçambique. Da autora existe também um artigo onde é apresentada uma porta de lavra indo-portuguesa que pertence a um edifício onde se crê ter vivido Luís Vaz de Camões enquanto residiu nesta ilha (Séc. XVI).¹⁷

-Em 1965, Octávio Roza de Oliveira,¹⁸ faz o inventário no Museu Histórico-Militar de Lourenço Marques, sendo que parte destas peças foi integrada nos MUSIM;

-Alberto Feliciano M. Pereira, é autor de uma importante referência, que foi bastante útil para este estudo, «A Arte em Moçambique»¹⁹, onde apresenta vários exemplares do património sacro indo-português que foram integrados no Museu de Arte Sacra da Ilha de Moçambique;

-De 1967, a «Ilha de Moçambique: Panorama Histórico», de Alexandre Lobato revela os interiores do Palácio de S. Paulo e da sua igreja;²⁰

No Boletim da CMRHM, *Monumenta*, editado na então cidade de Lourenço Marques, (atual Maputo), existem várias referências a peças que foram integradas nos Museus que se estavam a criar na Ilha de Moçambique, nomeadamente nas edições: N°3, de 1967,²¹ onde é referido o

¹⁴ SILVA, Maria M. Cagigal e, *Inventário dos Objectos Existentes na Igreja da Misericórdia, Destinados ao Futuro Museu da Ilha de Moçambique*. [sic.] Lisboa: FCG, 1966. Pasta Coop, 01891 M 184/63.

¹⁵ SILVA, Maria Madalena Cagigal e, *Relatório do trabalho efetuado em Moçambique em 1966*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966. Pasta Coop, 01891 M 184/63

¹⁶ SILVA, Maria Madalena Cagigal e, *A arte Indo-Portuguesa*. Lisboa: Edições Excelsior, 1966. pp 331, 332,340.

¹⁷ SILVA, Maria Madalena de Cagigal e, «Uma porta Indo-Portuguesa da Ilha de Moçambique», In: *Revista de Etnografia* vol. XIV, tomo 1. N°28. Porto: Imprensa Portuguesa, 1970.

¹⁸ OLIVEIRA, Octávio Roza, «Peças Museológicas que se encontram no Museu Histórico-Militar de Lourenço Marques, instalado na Fortaleza de Nª Sra. Da Conceição, *Breve notícia sobre a Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição, de Lourenço Marques*. Volume N°35. N° 144 e 145. Lourenço Marques: *Separata do Boletim da Sociedade de Estudos de Moçambique*, julho/ dezembro de 1965, pp 226, 227 e 234.

¹⁹ PEREIRA, Alberto Feliciano Marques, *A Arte em Moçambique*, Lisboa, 1966.pp 58-125.

²⁰ LOBATO, Alexandre, *Ilha de Moçambique: Panorama Histórico*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1967, s/p.

²¹ *Monumenta* N°3, Lourenço Marques: CMRHM, 1967, pp 77 e 78. ARPAC. PP92.

apoio dado pela FCG ao financiar a visita de Cagigal e Silva, para a inventariação das peças que iriam integrar o Museu de Arte Sacra; N°5, de 1969²², onde no relatório das atividades realizadas pela Comissão dos Monumentos Nacionais da Província de Moçambique, menciona-se a aquisição de várias peças adquiridas em antiquários da então cidade de Lourenço Marques (atual Maputo), para integrarem o Museu de Arte Sacra da Ilha de Moçambique; N°6, de 1970²³, onde existe uma fotografia da inauguração do Museu de Arte Sacra; N°7, de 1971²⁴ onde se informa do enriquecimento do Museu de Arte Sacra com peças de grande interesse histórico e artístico e da valorização dos Palácio e Igreja de S. Paulo e o N°8, de 1972, onde são mencionados os passos dados na organização do Museu de Artes Decorativas que se instalou no Palácio de S. Paulo, considerado na altura: «...o Museu nacional mais representativo de Artes indo-portuguesas...» [sic].²⁵

-Em 1969, a Comissão Provincial das Comemorações Centenárias de Vasco da Gama e Luís de Camões, editou a brochura do Museu de Arte Sacra²⁶, para a sua abertura ao público;

Ainda e, 1969, António Garcia, na «História de Moçambique Cristão,²⁷ refere e apresenta peças de arte sacra indo-portuguesas existentes na Ilha de Moçambique (**Anexo III**);

-A obra de Rui Knopfli de 1972, refere a remodelação do Palácio de S. Paulo e que o mesmo foi «... convertido em museu de Artes Luso-Orientais...»²⁸, acrescentando que várias peças do culto religioso foram levadas de várias igrejas da Ilha de Moçambique para a Igreja da Misericórdia, permitindo a sua conservação no então criado Museu de Arte Sacra desta cidade.

Edições do período pós-Independência (1975), que de forma mais objetiva ou mais poética abordam a arte indo-portuguesa na Ilha de Moçambique:

²² *Monumenta* N°5, Lourenço Marques: CMRHM, 1969, p. 67. ARPAC. (PP92).

²³ *Monumenta* N°6, Lourenço Marques: CMRHM, 1970, p. 7-10 e 88. ARPAC. (PP92)

²⁴ *Monumenta* N°7, Lourenço Marques CMRHM, 1971, p. 95. ARPAC. (PP92)

²⁵ *Monumenta*, N°8. Lourenço Marques: CMRHM, 1972, pp 95 e 96. ARPAC. (PP92)

²⁶ *Museu de Arte Sacra (Anexo à igreja da Misericórdia)*. Primeiro catálogo do Museu de Arte Sacra da Ilha de Moçambique. Comissão Provincial das Comemorações Centenárias de Vasco da Gama e Luís de Camões, Lourenço Marques: EMOL, novembro de 1969.s/p.

²⁷ GARCIA, António, S.J, «Sessenta anos dos Franciscanos em Moçambique», *História de Moçambique Cristão*. I Volume. Braga: Livraria Cruz, 1972, p.58. ARPAC, Cota 04 Gar.

²⁸ KNOPFLI, Rui (textos e fotos); LOBATO, Alexandre (Prefácio)- *A Ilha do Próspero: Roteiro Privado da Ilha de Moçambique*. Lourenço Marques: Minerva Central, 1972, p.137.

- Em 1975, Alexandre Lobato conta a história da Ilha de Moçambique e refere o seu património imóvel, móvel e os usos e costumes dos seus habitantes e menciona que «Na Capela e no Palácio há peças notáveis de arte portuguesa e indo-portuguesa.»;²⁹
- Um documento de 1978 com as conclusões da Primeira Reunião de Museus e Antiguidades,³⁰ refere a situação dos Museus e Antiguidades sob a tutela da então DNC, apresenta um historial do Palácio e S. Paulo e a intenção de se melhorar o seu recheio;
- Em 1983, a FCG, financia a edição do catálogo da exposição «Ilha de Moçambique em Perigo de Desaparecimento: uma Perspetiva Histórica, um Olhar para o Futuro»,³¹ que menciona um museu fundado por Baltazar Pereira do Lago, onde estão expostas peças de sabor indo-português (Anexo IX);
- De 1985, um texto de Maria Cagigal e Silva,³² refere peças de mobiliário e da arte sacra indo-portuguesas que encontrou nos anos sessenta na Ilha de Moçambique e arredores;
- De 1990, o Boletim Informativo da Embaixada de Portugal em Moçambique,³³ no estudo dos monumentos históricos de Moçambique de herança portuguesa, menciona-se e ilustra-se os interiores da Igreja e do Palácio e de S. Paulo;
- De 1994, Alda Costa é o texto, «Património Oriental em Moçambique: Património a conhecer e a construir»³⁴, onde refere a arte indo-portuguesa existente na Ilha de Moçambique, em coleções estatais e em coleções particulares;

²⁹ LOBATO, Alexandre, «Ilha de Moçambique: Notícia Histórica.» (Texto para ser apresentado ao Presidente Julius Nyerere durante a sua visita a Moçambique, em 1975). Maputo, 1988. In: Arquivo. Boletim do Arquivo Histórico de Moçambique: Ilha de Moçambique. Nos 170 anos da fundação da primeira cidade de Moçambique. Nº 4. Especial. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, 1988, p 76.

³⁰ AA. VV., «A Direcção Nacional de Cultura e o Serviço Nacional de Museus e Antiguidades: O Museu de História Colonial da Ilha de Moçambique», *Primeira reunião de Museus e Antiguidades: Relatórios e Conclusões*. Capítulo 2, Alínea C. Ilha de Moçambique: DNC, de 15 a 24 de julho de 1978, p.5

³¹ AA.VV., *Ilha de Moçambique em Perigo de Desaparecimento: Uma Perspectiva Histórica, Um Olhar para o Futuro[sic]*. Fundação Calouste Gulbenkian. Porto: Inova, Artes Gráficas, 1983, pp.55 e 56

³² SILVA, M. de Cagigal e, «A história e as relações artísticas entre Portugal e a Índia», *Estudos de Histórias de Cartografia Antiga: Memórias*, nº 25. Lisboa: Instituto de Investigação Científica tropical, 1985, pp. 373-374.

³³ AA. VV., «A presença portuguesa em Moçambique. Monumentos históricos: Palácio e Igreja de S. Paulo», *Boletim Informativo. Serviços Culturais*. Maputo: Embaixada de Portugal, Primavera de 1990, pp. 9, 10 e 31.

³⁴ COSTA, Alda, *Património Oriental em Moçambique: Património a conhecer e a construir*. Maputo: Departamento de Museus/ Ministério da Cultura e Juventude/Moçambique, 1994. (Documento datilografado. Comunicação apresentada ao IV Encontro de Museus de País e Comunidades de Língua Portuguesa. 28 fevereiro- 02 março, 1994. Macau).

- De 1998, a edição «Imagens da Arte Colonial»³⁵ ilustra, em formato de álbum fotográfico, os interiores do Museu de Artes Decorativas e o interior da Igreja de S. Paulo;
- Ainda de 1998, de Sara de S. Teixeira, o texto, «Reviver a Índia no Palácio de S. Paulo da Ilha de Moçambique»,³⁶ faz um paralelismo entre os interiores da antiga Índia Portuguesa e os do Museu de Artes Decorativas da Ilha de Moçambique;
- Pedro Dias, em 1999, na sua «História da Arte Portuguesa no Mundo (1415-1822): Espaço do Índico»,³⁷ identifica peças indo-portuguesas de mobiliário e da arte sacra, dos MUSIM;
- De 2000, a comunicação de James Riley, (Curador), «Museus da Ilha de Moçambique»³⁸, menciona a existência de peças de origem indo-portuguesa, nas suas coleções;
- Também no ano 2000, Alda Costa e Sara de S. Teixeira, prepararam uma exposição sobre o mobiliário de origem indo-portuguesa, que se intitulou, «Da Índia para Moçambique: Exposição de Mobiliário Indo-Português»,³⁹ para a qual se editou uma brochura com as peças das coleções do Museu de Artes Decorativas e do CMIM (da Ilha); e ainda, do MUSART, em Maputo (Anexo X).
- Em 2001, o Departamento de Museus editava a primeira brochura divulgativa dos três museus que constituem os MUSIM, para a reabertura do Palácio de S. Paulo a visitas aos Museus de Marinha, no r/c e ao Museu de Artes Decorativas, no 1º piso, depois de grandes obras de reabilitação deste monumento do séc. XVII (Anexo XI);
- Em 2005, Sara de S. Teixeira, apresentou na (EPM-CELP), a comunicação, «Museus da Ilha de Moçambique e a Preservação de Memórias Colectivas»⁴⁰[sic], onde fala da criação dos Museus da Ilha de Moçambique e da importância da preservação do seu acervo;

³⁵ COUTO, Fernando (Coordenação), *Moçambique: Imagens da Arte Colonial*. Maputo: Ndgira, 1998/ 99, s/p.

³⁶ TEIXEIRA, Sara Sousa, *Reviver a Índia no Palácio de S. Paulo da Ilha de Moçambique*. Comunicação apresentada no V Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, setembro de 1998, s/p.

³⁷ DIAS, Pedro, *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415 - 1822): O Espaço do Índico*, Vol. II. Lisboa: Círculo de Leitores, 1999, pp 372-374

³⁸ RILEY, James, «Museus da Ilha de Moçambique», *V Encontro de Museus de Países e Comunidades de Língua Portuguesa*. Maputo: ICOM (Comissão Nacional Portuguesa), 2005, pp 133 a 140.

³⁹ COSTA, Alda; TEIXEIRA, *Ob. cit.*, s/p.

⁴⁰ TEIXEIRA, Sara de S., «Museus da Ilha de Moçambique e a Preservação de Memórias Coletivas». In: *Aprender Juntos*. EPM-CELP, 2005. Ano III, nº4-5, pp 80-87.

-Em 2007, a mesma autora apresenta o texto, «A arte Indo-Portuguesa em Moçambique»,⁴¹ que abrange, a arquitetura, as artes aplicadas, a arte sacra e o mobiliário dos Museus da Ilha de Moçambique, com imagens das peças;

Ainda em 2007, Isabel Macieira na tese de Mestrado, menciona haver na Capela de S. Paulo «...um importante acervo de talha indo-portuguesa, provavelmente oriundo de Goa...»;⁴²

-De 2010, uma obra dirigida por José Mattoso,⁴³ faz menção ao púlpito e ao altar indo-portugueses da Igreja de S. Paulo da Ilha de Moçambique;

-Pedro Leite, em 2010, na Tese de Doutoramento em Museologia,⁴⁴ menciona os Museus da Ilha de Moçambique e os seus acervos;

-Em 2012, João de Canha e Sá, na sua Dissertação de Mestrado em História de Arte,⁴⁵ realizou a análise dos retábulos da Igreja de S. Paulo, na Ilha de Moçambique, em paralelo com o retábulo do antigo Colégio dos jesuítas, em Luanda;

-De 2012 é também o estudo de Francisco Lameira dos «Retábulos do Mundo Português: Tipologias e Modelos Compositivos»⁴⁶, onde enuncia as diversas tipologias de retábulo de origem portuguesa, mencionando o retábulo da Igreja de S. Paulo, da Ilha de Moçambique;

-Um texto de Vera Félix Mariz, de 2012, trata d' «O restauro e a musealização do Hospital da Misericórdia na Ilha de Moçambique: Museu de Arte Sacra»;⁴⁷

⁴¹ TEIXEIRA, Sara, «A Arte Indo-Portuguesa em Moçambique», *Actas do IV Simposium Internacional de Língua Portuguesa- Diálogo entre Culturas*. Aprender Juntos. Ano VI. Nº 8-9. Maputo: EPM-CELP, 2007, pp193-200.

⁴² MACIEIRA, Isabel M. da Silva, *A Ilha de Moçambique durante a idade moderna: a «Cidade de pedra e cal»*. Modelo para a apresentação Tese definitiva. Mestrado em História da Arte Portuguesa. Faro: Universidade do Algarve. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2007.p. 89

⁴³ MATTOSO, José, *Património de Origem Portuguesa no Mundo: Arquitectura e Urbanismo. África. Mar Vermelho. Golfo Pérsico*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. p. 543

⁴⁴ LEITE, Pedro Pa, *CASA MUSS-AMB-IKE: O Estado da Arte da Museologia em Moçambique*. Doutoramento em Museologia. Lisboa: Universidade Lusófona, 2010, pp 47-55. Disponível *online* em: https://www.academia.edu/445042/Casa_Muss-amb-ike_Viagem_pelos_museus_de_Mozambique. [consultado em 15.06.2020],

⁴⁵ CANHA E SÁ, João de, *Retábulos da Companhia de Jesus em Luanda e na Ilha de Moçambique*. Tese de Mestrado em História de Arte. Gambelas: UAlg FCHS, 2012.

⁴⁶ LAMEIRA, Francisco, «O Retábulo no Mundo-Português: Tipologias e Modelos Compositivos», *Promontoria*. [sic.] Ano 10 Nº 10. FCHS, Universidade do Algarve, CHAIA, Universidade de Évora 2012 / 2013. P. 218.

⁴⁷ MARIZ, Vera Félix, «A Musealização de Monumentos e o Restauro Arquitectónico em Moçambique», [sic.] *Atas do VI Encontro de Museus de Países e Comunidades de Língua Portuguesa. Atas 2012*. Lisboa: International Council of Museums (ICOM) 2012, pp.240-242.

- Em 2013, Pedro Dias, na sua obra, «Mobiliário Indo-Português»⁴⁸, ilustra uma fotografia de uma das camas de dossel do Museu de Artes Decorativas da Ilha de Moçambique;
- Da Alcance Editores, a obra «Ilha de Moçambique»,⁴⁹ ilustra duas imagens de uma porta estudada por Cagigal e Silva e faz referência à Igreja de S. Paulo e aos seus retábulos;
- De 2014, a obra de Francisco Lameira e João de Canha e Sá,⁵⁰ inclui o estudo dos retábulos existentes na Ilha de Moçambique;
- De 2016, a Dissertação de Sandra da Cruz,⁵¹ refere a criação do Museu de Artes Decorativas, na Ilha de Moçambique;
- Também de 2016 é um texto de Vera Mariz⁵², no qual a autora trata da criação do Museu de Arte Sacra da Ilha de Moçambique, em antigas instalações da Santa Casa da Misericórdia.
- Em 2018, a Cátedra Patrimónios/ UNESCO, conclui o «Inventário Digital do Museu de Sacra da Ilha de Moçambique»,⁵³ que, a partir de dois antigos inventários do Museu de Arte Sacra, (de Cagigal e Silva e de Sara de S. Teixeira), disponibiliza, *online*, todo o acervo deste museu.

⁴⁸ DIAS, Pedro, *Mobiliário indo-português*. Moreira de Cónegos: Imaginalis, 2013, p. 182.

⁴⁹ RODRIGUES, Eugénia, ROCHA, Aurélio, e NASCIMENTO, Augusto, *Ilha de Moçambique*. Maputo: Alcance Editores, s/d, pp 46, 80 e 81.

⁵⁰ LAMEIRA, Francisco; CANHA E SÁ, João, «Retábulos de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa», *Promontoria Monográfica História da Arte*. [sic.] 06. Loulé: Departamento de Artes e Humanidades da Universidade do Algarve. Câmara de Loulé, 2014. Disponível *online* em: [b2d0d8_3d38ddf931bc43699c5fb4e70a8797ce.pdf \(filesusr.com\)](http://filesusr.com/b2d0d8_3d38ddf931bc43699c5fb4e70a8797ce.pdf)

⁵¹ CRUZ, Sandra C. L. da, *Conversas de Contadores sobre o Indo-Português: a justificação de uma exposição*. (Cap. 2) Lisboa: ISCTE/ Instituto Universitário de Lisboa. Escola de Sociologia e Políticas Públicas, 2016.

⁵² MARIZ, Vera, «De Hospital da Misericórdia a Museu de Arte Sacra da Ilha de Moçambique (Séc. XVI-1969)», *O património artístico das ordens religiosas: entre o liberalismo e a atualidade*. (Edição Especial). Nº3. Lisboa: Artison, 2016. Disponível *online* em: [71-Texto Artigo-270-1-10-20160918 \(3\).pdf](http://www.patrimonios.pt/museus-da-ilha-de-mocambique-museu-de-arte-sacra/71-Texto%20Artigo-270-1-10-20160918%20(3).pdf) [Consultado a 15.04.2021] (Texto apresentado no Colóquio: O Património Artístico das Ordens Religiosas: entre o Liberalismo e a Atualidade. Lisboa, Auditório da Biblioteca Nacional de Portugal, 20 de fevereiro de 2014).

⁵³ *Museus da Ilha de Moçambique: Museu de Arte Sacra. Inventário Digital*. Coimbra: Cátedra da Unesco, 218. Disponível *Online* em: <http://www.patrimonios.pt/museus-da-ilha-de-mocambique-museu-de-arte-sacra/> [consultado em 05.06.2020]

Capítulo 1

1 A Ilha de Moçambique e o seu enquadramento geográfico e histórico (Fig.1.1)

Localizada no ponto mais oriental da África Austral, no oceano Índico e assente num recife de coral, a Ilha de Moçambique situa-se na província de Nampula, no norte de Moçambique, enquadrando-se num arquipélago ao qual pertencem as ilhotas de Goa e de Sena. (Fig. 1.2)

Nos anos sessenta do século passado, Edgar Cardoso projetou uma ponte com 3,80 km de comprimento, para ligar a ilha ao continente fronteiro.

Esta divide-se em dois bairros: a «cidade de pedra e cal», localizada a norte, onde se concentra a grande parte dos monumentos, os edifícios apalaçados, onde se instalaram as repartições públicas, várias construções de diferentes épocas e o «bairro de *macuti*» (material local, resultante da folha da palmeira entrelaçada, utilizado em coberturas de habitações), que se estende ao longo da contracosta, ocupando o sul da ilha, onde vive a maioria da população, em casas com semelhanças às da cultura *Swahili*.

A população residente na Ilha é descendente de grupos Bantu que se encontram em Moçambique desde os primeiros séculos da nossa era (200 – 900). Desde há muito que esta zona do oceano Índico assistia às trocas comerciais entre mercadores vindos das civilizações costeiras, principalmente da Ásia, o que gerou o contacto entre diferentes povos e a sua miscigenação, dando origem aos *Swahili* ou afro-islâmicos da costa oriental de África, que se organizaram em xecados e sultanados, mantendo a Ilha de Moçambique um papel relevante como entreposto do comércio Árabe e da expansão do Islão, entre o séc. X e o séc. XVI, tornando-se o xecado de Moçambique, provavelmente desde o séc. XIII.

Os portugueses ali chegaram no séc. XV, por via terrestre, em busca de ouro, prata e marfim, que trocavam por mercadorias que traziam da Europa, como panos, bugigangas, entre outros. Contudo, só em 1507 é que ali se estabeleceram, encontrando-se inicialmente instalados em Sofala. Entre cerca de 1530 e finais do século XIX, a Ilha torna-se o centro dos estabelecimentos portugueses no Sueste de África, funcionando como capital de Moçambique até ao séc. XIX.

A 2 de março de 1498 o navegador português, Vasco da Gama, ali aportou pela primeira vez, «...encontrando nela um importante entreposto comercial, largamente frequentado por "pangaios" que traziam toda a espécie de especiarias, tecidos e pedrarias, que transaccionavam ao longo da costa africana.» [sic]⁵⁴

A chegada deste navegador português propulsionou um avanço na busca do caminho marítimo para a Índia e para as rotas comerciais, ficando o porto de Moçambique incorporado nesta carreira, por esta ser uma escala para as embarcações que se encontravam sujeitas às intempéries das monções. Nesta altura, o sultão de Zanzibar dominava a Ilha, em nome do Rei de Quíloa (Tanzânia) e a partir dali os árabes realizavam trocas comerciais com o Mar Vermelho, a Pérsia, a Índia e ilhas do Índico. No entanto, o sultão ao sentir o perigo que os portugueses representavam, devido ao seu avançado armamento, viu-se obrigado a deslocar-se para Sancul, povoado do continente fronteiro.

Conta-se que, quando os portugueses ganharam confiança com os habitantes da Ilha, questionaram-lhes sobre quem teria sido o seu primeiro dono, respondendo-lhes os locais que, o nome do sultão que a governava antes desta estar sujeita ao rei de Quíloa, era *Bin-Mbiki*, a quem lhe sucedeu o seu filho *Mussa Bin-Mbiki*. A partir daí os portugueses passaram a chamar aquele local de Moçambique.

Álvaro Velho, no «Roteiro da primeira Viagem de Vasco da Gama» (1497-1499) descreve desta forma a população que encontrou localmente: «Os homens desta terra são ruivos e de bons corpos, e da seita Mafamede e falam como mouros. E as suas vestiduras são panos de linho e de algodão, muito delgados e de muitas côres de listas, e são ricos e lavrados; e todos trazem toucas nas cabeças, com vivos de sêda lavrados com fio de ouro [...]». [sic].⁵⁵

No relatório que o Bispo D. António Barroso entregou ao Ministro do Ultramar, em 1894, sobre a prelazia de Moçambique, onde faz um resumo da história religiosa de Moçambique, este afirma que: «A Ilha de Moçambique...só em 1506 é que foi ocupada de um modo

⁵⁴ «Ilha de Moçambique: A primeira capital da Província», *Moçambique: Documentário Trimestral*. Nº105. Lourenço Marques: Minerva Central, 1961, p. 102.

⁵⁵ Veja-se documento do ARPAC, assinado por Pedro Quirino da Fonseca: «Igreja de S. Paulo» In: CMRHM. Numerador de Informações-propostas. 1963.

definitivo, e no ano seguinte Duarte de Mello levantava nela a fortaleza e igreja, que deve ter sido a primeira desta costa.».⁵⁶

O facto dos portugueses e dos habitantes locais concorrerem comercialmente e praticarem diferentes religiões, respetivamente, o cristianismo e o islamismo, gerou conflitos e um afastamento entre ambos. Segundo as crónicas, aquando da chegada dos portugueses, os edifícios em alvenaria existentes nesta ilha eram mesquitas e palácios dos governantes locais. Gradualmente, o porto da Ilha de Moçambique, enquanto paragem necessária na travessia do Índico, tornou-se uma base naval de grande importância, começando a chegar de Portugal, com alguma regularidade e após meses de difíceis viagens, frotas preparadas para enfrentar as populações locais. (Fig. 1.3) Três anos após a chegada da frota de Vasco da Gama à Ilha de Moçambique, foi ali instalada a sede do Governo Colonial, ficando esta, em 1508, sob o domínio do Rei de Portugal, D. Manuel I e dependente do Estado da Índia, entre 1509 e 1752. «A povoação portuguesa organizou-se, no séc. XVI, à volta da Torre Velha, situando-se a dos árabes ou mouros no sítio do celeiro.

O fosso religioso que na época separava os homens obrigava-os a terem bairros diferentes, cada qual com seus templos privativos».⁵⁷

Entre os séc. XVI e XIX o porto da Ilha foi utilizado por marinheiros de várias proveniências, como a Europa. Estes tinham interesses nas trocas comerciais com o Oriente, nomeadamente com a Índia, uma vez que na sua rota ali aportavam para tratamento, descanso, aguada, recolha de mantimentos e reparação de navios, o que a transformou num dos mais importantes portos do Índico e lhe conferiu uma posição de destaque na economia mundial.

«A sua posição geográfica tornou-o privilegiado como porto estratégico para a própria defesa, para a defesa do litoral fronteiro e futura exploração do interior, e ainda como base de apoio para a exploração e domínio da região do Monomotapa (um reino ao norte do Zimbábwe).»⁵⁸

⁵⁶BARROSO, António, «Padroado de Portugal em África», Relatório da Prelazia de Moçambique. 14ª Série Lisboa: Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, 1895, p. 565-738.

⁵⁷LOBATO, «A Ilha de Moçambique: Notícia Histórica», in SAÚTE, Nelson e SOPA, António. *A Ilha de Moçambique pela voz dos poetas*. Lisboa: Edições 70, 1992, p. 171.

⁵⁸MUTAL, S. (Coordenador/Consultor), “Relatório Global”, *Ilha de Moçambique Património Mundial – Um programa de Desenvolvimento Humano Sustentável e Conservação Integral*, 6 Volumes sectoriais e relatórios com mapas dos locais. Maputo. STS/PNUD/UNESCO/WHC, dezembro 1998, p. 11

Foi, em 1570, em plena época do ouro, que desembarcou em Moçambique a expedição de Francisco Barreto, com a intenção de conquistar esta região do Monomotapa.

A imagem mais antiga que ilustra o povoado da Ilha de Moçambique, é um mapa de 1596, desenhado pelo holandês Jan Huygen Van Linschotten. **(Fig. 1.4)**

Por esta paragem se ter tornado um dos mais importantes portos do império português no Oriente, a par de Goa, Malaca e Macau, os portugueses sentiram a necessidade de nela se instalarem e ali edificar uma fortaleza para sua proteção, que no início do séc. XVI tinha a forma de uma torre, à qual se chamou Torre de S. Gabriel e mais tarde, Torre Velha.

«Desde o final do séc. XVI a meados do séc. XVII, como várias cartas o demonstram, a Ilha de Moçambique torna-se então numa povoação importante, possuindo já duas fortalezas, hospital, igreja, casas religiosas e numeroso casario.»⁵⁹ **(Fig. 1.5)**

Ali se começou a desenvolver um povoado e, por se sentir a necessidade de reforço da defesa do seu porto, D. João de Castro, Vice-Rei da Índia, para o efeito, mandou edificar a Fortaleza de S. Sebastião (1558), em nome do Rei de Portugal, D. Manuel I. Nos terrenos onde lentamente se foi edificando a Fortaleza, já havia um baluarte com artilharia que defendia a entrada do porto e a pequena capela de Nossa Senhora do Baluarte, construída entre 1521 e 1522, o único monumento de arquitetura Manuelina existente em Moçambique.

Entre o final do séc. XVI e o início do séc. XVII, os padres Jesuítas instalam-se na Ilha de Moçambique para a evangelização da população local, o que implicou a construção daquele que se denominou Colégio de S. Francisco Xavier, com capela anexa de invocação a S. Paulo. A expulsão dos padres jesuítas, em 1759, leva a que, em 1763 o então governador, Capitão-General João Pereira da Silva Barba, se estabelecesse naquele que foi o colégio dos padres da Companhia de Jesus, o atual Palácio de S. Paulo. **(Fig.1.6)**

Em 1687 estabeleceu-se na Ilha de Moçambique a Companhia dos Banianes de Diu (que se debatia com problemas de ordem económica), que atribuía o privilégio ao Vice-Rei de estabelecer o comércio entre Moçambique e a Índia, o que impulsionou o desenvolvimento do

⁵⁹ AA.VV., *A Ilha de Moçambique em Perigo de Desaparecimento*, Lisboa, FCG, agosto de 1983. p.31.

comércio entre a Ilha e Diu e motivou várias famílias indianas a deslocarem-se para este ponto de África, à procura de melhores condições de vida. Esta companhia desintegrou-se em 1777. Nesta altura, foram também chegando à ilha artífices, que contribuíram para a construção dos edifícios da parte da cidade denominada «cidade de pedra e cal». Estes construtores indianos acabaram por influenciar a arquitetura da cidade, tanto ao nível técnico como decorativo, deixando visível o seu cunho, como iremos observar mais adiante, na Parte II.

No séc. XVIII, com a decadência económica de Moçambique, a 19 de abril 1752, o Ministro do Rei de Portugal, D. José I, conhecido por Marquês de Pombal, impõe a separação de Moçambique da jurisdição goesa, passando a haver uma dependência administrativa de Lisboa. Em 1761, por carta régia de 9 de maio, a Praça de Moçambique foi elevada a Vila, com Governador Geral ali residente, com sua corte e oficiais e com Câmara Municipal. Tal veio a gerar um grande desenvolvimento que se sentiu na arquitetura e no cultivo de algodão e de café do lado do continente. Através de uma carta régia de 18 de setembro de 1818, a vila de Moçambique é elevada a Cidade, denominando-se S. Sebastião de Moçambique. «Em 04 de Junho de 1833, os Capitães-generais passam a Governadores Gerais».⁶⁰ Esta, entre os séc. XVIII e XIX, serviu também de entreposto no comércio de escravos, construindo-se para tal as feitorias. Este comércio só foi abolido, oficialmente, em 1837.

Nos finais do séc. XIX, a presença portuguesa aumenta em Moçambique, o que leva a um aumento sistemático da ocupação do território moçambicano. A Baía de Lourenço Marques, localizada a sul, começou a ganhar importância económica devido à construção dos caminhos-de-ferro, tornando-se o centro económico de Moçambique e, em 1898 passou a ser a nova capital de Moçambique. Consequentemente, a Ilha de Moçambique entrou em decadência política, perdendo também gradualmente o poder económico, tornando-se numa zona de comércio regional. A transferência da capital da província para a cidade de Nampula, em 1935 e a construção do porto de Nacala, em 1945, vieram acelerar a sua decadência económica. Nos termos do Artigo 30º do Decreto nº 20 985, de 7 de março de 1932, o núcleo urbano da Ilha de Moçambique, é classificado como imóvel de interesse público. (Fig. 1.7)

⁶⁰ Revista Militar. Nº 2500 - maio de 2010. Disponível *online* em: [A Ilhota do Paralelo 15 \(revistamilitar.pt\)](http://www.revistamilitar.pt). [Consultada a 12.07.2021]

Em 1943, através do Diploma legislativo N° 825, foi criada a primeira lei com o objetivo de proteger e salvaguardar o património de Moçambique, que originou a Comissão Nacional de Monumentos e Relíquias Históricas de Moçambique.⁶¹ A sua criação ficou-se a dever ao Governador Geral de então, o General José Tristão de Bettencourt. Esta tinha a missão de «investigar, classificar, restaurar e conservar os monumentos e relíquias da colónia, divulgar o seu conhecimento arqueológico-histórico e promover a sua propaganda cultural e turística» conservar e proteger o património cultural desta província ultramarina.»⁶²

Entre os anos 50 e 60, em Portugal, o regime do Estado Novo intensifica as suas ações em benefício do património português existente nas províncias ultramarinas, não só por consciência dos riscos a que estes estavam expostos por se encontrarem a tão longa distância da metrópole, mas também por nela se começar a sentir algum sentimento anticolonialista. Portentosa do seu grande passado histórico, a Ilha ganha importância como atração turística, o que leva à criação de leis que a protejam. Em 1955, a Portaria n°15:366, de 28 de maio, publicada no Boletim Oficial n°22, I Série, veio estabelecer as normas para a conservação e valorização da Ilha de Moçambique. No referente à Direção Geral de Administração Política e Civil, esta vem determinar que «A conservação e valorização da Ilha de Moçambique, em especial sob o ponto de vista histórico e arqueológico, interessa não só à Província, como a todo o País.»

Depois da proclamação da Independência de Moçambique (1975), a preservação do precioso património Histórico-cultural, esteve entre as prioridades: «A preocupação do Governo com a perda do rico património cultural da Ilha de Moçambique, resultou na criação duma brigada de restauro e conservação de monumentos, em 1977. A tarefa da brigada seria a manutenção dos monumentos principais da Ilha. (...) Por esta razão foi criado, em 1981, o Gabinete de Restauro e Conservação de Monumentos, que, além de dirigir as obras da brigada, devia

⁶¹Sobre o assunto veja-se Moçambique: Documentário Trimestral» N°33. Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique, março de 1943, pp. 143 e 144.

⁶² Ofício dirigido ao Chefe da Repartição do Gabinete do Governador Geral. Lourenço Marques: CMRHM, janeiro de 1965. Copiador de notas 1964 a 1967. ARPAC

preocupar-se com a investigação arquitectónica- histórica da Ilha» ⁶³[sic]. Este gabinete, subordinado ao Museu de Nampula, foi dirigido pelo arquiteto dinamarquês, Jens Hougaard e levou a cabo as primeiras ações de conservação e restauro de alguns edifícios da Ilha de Moçambique. Em 1982, a criação da Secretaria do Estado da Cultura, veio incrementar as ações de salvaguarda do património, sendo aprovada em 1988 a Lei do Património Cultural (Lei nº10/88 de 22 de dezembro).

Entre 1982 e 1985, a Secretaria do Estado da Cultura de Moçambique, com a colaboração da Escola de Arquitectura de Aarhus (Dinamarca), com a participação de vários serviços do estado e ainda com o apoio da Associação Amigos da Ilha de Moçambique, realizou uma série de pesquisas ao património arquitetónico da Ilha, que deram origem a um importante documento denominado «Relatório da Ilha de Moçambique», também conhecido por Relatório Azul, criado para servir de guia na conservação e reabilitação desta cidade histórica.

1.1 A confluência de culturas

A história de Moçambique tem por base o cruzamento de diferentes gentes e culturas, o que se reflete no seu rico património. A miscigenação de uma civilização costeira local, de cultura *Swahili*, com a árabe (desde o séc. X) e ainda com a portuguesa, a partir do séc. XVI, gerou uma cultura ímpar que permitiu que em dezembro de 1991, em Cartago, na Tunísia, esta pequena ilha do Índico fosse considerada Património da Humanidade pela Convenção Mundial da UNESCO. (Doc. n. ° SC-91/CONF.002/15).

O contacto permanente entre diferentes povos permitiu que na Ilha se desenvolvesse uma população multicultural e tolerante. As relações que se estabeleceram com a Índia durante o tempo em que a Ilha esteve sob o seu domínio, tanto a nível político como religioso, geraram contactos entre pessoas e culturas que ainda hoje são notórios no modo de vida da sua

⁶³ HOUGAARD, Jens; PEDRO, Maurício Titos; CUNA, Carlos Martins, *Ilha de Moçambique: Estudos preliminares para um Plano de Conservação e Restauro da Cidade*. Relatório Nº1. Ilha de Moçambique: Gabinete de Restauro e de Conservação de Monumentos, 28 de julho de 1983. p.2

população, na arquitetura e nas obras de arte que se preservaram, tratando-se de um espaço que suporta um enorme peso histórico-cultural, que documenta, não só a expansão portuguesa em Moçambique, como na Índia. «Vemos assim como se vai dar a sobreposição de influências árabes e indianas em Moçambique, não obstante se tratar duma cidade portuguesa; isto explica-se porque os pedreiros que trabalharam na construção destas casas eram originários de Diu, tendo vindo para estas costas a partir dos fins do séc. XVII, por influência dos comerciantes baneanes que desfrutavam nessa altura de certa supremacia.»⁶⁴

Em 1966, Cagigal e Silva de visita à Ilha e arredores, com a missão de classificar e inventariar o acervo de um futuro museu a criar nesta cidade, surpreendida com o que encontrou, escreveu no seu relatório de trabalho: «... Ali se encontram obras de arte de um tipo, que eu saiba, só conhecido da Índia Portuguesa e inexistente na Metrópole. Moçambique é o único ponto do território português actual, a possuir certas construções indo-portuguesas e obras de arte indo-portuguesas também, como retábulos e púlpitos de talha dourada e policromada, e ourivesaria, como só existiam nos territórios da Índia Portuguesa. Não tenho conhecimento de obras idênticas no Portugal Continental, nem em qualquer outro ponto da Europa. Torna-se, por isso, preciosa como documento da expansão portuguesa no Oriente.»⁶⁵ [*sic*]

Denominada *Muípiti* pelo seu povo macua, a Ilha de Moçambique é caracterizada por uma beleza natural e por uma grande diversidade cultural. Nela, apesar de todas as vicissitudes sentidas ao longo dos tempos e com um grande esforço, primeiramente por parte da CMRHM e no período pós-colonial, por parte da Direção Nacional do Património Cultural (DNPC), do Ministério da Cultura (MC), foi preservado até à atualidade, um património resultante da fusão das culturas africana, oriental e ocidental, exemplificativo da criatividade e da perícia técnica dos artesãos de várias proveniências. São exemplo disso, um conjunto de peças de culto religioso e várias peças de mobiliário indo-português e anglo-indiano, que se encontram em grande maioria, nas coleções estatais.

⁶⁴ COELHO, Maria Isabel Hermínia Monteiro- *Ilha de Moçambique*. Lisboa: s/l, 1966, p. 46.

⁶⁵ SILVA, Maria Cagigal e, *ob. Cit.*, pp 13 e 14.

Os Museus da Ilha de Moçambique têm tido um papel relevante na preservação deste património móvel, que apesar de ser um legado de herança colonial, foi assumido como bem patrimonial da nação que foi salvaguardado pelo órgão estatal da cultura de Moçambique, que até hoje tem levado a cabo ações que visam a sua divulgação e a preservação, como importantes testemunhos de memórias coletivas. Contudo, esta tem sido uma árdua tarefa, que só é possível devido aos apoios internacionais, nomeadamente da cooperação portuguesa, dinamarquesa, norueguesa, sueca e americana.

Capítulo 2

2 A Arte indo-portuguesa na Ilha de Moçambique

No final do séc. XV, quando Vasco da Gama descobriu o caminho marítimo para a Índia, deu-se gradualmente a fixação dos portugueses na Índia, o que gerou um intenso intercâmbio social, cultural e artístico. Este intercâmbio foi muito intenso ao nível da arte, adaptando-se à realidade local, formas de peças civis e religiosas que iam chegando do Ocidente e nas quais os hábeis artífices indianos davam asas à sua imaginação, cobrindo-as com uma gramática decorativa própria, resultante de numa interpretação feita ao sabor da sua cultura.

A arte indo-portuguesa, também denominada por alguns autores como luso-indiana, nasce da coexistência destas duas culturas cuja troca de influências, principalmente durante os sécs. XVI, XVII e primeiro quartel do séc. XVIII, gerou peças de raro encanto e exotismo. Antes do uso deste termo, todos os objetos provenientes da Índia eram considerados indianos, não se fazendo uma distinção do mobiliário produzido sob influência mogol (das oficinas dos Estados do Grão-Mogol) e o produzido por influência do Ceilão (atual Sri Lanka), que se passou a denominar «Cingalo-Português». ⁶⁶

Este ramo da arte, desenvolveu-se com a conquista de Goa, (1510) que se tornou capital e centro cultural do oriente lusitano, mas que foi perdendo o seu carácter original com a instalação de feitorias estrangeiras que conseqüentemente originaram o desaparecimento gradual do poder naval português na Índia.

Novas formas de mobiliário e técnicas construtivas foram levadas da Europa, pelos portugueses e assimiladas pelos indianos que usavam simples e escassos móveis. A contribuição indiana nas peças indo-portuguesas está na envolvência ornamental carregada de simbolismo, inspirada nas mitologias hindu e persa. «O contacto entre estas duas civilizações deu vida ao imaginário dos marceneiros, que começaram a utilizar uma série de elementos decorativos que parecem contar histórias rendadas em talha ou desenhadas em embutidos.»⁶⁷

⁶⁶ Sobre este tema veja-se: Pinto, Maria Helena Mendes: «Escritórios, contadores e outros móveis indo-portugueses». In: *Vasco da Gama e a Índia: Conferência Internacional*. Vol. III. (História Religiosa, Cultural e Artística). Paris, 11 a 13 de maio de 1998. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, p309.

⁶⁷ COSTA, Alda; TEIXEIRA, Sara de Sousa, *Ob. Cit*, p.2.

As origens do termo Arte Indo-Portuguesa remontam a 1883, quando Sousa Viterbo utilizou esta designação nas «Notas ao Catálogo da Exposição de Arte Ornamental»,⁶⁸ (MNAA, 1882) e, por sua vez, segundo Cagigal e Silva, Sousa Viterbo foi buscar esta designação a um catálogo daquele que é atualmente o *Victoria and Albert Museum* (Londres). Já em 1883, Joaquim de Vasconcelos, ao escrever sobre a origem dos bordados orientais, considerou que consoante a zona da sua produção, a arte-indo-portuguesa, nas suas diferentes vertentes, deveria organizar-se em três grupos: a arte produzida por artífices orientais que trabalhavam em Lisboa; a arte produzida por artífices portugueses residentes em Goa e noutras cidades sujeitas ao domínio português até Malaca, e a arte resultante da importação de peças originárias do Oriente. Desde então o termo arte indo-portuguesa, tem sido empregue para designar obras de arte produzidas por indianos sob influência portuguesa, bem como obras de arte portuguesa fabricadas sob influência indiana. Este termo engloba a arquitetura, a escultura, a pintura, o mobiliário, os têxteis e a ourivesaria. «A sua produção deve-se às relações políticas, diplomáticas e, por vezes mesmo, de amizade entre Portugueses e Orientais, à encomenda dos nobres ou outros residentes em funções na Índia, para seu uso próprio, ao comércio e, numa muito grande parte, à encomenda religiosa, especialmente das ordens missionárias, para as necessidades de culto e para uso dos conventos ou missões. Como disse, é de salientar a influência dos Jesuítas».⁶⁹

Enquanto colonizadores os portugueses, aos poucos foram ensinando a sua arte aos habitantes locais das zonas onde instalavam as suas feitorias e em troca, estes iam revelando os seus processos de trabalho e a sua gramática decorativa. O facto da Ilha de Moçambique se ter mantido por um largo período sob a jurisdição política e religiosa da Índia Portuguesa, gerou a fusão da cultura indiana com a portuguesa, nesta parte de África. Tal foi muito produtivo no campo das artes, nomeadamente na arquitetura, no mobiliário e na arte sacra, onde artífices

⁶⁸ VITERBO, Francisco Marques de Sousa, *A Exposição de Arte Ornamental: notas ao catálogo*. Vol. 3, Nº 10. Lisboa: Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, 1883. Disponível online em: <https://archive.org/details/exposicaoarteor00vite/page/n105/mode/2up?view=theater> [consultado em 11.12.2021]

⁶⁹SILVA, Maria Madalena de Cagigal e, *Ob Cit* p. 373.

indianos lavraram formas e elementos decorativos que refletem a comunhão de influências europeias e orientais.

Maria Madalena de Cagigal e Silva, no seu abrangente estudo sobre a arte indo portuguesa (1966), menciona o facto dos investigadores de arte se depararem com dificuldades em aplicar com precisão esta denominação das artes decorativas, apontando como principal motivo a falta de documentação relacionada com a origem das peças. E o mesmo acontece com João Couto, historiador de arte que foi diretor do Museu Nacional de Arte Antiga, (Lisboa, Portugal) ao dar a conhecer duas peças de arte sacra de Tete, (província de Moçambique), que refere também as dificuldades sentidas pelos investigadores, na busca das origens de certas peças da arte indo-portuguesa: «...a arte indo-portuguesa [...], não está suficientemente esclarecida, sendo pouco o que sabemos desta característica produção e dos locais em que os artistas praticavam o seu ofício.»⁷⁰

Durante a investigação decorrida para o estudo do património móvel de origem indo-portuguesa na Ilha de Moçambique (arte sacra e de mobiliário), a datação das peças, a sua proveniência e a identificação das madeiras utilizadas, foram questões que prevaleceram. Para o conhecimento rigoroso das madeiras, será ainda necessária uma identificação científica, laboratorial, pois quase todas obtiveram acabamentos que lhes alteraram o seu aspeto natural. Apesar de haver referências a estas peças em alguns inventários antigos, dos séculos XIX e XX e de algumas terem pertencido a edifícios cuja data de construção é conhecida, com a escassa documentação existente, não é possível conhecer a origem de cada uma delas. É apenas possível chegar a uma data aproximada do seu fabrico, seguindo um estudo comparativo de exemplares semelhantes existentes na Índia, em Portugal, na China (Macau) e ainda em Inglaterra. Depois dos portugueses, também os ingleses e os holandeses governaram territórios da Índia, onde Portugal já tinha governado e estas presenças marcaram igualmente a arte indiana, nomeadamente o mobiliário, que embebeu das formas europeias. Apesar disso, o cunho indiano manteve-se principalmente na ornamentação das superfícies das peças que acontecia sob uma interpretação local muito própria, criando-se assim outras vertentes de mobiliário indiano: a anglo-indiana e a indo-holandesa.

⁷⁰ COUTO, João, *Ob. Cit*, p 6.

Para este estudo, foi apenas possível a observação direta de peças existentes em Moçambique e outras em Portugal. Contudo para um estudo comparativo, foi também necessária a observação de outros objetos similares e este estudo realizou-se através de visitas a museus e pesquisas *on-line*, nomeadamente em sítios de museus e de antiquários.

2.1 Arquitetura religiosa e o seu património integrado

A preocupação de converter ao cristianismo os habitantes do antigo distrito de Moçambique e do continente fronteiro, levou à instalação de várias ordens religiosas naquelas paragens do Índico em que na evangelização, tiveram um papel importante os padres Jesuítas. Mas, para o exercício da evangelização e para a prática do culto cristão, foi necessária a construção de edifícios para as missões tendo sido, para tal, encomendados à Índia, retábulos, imagens escultóricas de vulto (Nossa Senhora, de Jesus Cristo e santos) e alfaias litúrgicas.

Neste capítulo, sem querer aprofundar as suas características formais e estéticas de forma exaustiva, é feita uma análise ao trabalho indo-português que se observa nas fachadas e no interior de igrejas da Ilha de Moçambique e do Mossuril, tanto ao nível do retábulo dourado, como do estuque decorativo. Alberto Feliciano Marques Pereira, refere que «Em Moçambique, a origem da arquitetura religiosa é de influência indiana, mais do que do Continente. É da Índia que se exporta a arte até à África Oriental. Mas, enquanto em Goa há concentração de esforços e de valores, em Moçambique eles dispersam-se». ⁷¹

Apesar da arquitetura dos templos religiosos da Ilha de Moçambique e do Mossuril seja modesta, de traçado simples, o mesmo não acontece com os seus retábulos e objetos de culto, que revelam perícia nas técnicas construtiva como decorativa, onde surgem motivos decorativos renascentistas, muitas das vezes interpretados aos olhos dos artesãos indianos.

⁷¹ PEREIRA, Alberto Feliciano Marques, *Ob. Cit.* p 98.

2.2 Igrejas da Ilha de Moçambique e Mossuril

2.2.1 Igreja da Misericórdia (Fig. 2.1)

A Igreja da Misericórdia, construída no mesmo quarteirão do Palácio de S. Paulo, antigo Colégio dos padres jesuítas, é mencionada em 1609, na obra «Ethiópia Oriental, de Frei João dos Santos. A instalação da Santa Casa da Misericórdia, (instituição de cariz social) na Ilha de Moçambique, remonta ao séc. XVI, contudo é possível que este edifício tenha sido construído apenas após o incêndio provocado pelos ataques dos holandeses, em 1607, que destruíram grande parte da povoação e das suas construções.

Esta igreja teve atribuições municipais até 1762. Em 1770, foi-lhe acrescentado um alpendre de alvenaria, para dar proteção aos sem-abrigo. Tal facto encontra-se documentado numa inscrição existente na frontaria, que refere que a fachada da igreja foi reconstruída em 1770, a mando do Provedor Manuel Rodrigues da Costa. Antes destas obras, seria despojada de decoração «...dentro de um estilo sóbrio dos edifícios construídos nos primeiros anos da conquista».⁷²

Nela foi sepultado, em 2 de junho de 1779, o Capitão General Baltazar Pereira do Lago. Em 1834, 1856 e 1898 sofreu grandes reparações e serviu de Sé Matriz entre 1886 e 1891. Com a separação da Igreja do Estado, ocorrida em consequência da proclamação da República a 05 de outubro de 1910, em Moçambique, a Confraria da Santa Casa da Misericórdia foi extinta em 1915, tendo sido o seu património móvel transferido para a Escola de Artes e Ofícios da Ilha de Moçambique. Em 1937 esta igreja foi reinaugurada, e o Padre Santana Sebastião da Cunha encarregou-se da retirada do seu alpendre setecentista, por sinal bastante semelhante ao alpendre que a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios (na Cabaceira Grande) ainda ostenta. No seu interior, o altar-mor é de estética barroca, ao estilo D. João V. Na decoração da sua fachada, verifica-se o cunho indo-português (**Fig. 2.2**) em ornatos de simples execução, que nos remete para a Igreja de S. Paulo de Diu (**Fig. 2.3**) como folhas de acanto

⁷²FONSECA, Pedro Quirino da, «Algumas descobertas de interesse Histórico- Arqueológico», *Boletim da Comissão de Monumentos Nacionais da Província de Moçambique*. N°8. Lourenço Marques: Comissão dos Monumentos Nacionais, 1972, p. 67.

rematadas por aletas (que nos países banhados pelo mediterrâneo encontra-se relacionada com a imortalidade e a veneração às artes) e flores de lótus, que na mitologia hindu simbolizam a regeneração. Desta forma, os pedreiros de Diu marcaram criativamente a sua presença neste espaço do Índico.⁷³ Alberto Feliciano Marques Pereira, na sua obra, «A Arte em Moçambique», refere que: «Os arquitetos portugueses do extremo Oriente constroem os templos cristãos à moda da Renascença, mas sem deixarem de ser influenciados pela arte hindu. (...) Em linhas muito gerais assim se mostram as características da arquitetura religiosa dos séculos XVI e XVII: somatório da arte continental, com motivos de sabor português e de arte hindu, nas suas expressões ornamentais.»⁷⁴

A Igreja da Misericórdia, onde se pratica o culto diário, possui no seu interior, imagens escultóricas de santos e objetos litúrgicos necessários à prática do catolicismo.

2.2.2 Capela de S. Francisco Xavier (Fig. 2.4)

A Capela de S. Francisco Xavier, situada na zona denominada «Cidade de Macuti», próxima da ponte, foi edificada em 1922 no local onde, em 1870 foi colocada uma cruz de madeira, em jeito de padrão, que em 1883 foi substituída por uma cruz em ferro forjado, sobre uma lendária pedra que se crê ter sido utilizada nas suas orações pelo Apóstolo das Índias, S. Francisco Xavier, entre 1541 e 1542.

Esta cruz, protegida por um muro gradeado, foi em 1921 entregue à Confraria de S. Francisco Xavier, que ali construiu esta simples capela., em «... memória do milagre que fez estendendo sobre o mar a sua remendada capa, sentando-se nela e assim atravessando a baía para o continente fronteiro, à vista do barqueiro que lhe recusara passagem na sua barca.»⁷⁵

O alpendre terá sido acrescentado à capela, em 1939. Apesar da sua modesta arquitetura, a sua fachada apresenta alguns elementos decorativos, que embora mais simplificados, se

⁷³ Detalhe das aletas da fachada Igreja da Misericórdia. Ilha de Moçambique. Fotografia da autora. Abril de 2008

⁷⁴ PEREIRA, *Ob. cit.*, p. 94.

⁷⁵ «Igrejas e Capelas de Moçambique», Moçambique: Documentário Trimestral. Ano III, Nº10. Lourenço Marques: Imprensa Nacional, 1937, p. 83. Disponível *online* em: [Memórias de África e do Oriente | Moçambique: Documentário Trimestral. 010 \(ua.pt\)](#)

assemelham aos que os construtores de Diu, num trabalho de cunho indo-português, lavraram na fachada da Igreja da Misericórdia e na Igreja de Nossa Senhora dos de Remédios (Mossuril): folhas de acanto rematadas por aletas, que atribuem um certo movimento ondulado ao remate desta simples fachada.

Esta capela pertence atualmente à Paróquia de Nossa Senhora da Purificação e ali se pratica o culto apenas em certas celebrações.

2.2.3 Igreja de N^a Sra. da Saúde (Fig. 2.5)

Localizada entre a «cidade de pedra e cal» e a «cidade de *macuti*», esta igreja é uma construção da primeira metade do XVII, originária daquela que foi construída pelos padres Capuchos. É anexa ao convento desta ordem religiosa, que ali se instalou em 1633, fundando a igreja no ano seguinte, «...com donativos dos moradores António Coutinho e Brás de Figueiredo, e esmolas de outros devotos, ficou esquecida logo que os frades retiraram.»⁷⁶ Alguns anos depois, foi entregue aos padres de S. João de Deus e já em 1801 sofreu obras de restauro a expensas de um comerciante local de nome Joaquim do Rosário Monteiro, como se pode ler numa lápide localizada numa das paredes do patamar da escadaria que enaltece este templo. Contudo, no ano de 1828 servia apenas como casa mortuária, que recebia os cadáveres vindos do hospital vizinho, enquanto não eram trasladados para o cemitério.

Por decreto lei de 22 de junho de 1819, este templo ficou à responsabilidade da Confraria da Infancia (S. Sebastião), que a encerrou. Em 1879, já na posse da Câmara Municipal da Ilha



de Moçambique, a Igreja de N^a. Sra. da Saúde foi reedificada, estando esta obra documentada por uma lápide com a seguinte inscrição: «A CAMARA MUNICIPAL REEDIFICOU ESTA CAPELLA E MELHOROU A TRAVESSA 1879» [sic.]

⁷⁷(Fig. 2.6)

⁷⁶ Lobato, Alexandre, *Ob. Cit*, s/p

⁷⁷ Fig. 2.6-Fotografia da autora. Ilha de Moçambique, 2007.

Em 1894, este monumento volta a pertencer à Igreja, ocorrendo nela várias obras de restauro, nomeadamente em 1896, 1899, 1952 e em 1998.

Ao seu lado existiu um cemitério de europeus, que acabou por ser transferido para a ponta poente da Ilha. A sua fachada é de linhas bastante simples, que seguem a arquitetura chã, devendo a mesma não ter sofrido grandes alterações desde a sua origem, à exceção das janelas e da porta axial, onde são perceptíveis as alterações sofridas.

Exteriormente, na escadaria de acesso à entrada principal, uma pedra comemorativa da reedificação deste templo em 1801, apresenta uma ornamentação de sabor indo-português, o vaso da fertilidade, ou árvore da vida.



Fig. 2.7-⁷⁸ Retábulo de altar. Madeira dourada, Séc. XVIII. Índia.

É no seu interior que podemos contemplar a beleza do trabalho indo-português, tanto nos simples ornatos em estuque que decoram o teto, como no trabalho de talha dourada do retábulo do seu altar mor. Este, tal como o da Igreja de N^a. Sra. dos Remédios, o da Igreja de S. Paulo e o respetivo púlpito, constituem raros exemplares de talha indo-portuguesa existentes fora da Índia. Trata-se de uma obra do pleno Barroco (séc. XVIII), lavrada na Índia, possivelmente em Goa ou Damão, com função devocional, tipologia de um corpo e de um tramo, com figuras policromadas esculpidas em baixo relevo. Este retábulo apresenta um efeito de profundidade e de simetria, que lhe confere classicismo e solenidade. As suas colunas são inspiradas nas de ordem salomónica e distribuem-se em dois conjuntos formados

⁷⁸ Fig. 2.7- Retábulo do altar-mor da Igreja de N^a. Sra. Da Saúde. Ilha de Moçambique. (Foto da autora, 2008)

por três colunas com capitéis vistosos, sendo que a central de cada trio se encontra avançada em relação às outras duas. Embora neste altar-mor se verifique uma forte presença da mão do artífice indiano (provavelmente goês), a sua gramática decorativa enquadra-se no Barroco europeu. O seu dourado, quando exposto à luz, confere-lhe grande luminosidade. O nicho central é decorado com flores pintadas a dourado sobre um fundo vermelho, numa decoração que se repete no nicho de menores dimensões, localizado na zona superior. Entre as imagens esculpidas, pode-se apreciar a cabeça de Cristo ladeada por anjos e num nível superior, duas esculturas de santos algo toscas do tipo medieval, utilizado em peças de encomendas portuguesas esculpidas em madeira no Oriente cristão.

O retábulo teve um papel importante na religião cristã. É normalmente trabalhado em madeira entalhada, integrado na arquitetura de igrejas e capelas e a sua função é dar resposta às necessidades litúrgicas da comunidade onde se inserem. Os retábulos referidos neste estudo, são do tipo devocional, ou seja, serviam para a devoção a Cristo, à virgem e/ou aos santos, podendo haver no mesmo retábulo vários nichos para devoção múltipla e ocupam a parede fundeira da capela mor. Tanto este retábulo como o da Igreja de N^a. Sra. dos Remédios, apresentam a mesma tipologia: de um único corpo e de um único tramo, e são juntamente com o retábulo da Igreja de S. Paulo, considerados singulares exemplares da arte retabular indo-portuguesa em território africano, o que lhes atribui enorme significado histórico e artístico. No altar da igreja de N^a. Sra. da Saúde, nos anos 60, o seu nicho central albergava a imagem de N^a. Sra. com o menino. (**Fig. 2.8**) Este retábulo ocupa quase toda a parede testeira da capela-mor e coloca-se a hipótese de ter pertencido a uma outra igreja da Ilha de Moçambique ou das suas proximidades, do lado do continente, e que terá sido ali introduzida durante obras de reabilitação do edifício, nos finais de oitocentos. É também curioso observar-se a sua semelhança com o altar de S. José da Sé Catedral de Goa.

Na obra, «Retábulos nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa», os seus autores colocam a hipótese deste retábulo ter pertencido à antiga Igreja do Convento de S. Domingos e acrescentam que: «...foi seguramente importado da cidade de Damão, nos princípios do séc. XVIII, desconhecendo-se a identidade dos artistas intervenientes. É, no entanto, possível atribuir o *risco* a um artista português residente nessa localidade e o entalhe a um profissional

hindu».⁷⁹ Pedro Dias assim se refere relativamente ao presente retábulo: «A sua estrutura baseia-se em dois conjuntos de três colunas de fustes torsos que sustentam um grande entablamento com aletas laterais a delimitar um pano central em que há dois baixos-relevos com figuras de santos e um nicho, hoje com uma imagem moderna. Tem um grande nicho central sobrepujado por um médio-relevo representando Deus Pai. A talha é baixa, não havendo qualquer segmento do retábulo que não esteja recoberto por ela.»⁸⁰ Quanto aos santos ali representados, tendo em conta os tributos de cada um estes, poderão ser: S. Tomás de Aquino (à esquerda): a capa e a bainha rebordada do hábito monacal que se representa com o cordão com três nós, evocando os três votos, pobreza, castidade e obediência; e S. Domingos de Gusmão, Padroeiro da Ordem Dominicana (à direita): a Cruz Abacial, o hábito Dominicano e a capa. (Fig. 2.9)

O teto da Igreja de N^a. Sra. da Saúde é decorado com simples apontamentos de ornatos vegetalistas, em folhas de acanto e em rosáceas trabalhados em estuque. (Figs. 2.10 a 2.12)

2.2.4 Capela de N^a Sra. Dos Remédios

A Capela de Nossa Senhora dos Remédios, foi mandada construir na localidade denominada Cabaceira Grande, no Mossuril, entre 1577 e 1579, por D. Pedro de Castro (Governador de Sofala e Moçambique), com invocação a Nossa Senhora do Rosário. (Fig. 2.13)

Segundo o Padre Santana Sebastião da Cunha ⁸¹, este templo terá sido o primeiro a servir os Dominicanos, em terra firme desta Província. Um ataque de um povo do interior de Moçambique, que se expandiu para a zona costeira, no final do século XVI, dizimou os Dominicanos que ali existiam, tendo ficado bastante destruída a então ermida. As obras ali realizadas em 1700, introduziram-lhe a feição indo-portuguesa e vieram acrescentar-lhes valor

⁷⁹ LAMEIRA, Francisco; CANHA E SÁ, João, *Ob. Cit.* p. 55.

⁸⁰ DIAS, Pedro, *Ob. Cit.*, p.373.

⁸¹ CUNHA, Santana Sebastião da, *Ob. Cit.* s/p.

artístico e estético. Depois de reconstruída foi entregue aos padres jesuítas que ali permaneceram até à sua expulsão (1759).

«Em 13 de Dezembro de 1875 se estabeleceu a Confraria de Nossa Senhora dos Remédios da Cabaceira Grande e se aprovaram os seus estatutos. »⁸²

Este edifício sofreu ao longo dos tempos várias obras de restauro, tendo em 1767 sido restaurada por invocação a Nossa Senhora dos Remédios. A última grande intervenção de restauro ali ocorrida, decorreu em 1969. Um alpendre serve-lhe de fachada, decorada com elementos ornamentais da arte indiana e a sua entrada principal é em arco de volta perfeita e a sua porta é em entalhada com motivos decorativos de gramática indo-portuguesa. (Fig. 2.14) O seu corpo interior é constituído por uma única nave e uma única capela. E nele, existe, ainda embora a merecer uma séria intervenção aos níveis da conservação e do restauro, um dos três retábulos de lavra indo-portuguesa existentes em Moçambique. (Fig. 2.15)

Segundo estudos realizados por Francisco Lameira e João de Canha e Sá, este retábulo foi fabricado no segundo quartel do séc. XVIII, ou seja, no período Barroco final. O mesmo foi encomendado pelo vigário paroquial da ordem dominicana e terá sido importado de Damão, provavelmente de *risco* de um português ali residente e de talha de traça hindu. Ocupa quase a totalidade da parede testeira da igreja e é composto por um único corpo e por um único tramo. A sua função é devocional, tendo um nicho central, que se encontra deteriorado e desprovido de qualquer imagem escultórica de devoção. Ao centro do seu embasamento localiza-se um sacrário. Os extremos laterais do seu corpo são compostos por conjuntos de três colunas torsas, com capitel, arquitrave, friso e cornija decorada com folhagens. No tramo central encontra-se um nicho destinado ao orago do retábulo, que atualmente se encontra incompleto e danificado. No ático, zona superior do retábulo, encontra-se ao centro, um nicho com uma imagem escultórica de um santo ladeado por medalhões com imagens esculpidas em baixo relevo e pintadas a branco. A rematar o ático existem figuras de anjos querubins, entalhadas em relevo, que seguram um festão de flores de cada um dos lados.

⁸² GAMA, J. V- «Discrição dos Estabelecimentos Religiosos da Cidade de Moçambique, extrahida d'um manuscrito do Bispo de S. Tomé e Prelado de Moçambique, D. Fr. Bartholomeu dos Martires, em 1882, com notas do Autor do Almanach.» In: Almanac Civil Ecclesiastico Historico-Administrativo da Província de Moçambique para o anno de 1859, 3º depois do bissexto» [sic.], pp 117-118.

2.2.5 Igreja de S. Paulo⁸³

(Fig. 2. 16)

Na segunda metade do séc. XVI os padres jesuítas partiram de Goa, chefiados pelo Padre Gonçalo da Silveira para iniciar a sua missão em Moçambique. A sua principal intenção era evangelizar o povo local, ensinando-lhes o



cristianismo e para tal, já no início do séc. XVII, edificaram, na Ilha de Moçambique, um colégio de invocação a São Francisco Xavier, com capela anexa de invocação a S. Paulo. Este templo religioso surge de transformações do antigo Colégio de S. Francisco Xavier, estabelecido na Ilha de Moçambique pelos padres Jesuítas. É, muito provavelmente, uma das igrejas mais antigas da costa oriental de África e é possível que a sua invocação tenha surgido em memória da bula do Papa Paulo V, dada em 1612, que criou a Administração Episcopal da Prelazia de Moçambique. Esta alargou-se também ao colégio que ficou conhecido por Colégio de S. Paulo: «Na igreja anexa, sob a invocação de S. Paulo, talvez para memorar a publicação da Bulla de Paulo V, datada de 1612, que criou a administração episcopal da prelazia de Moçambique, foram sepultadas, não só pessoas das mais qualificadas, como também alguns castellões da fortaleza e governadores.» [sic].⁸⁴

Um missionário jesuíta, que, navegava de Lisboa para Goa, no navio de Nossa Senhora da Conceição e ali ficou durante uns dias, assim se expressou relativamente a esta Capela:
«Esbeltavam-se entre outros edifícios da povoação, o Colégio de S, Francisco Xavier, da

⁸³ Fig. 2.16- Vista do largo de S. Paulo, onde se observa a estátua de vasco da Gama e, parte da fachada do Palácio de S. Paulo e a entrada principal da sua Igreja. Fotografia da autora, 2007.

⁸⁴ LAPA, Joaquim José, «Páginas de Pedra: Do Colégio de S. Francisco Xavier da Companhia de Jesus de Moçambique», *África Oriental Portuguesa. Folhas dispersas*. Cap. V, p.42. Moçambique: Imprensa Nacional, 1893.AHM, B27.

Companhia de Jesus [...] O Colégio era um bom edifício de duas tôres, com janelas para o claustro e para o ancoradouro dos navios, e rico, abundando as pratas para o serviço da igreja; os altares eram três, todos com retábulos doirados.» [sic]⁸⁵

Quando, em 1759 os bens que os padres jesuítas possuíam em Moçambique foram confiscados, o então Capitão-General Pedro de Saldanha e Albuquerque mandou para Goa os padres aprisionados. Em 1763, o então Governador o Capitão-General João Pereira da Silva Barba estabeleceu, no que foi Colégio dos Jesuítas, a residência dos Governadores- Capitães-Generais, a Secretaria do Governo e as restantes repartições.

A torre da capela obteve a sua forma atual em 1864, quando se integrou o relógio e três sinos. Após a expulsão dos Jesuítas de Portugal e das suas colónias, ao estabelecer-se no Colégio a residência dos Capitães-generais e Governadores, nos anos 1888 e 1890 a Igreja de S. Paulo foi faustosamente restaurada. Posteriormente, várias foram as obras de conservação e de restauro a que este templo foi sendo submetido, desde o final do século XIX até ao séc. XX.

Nomeadamente, em 1956, pela ocasião da visita do presidente português, Craveiro Lopes e no fim dos anos sessenta, quando se tornou um espaço museológico a par do Palácio de S. Paulo. Desde 2004 que faz parte do núcleo museológico que se denominou, abreviadamente, MUSIM: Museus da Ilha de Moçambique e não se encontra ao uso diário do culto religioso, sendo utilizado apenas em certas cerimónias, como casamentos e batizados, e em eventos culturais, como encontros, seminários e enquanto espaço de exposição temporária.

Nesta capela o trabalho de talha reflete a diversidade cultural da Ilha de Moçambique. Os seus púlpito e altar-mor, constituem retábulos de lavra indo-portuguesa, com formas e elementos decorativos introduzidos por influência portuguesa, em comunhão com motivos decorativos orientais, nomeadamente hindus.

⁸⁵ BOTELHO, José Justino- *Ob. Cit.* p.381.



⁸⁶ Fig. 2.18

Embora os historiadores, Alexandre Lobato, na sua Monografia da Ilha de Moçambique (1945)⁸⁷ e Alberto Feliciano Marques Pereira, na sua obra «História de Arte em Moçambique»⁸⁸ tenham datado este retábulo eucarístico como pertencente ao séc. XVII, em estudos mais recentes, João Canha e Sá (2012)⁸⁹ e Francisco Lameira (2012/2013)⁹⁰, após as análises formal, iconológica e estruturalista deste retábulo encomendado pelos padres Jesuítas, afirmam tratar-se de uma obra mais tardia, do 2º quartel do séc. XVIII, o que a enquadra no período do Barroco final. Este localiza-se na parede do altar-mor, ocupando-a quase na sua totalidade. Trata-

se de um retábulo em talha dourada, que foi, muito provavelmente, encomendado a Goa, de *risco* português e entalhe goês. Contudo, também se coloca uma hipótese menos credível de ter sido fabricado localmente por artistas goeses, já que localmente existia mão de obra de qualidade (oriunda da Índia e de Portugal). Este altar-mor, de planta plana, é composto por três tramos, dois corpos delimitados por um entablamento e ático que se desenvolvem sobre o embasamento, seguindo uma tipologia que se utilizou durante a época de seiscentos e entrou em desuso em setecentos. Neste retábulo os intercolúnios encontram-se inscritos entre colunas torsas organizadas em pares e nele existem oito nichos para a colocação de imagens escultóricas de devoção e de alfaias litúrgicas. Sobre as imagens que se encontravam nos

⁸⁶ Fig. 2.18- Retábulo de altar mor da Igreja de S. Paulo. Ilha de Moçambique. Madeira dourada. Séc. XVIII. Dimensões: 88 x 412 x 61 cm. Altar-mor (Fotografias da autora. Abril de 2008)

⁸⁷ LOBATO, Alexandre, *Ob. Cit.* p.26. AHM, N°114, Cota B.22.

⁸⁸ PEREIRA, Alberto Feliciano Marques, *Ob. Cit.* p.97.

⁸⁹ CANHA E SÁ, João de, *Ob. Cit.* p.121

⁹⁰ LAMEIRA, Francisco, *Ob. Cit.* p. 218.

nichos deste retábulo, nos anos sessenta, Alberto Feliciano Marques Pereira, refere: «No corpo inferior distinguem-se de um e outro lado as imagens dos Apóstolos S. Paulo (à esquerda) e S. Pedro (à direita). Entre ambas, isto é, no nicho central, há um crucifixo. No corpo médio do altar-mor veem-se as imagens do Menino Deus (à esquerda), de Nossa Senhora (ao centro) e de S. José com o menino (à direita). No corpo superior, encontram-se à esquerda e à direita, nos últimos nichos, as imagens de S. Francisco Xavier e de Santo António.»⁹¹

Embora antigamente todos os nichos alojassem imagens escultóricas, atualmente encontram-se vazios, à exceção do principal que se localiza ao centro do corpo inferior, onde se manteve o crucifixo que ali se encontrava antes da musealização deste espaço religioso.

O seu ático, bastante volumoso é composto por três partes, tendo ao centro o monograma da Companhia de Jesus, IHS (Jesus Salvador dos Homens), esculpidas em baixo relevo e um nicho em cada uma das ilhargas que o ladeiam (Fig. 2.19) e este é decorado por colunas torsas que sustentam um frontão composto por ornatos como palmetas e volutas. (Fig. 2.20) O seu embasamento é deslocado do retábulo e é constituído por degraus em alvenaria que dão acesso ao nicho central do primeiro corpo.

O sacrário deste retábulo eucarístico, que aparenta estar incompleto, localiza-se atualmente no tramo do centro do primeiro corpo. (Fig. 2.21) Nesta peça pertencente ao séc. XVIII, o seu formato segue linhas arquitetónicas semelhantes às de um templo, com colunas torneadas a delimitar cada um dos seus lados. A sua porta é decorada com a representação de uma custódia rematada pela cabeça de um anjo e no topo, encontra-se um frontão triangular. Toda a sua decoração entalhada, revela influência indiana nos ornatos vegetalistas e florais. Segundo Cagigal e Silva, pertenceu a uma das antigas igrejas do Distrito de Moçambique e foi entregue à Santa Casa da Misericórdia pela Prelazia de Moçambique.

⁹¹ PEREIRA, Alberto Feliciano Marques, *Ob. Cit*, p.97.



A análise do púlpito da Igreja de S. Paulo leva-nos a uma viagem pela história da Ilha de Moçambique, pela passagem dos padres da Companhia de Jesus por estas paragens e pelo seu processo de evangelização através do recurso ao púlpito e à cenografia que este envolvia.

(Fig. 2.22) ⁹²

O púlpito teve um papel fundamental enquanto peça essencial da pregação e da liturgia, sendo que no quadro religioso e cultural do séc. XVII, este tipo de estrutura foi fundamental para a evangelização dos povos locais, que não conheciam a religião católica.

Integra a arquitetura interior das igrejas católicas, com a função de conferir destaque à leitura da Palavra e para a sua explicitação aos fiéis durante o Sermão. A Companhia de Jesus, enquanto propagava a sua fé católica, demonstrava o seu poder através da ostentação de riqueza, o que se reflete principalmente nos interiores das igrejas. O púlpito localizava-se geralmente do lado do Evangelho, ou seja, do lado esquerdo da nave (segundo a perspetiva dos fiéis) e era colocado em local de destaque de modo a permitir, além da boa audição das palavras do sacerdote (nesta época a acústica era uma preocupação dos construtores de igrejas) uma certa envolvência cenográfica de acordo com a sensibilidade barroca dos séculos XVII e XVIII e o conceito de arte total.

No contexto da Ilha de Moçambique, o Colégio de S. Francisco Xavier e a sua igreja serviam para evangelizar, tentando atrair a população local para o seu interior, envolvendo-a num ambiente espiritual com o intuito de a seduzir. «O trabalho missionário apoiava-se ainda no fausto das celebrações litúrgicas e criação de novos espaços religiosos e simbólicos, que introduzissem uma diferença arquitetónica, emblema de uma nova ordem social.

As escolas-capela assumiam-se como novos locais de culto e de transmissão cultural, e as igrejas das sedes das missões revestiam-se, tanto quanto possível, de grandiosidade. Em

⁹² Figura 2.22- Púlpito e baldaquino. Dim.: 212 x 150 cm. Séc. XVIII, Índia. Igreja de S. Paulo. Ilha de Moçambique. Fotografia do arquivo pessoal de Paulo Pires Teixeira. 2008.

ambos os casos, o que se apresentava aos olhos dos africanos era uma nova simbologia e uma nova manifestação, não apenas religiosa, mas também de poder.»⁹³

Trata-se de um exemplar de cariz maneirista, da arte retabular indo-portuguesa do séc. XVII (1641). É, muito provavelmente o resultado de uma encomenda dos padres jesuítas para ser integrado no interior daquela que foi a igreja do colégio de S. Francisco Xavier e ocupa ainda hoje o seu lugar original. Embora se desconheça a sua autoria, é perceptível pela sua estrutura, pelo material utilizado e sua ornamentação, a existência de um paralelismo com os púlpitos de produção indiana nomeadamente das oficinas de Goa, que era o centro do arquipiscopado da igreja portuguesa no território banhado pelo Oceano Índico.

Na tipologia deste púlpito denota-se semelhanças com as linhas estruturais dos púlpitos barrocos existentes em território português, tanto na sua tipologia como na sua gramática ornamental. O mesmo acontece com outros exemplares que subsistiram até hoje nas igrejas de Goa, ou que se encontram em espaços museológicos portugueses, como é o caso da Casa Museu Medeiros e Almeida, em Lisboa. (Fig. 2.23)

O púlpito da Igreja de S. Paulo da Ilha de Moçambique é uma das relíquias de maior valor do património artístico de Moçambique, que se encontra *in situ*.

De planta octogonal, é constituído por balcão, varanda ou caixa, que na sua parte inferior, é terminada por um pináculo invertido. Encontra-se completo, mantendo o seu original sobrecéu ou baldaquino, que é suspenso na parede através de uma peça estrutural que se assemelha pela sua forma e textura, ao corpo de um animal escamado. (Fig. 2.24)

A sua caixa é composta por sete tramos, separados por colunas, que alojam imagens de santos em alto relevo assentes em mísulas, sendo a zona inferior da caixa decorada por um friso com cabeças de anjos querubins decorados com caju, um fruto que sendo originário da América do Sul, nomeadamente do Brasil, foi introduzido em Moçambique e na Índia por colonos.

⁹³ PEREIRA, Zélia, *Os jesuítas em Moçambique. Aspectos da acção missionária portuguesa em contexto colonial (1941-1974)* (Artigo). p. 86. Disponível online em: https://www.persee.fr/doc/luso_1257-0273_2000_num_7_1_1360. [Consultado em 10.04. 2021]

Quanto aos anjos querubins esculpidos em relevo, embora de feições orientais, alguns têm cabelo claro (louro) e outro cabelo escuro, o que mais uma vez revela a miscigenação resultante do contacto entre oriente e ocidente. (Fig. 2.25) Muito similar é uma escultura policroma de um anjo pertencente ao Convento de Santa Mónica (Goa). (Fig.2.26)

À semelhança dos púlpitos de produção goesa do séc. XVII, utilizou-se na sua estrutura a teca. Abundante na Índia, esta madeira foi delicada e criativamente entalhada e esculpida em baixo e em alto relevo. Trata-se de um retábulo revestido a folha de ouro com policromia nas esculturas de animais fantásticos (Fig. 2.27) pintados a verde seco e nas cabeças dos anjos querubins, que foram pintadas a dourado, amarelo e branco, seguindo os cânones goeses nos quais todo o retábulo deveria ser coberto em folha de ouro num dourado baço, e as imagens esculpidas deveriam ser coloridas.

Pedro Dias ao tratar das artes decorativas e das artes iconográficas da Arte Oriental, considerou esta, uma obra que, para além de possuir «...uma enorme valia artística...», o seu «...desenho arquitectural é muito correto...» e «...as estátuas em relevo quase pleno são excelentes, de grandes correções...» [sic]⁹⁴

A sua estrutura, revestida por uma decoração bastante envolvente, para além de englobar figuras religiosas de santos e de anjos querubins, apresenta folhagens de brutescos e outros elementos vegetalistas como a flor de lótus, animais fantásticos de corpo escamado (que derivam dos ornatos hindustânicos) e uma espécie de seres míticos envolvidos por folhagens e de cujas bocas pendem cajú. Estes seres baseiam-se no rosto humano e foram pouco utilizados na arte cristã. (Fig. 2.28)

«Na Índia estas representações- a que se dá o nome de *Kirtimukhas*- surgem a partir de seres míticos ou selvagens, amplamente usados na escultura interpretadas com a ideia de glória».⁹⁵

Quanto à representação dos cajú, estes substituem as uvas e das parras, que simbolizam o corpo e o sangue de cristo da liturgia cristã, adaptando assim a iconografia do púlpito à realidade local do povo que se queria evangelizar. A representação de animais fantásticos é

⁹⁴ DIAS, Pedro, *Ob. Cit.* p.373.

⁹⁵ REIS, Mónica Esteves-, «Arte Retabular Indo-Portuguesa: exemplos de miscigenação», *Colóquio Internacional "Portugal e o Sueste Asiático: 500 Anos"*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 4 e 5 de maio 2011.

frequente na decoração dos móveis indo-portugueses, contudo nos púlpitos desta estética, surgem também esculturas de nagas ou *nagines* (figuras hindus da ornamentação indiana), nesta posição de suporte. Em contrapartida, nos púlpitos europeus ao gosto Barroco, surgem as representações de cariátides ou de atlantes (figuras gregas da antiguidade clássica). Relativamente à escultura de devoção, o seu estudo iconográfico ainda possui incertezas. Apesar dos estudos comparativos realizados, a rigidez das formas e o mau estado de alguns dos detalhes escultóricos dificultaram a identificação de cada um dos santos esculpido em alto relevo. Na sua monografia «Ilha de Moçambique», Alexandre Lobato expressou precisamente a dificuldade que sentiu na identificação das esculturas deste retábulo nas seguintes palavras: «As imagens são bastante perfeitas e representam santos. A falta de um manual iconográfico não tem permitido identificá-las todas. Conhecem-se apenas Santo Inácio de Loyola, S. Lourenço e Santa Clara.»⁹⁶ (Figs. 2.29 a 2.35)

No Museu de Arte Sacra da Ilha de Moçambique encontra-se o que sobrou de um púlpito em madeira, que pelas características formais e estéticas, será contemporâneo do púlpito da Igreja de S. Paulo. As semelhanças entre ambos são notórias, nomeadamente na escultura de alto relevo do santo (possivelmente Sto. Inácio de Loyola, com o livro na mão esquerda e algo que já desapareceu da sua mão direita, provavelmente um crucifixo) bem como na sua decoração envolvente. (Fig. 2.36) No catálogo do Museu de Arte Sacra, de 1969, sobre este exemplar é mencionado que «Veio recentemente de Angoche, onde estava exposto ao tempo, que o danificou bastante. Poderá aventar-se a hipótese de ter pertencido à Igreja do Convento de S. Domingos ou à Sé Matriz, ambas tão lamentavelmente demolidas no século passado.»⁹⁷ Aquando da investigação realizada para o desenvolvimento do presente trabalho de dissertação, o estudo realizado no arquivo da FCG e mais propriamente nas pastas relativas ao trabalho de Maria Helena Mendes Pinto na sua Missão a Cochim, uma parceria com o *Museum of Christian Art*. (2006), nas fotografias que integram o seu relatório, é possível visualizar-se um púlpito cuja tipologia é bastante idêntica ao púlpito da Igreja de S. Paulo. Na ornamentação da sua caixa verificam-se, tal como no púlpito da Ilha de Moçambique, as

⁹⁶ LOBATO, Alexandre, *Ob. Cit*, p.26.

⁹⁷ *Museu de Arte Sacra (Anexo à igreja da Misericórdia)*. *Ob. Cit*, s/p.

esculturas de anjos inseridos em nichos em baixo relevo, com um friso decorado com cabeças de anjos querubins. (Fig. 2.37)

Na Igreja de S. Paulo, que outrora alojou sepulcros das mais importantes figuras que passaram por esta antiga praça do Índico, prevaleceram duas pedras tumulares. Uma delas é do antigo Governador, Estêvão de Ataíde, que defendeu a Fortaleza de S. Sebastião da Ilha de Moçambique de dois cercos dos holandeses, com o escudo das armas da família Ataíde e com a seguinte inscrição: «Aqui jaz Estevão de Ataíde, Capitão que defendeu duas vezes a fortaleza de cercos que teve dos holandeses e grande General da conquista das minas de prata, a quem a Companhia recebeu. Faleceu neste colégio aos 8 de Outubro de 1613. Posta no ano de 1634.» [sic]

A segunda pedra tumular, localiza-se num nicho da parede da capela mor, do lado do evangelho. (Fig. 2.38) Foi colocada em memória de Bartolomeu Lopes que faleceu em Diu, em 1649. Este foi o fundador do Colégio e da sua capela e possivelmente o doador do terreno onde se construiu o colégio dos padres Jesuítas que passou para a coroa portuguesa, passando a denominar-se S. Paulo ao conjunto arquitetónico, após a expulsão da Companhia de Jesus. Esta pedra tumular, talhada no século XVII em pedra escura, segue linhas arquitetónicas de sabor indo-português, com formato de templete rematado por três pináculos, dois laterais e um central. É constituída por predela, corpo, entablamento e cúpula. A predela (plataforma) é ornamentada com quatro flores de lótus e é rematada, à esquerda e à direita, por dois mascarões. No centro é ladeada por pilastras caneladas e nela encontra-se gravada a inscrição: «Sepultura de Bartolomeu Lopes fundador deste colégio em vida e do de Dio por morte. A Companhia de Jesus em gratificação lhe dedicou este lugar em onde descansam a maior parte dos seus ossos.

Faleceu no Colégio de São Paulo de Goa recebido na Companhia na hora da morte aos 6 de março de 1649.».

O seu entablamento é composto por arquitrave e decorado com flores idênticas às da predela, rematadas dos lados esquerdo e direito por flores de lis. No seu corpo superior, surge uma cruz e o monograma dos padres jesuítas: IHS.



2.3 Património móvel de cariz religioso: o Museu de Arte Sacra ⁹⁸ (Fig. 2.39)

Razões da escolha do local: dependências da Igreja da Misericórdia:

A sua localização na rota das especiarias e a intenção de evangelizar a população local, levaram a que várias missões religiosas se instalassem na Ilha de Moçambique, tendo destas se mantido um significativo património artístico móvel e imóvel. A salvaguarda deste património artístico religioso é uma preocupação centenária.

A Santa Casa da Misericórdia surgiu na Ilha de Moçambique no séc. XVI, servindo benemeritamente à semelhança da Santa Casa da Misericórdia de Goa e da de Lisboa, que regia todas as Santa Casas que se instalaram no então designado território ultramarino. Esta instituição religiosa viveu momentos grandiosos ao longo da sua história, mas também viveu momentos de grande instabilidade, sendo que o tesouro que lhe pertencia, constituído por alfaias religiosas, paramentos e outros objetos de culto, de maior e de menor valor, foi sendo dividido, tomando as suas peças diferentes rumos. Tal aconteceu com a implantação da República que originou a extinção das ordens religiosas (1834), e que promoveu a Lei da Separação do Estado e das Igrejas e, desde então «...não se sabe o destino de muita coisa, nem se sabe bem o que de facto houvesse».⁹⁹

Em consequência da extinção das ordens religiosos, os objetos sacros que lhes pertenciam foram confiscados pelo Estado, que sentiu a necessidade de criar leis que protegessem o património móvel. Para o efeito, foi então criada a portaria N°368, através do Boletim Oficial N°34, de 20 de agosto de 1892, onde ficou registada a distribuição das alfaias pelas várias

⁹⁸ Fig. 2.39- Vista da entrada do museu de Arte Sacra, anexo à igreja da Misericórdia. Ilha de Moçambique. Fotografia da autora, 2007.

⁹⁹ *Museu de Arte Sacra (Anexo à igreja da Misericórdia)*. Ob. Cit. s/p.

igrejas da Diocese, com a fiscalização do Estado, mas sob a responsabilidade dos párocos das respetivas igrejas. Desta forma, pretendia-se que estas alfaias fossem utilizadas no culto religioso, evitando que ficassem arrecadadas, correndo o risco de se deteriorarem.

No primeiro quartel do séc. XX, houve a intenção de se musealizar a Igreja de S. Paulo, mas tal não chegou a acontecer: «Em 1914, quando foi aplicada a lei da separação da Igreja do Estado, a Câmara Municipal pretendeu instalar um museu na capela, mas a igreja foi entregue à Prelazia e depois aberta ao culto.»¹⁰⁰ Em 1940, com a Concordata¹⁰¹, os bens que tinham sido retirados à Igreja, são-lhes devolvidos.

Como resultado da separação da Igreja do Estado, a criação de legislação específica para a proteção e a valorização do património móvel e imóvel da província de Moçambique, foi um fator determinante para que peças de cariz religioso, de grande valor artístico e histórico não se perdessem ao longo dos anos. De entre as várias medidas adotadas, destaca-se a Portaria nº825, no seu artigo nº7, alínea f), de 20 de fevereiro de 1943, que veio regulamentar as competências da CMRHM, entre as quais «... "a instituição, direcção e administração de museus", compreendendo a sua valorização quer em peças museológicas, quer no apetrechamento...»¹⁰²[sic]

Seguindo o projeto de salvaguarda dos monumentos históricos em risco da Província de Moçambique, a CMRHM iniciou uma campanha de promoção da «Ocupação dos Monumentos», por considerar que a sua utilização como espaços culturais/ museus, seria a melhor forma de os utilizar. De entre as várias iniciativas para a salvaguarda do património imóvel, iniciou-se um processo de classificação de monumentos e projetou-se a ocupação de antigos edifícios, evitando assim a aceleração da sua degradação e possível chegada ao estado de ruína. Surge daí a ideia de se organizar um museu, numa parceria entre o Estado português e a FCG e para tal, o primeiro passo a dar seria a catalogação de cada peça.

¹⁰⁰ LOBATO, Alexandre, *Ob. Cit.*, p. 32.

¹⁰¹ Concordata: documento no qual «A República Portuguesa reconhece a personalidade jurídica da Igreja Católica». Informação disponível *online* em: https://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/archivio/documents/rc_seg-st_19400507_santa-sede-portogallo_po.html. [Consultado a 12.03. 2022]

¹⁰² Lourenço Marques: CMRHM, 5 de junho de 1965. Ofício 35/65 remetido à Direcção dos Serviços de Fazenda e Contabilidade [sic]. Copiador de notas 1964 a 1967. ARPAC

A grande custo, foi possível resguardar na Santa Casa da Misericórdia uma coleção de peças de arte sacra, dignas de serem preservadas e exibidas num museu. O então pároco da Igreja da Misericórdia, Reverendo Padre Antero Gomes da Silva, teve um papel fundamental na salvaguarda deste património móvel, ao percorrer as capelas e igrejas da Ilha para recolher os objetos de culto que nelas encontrou e que considerou estarem em risco de desaparecerem, tornando-se deste modo o guardião deste tesouro eclesiástico.

«Quando pretendeu fotografar a colecção para o seu “Panorama estético”, o insuspeitíssimo Alexandre Lobato, viu-se e desejou-se para amolecer a obstinada desconfiança do bom pastor transformado em guardião». ¹⁰³ [*sic*] Desta forma, foram salvaguardados objetos que integram hoje o rico recheio deste museu.

Num documento de 06 de março de 1963, remetido pelo arquiteto responsável pelas obras da CMRHM, Pedro Quirino da Fonseca ao Bispo de Nampula, D. Manuel Medeiros Guerreiro¹⁰⁴, é solicitado parecer sobre a intenção de se inventariar uma coleção de objetos do culto religioso, que se encontrava arrecadado na Igreja da Misericórdia, em esquecimento e em mau estado, a fim de se proteger estas peças de eventuais danos, as classificar como relíquias históricas e, por último, para arranjar dependências para a exposição ao público, deste acervo composto por «... riquíssimas peças, dignas em qualquer parte de pertencerem a um museu.»¹⁰⁵ E, em resposta a este alerta, ainda em 1963, é disponibilizada pelo Secretário Provincial, Major Engenheiro Nuno Maria Rebelo Vaz Pinto ao Governo de Moçambique, uma verba de 100,000\$00 (cem mil escudos), resultante de um subsídio cedido pela FCG para a instalação de um Museu de Arte Sacra na Ilha de Moçambique. Em 1965, a CMRHM, então presidida por Manuel Honório de Matos Viegas, a fim de dar seguimento ao projeto museológico, apresentou ao Bispo de Nampula um plano de instalação do Museu de Arte Sacra (MAS). Os planos museológicos estiveram a cargo de Quirino da Fonseca, que, com o parecer positivo do pároco da Igreja da Misericórdia, estudou a hipótese de se adaptar as

¹⁰³ KNOPFLI, Rui (textos e fotos); LOBATO, Alexandre (Prefácio)- *Ob. Cit.* p.137.

¹⁰⁴ Ofício do ARPAC. Numerador de informações. 1963. Capa 2, CMRHM. Pasta 16: Nampula. 06.03- 1963.

¹⁰⁵ Informação n° 73/63 de 04 de julho de 1963, assinada por Pedro Quirino da Fonseca. Numerador de Informações Proposta. 1963. Numerador de Informações Propostas. N°2. Lourenço Marques: CMRHM, 1963.ARPAC

instalações situadas no corpo lateral da igreja, onde em tempos existiu um hospital (criado pelo Capitão-General Baltazar Pereira do Lago para servir os pobres), para a instalação do museu. Contudo, para tal, deveriam ser observados os condicionamentos derivados do Direito Canónico.

Relativamente ao plano esquemático da instalação deste museu nas dependências da Igreja da Misericórdia (Figs. 2.40 e 2.41) ficou definido que: «A. Conforme se verifica no esquema de apresentação, servir-nos-íamos do Claustro como Átrio e nele exporíamos peças de interesse arqueológico-religioso, como por exemplo lajes de campas e fragmentos de pedras antigas de Igrejas, etc., material já inventariado e disperso em vários pontos da Província;

B) Na sala do rés-do-chão seriam expostas peças de talha, obras de arte em pinturas, paramentos e panejamentos de Altar;

C) Na sala do primeiro andar exporíamos peças de ourivesaria religiosa. (...)»¹⁰⁶

Depois de escolhido o local e de selecionadas as peças a expor, deu-se início às obras de reparação dos acessos e salas de exposição e à encomenda de plintos e de vitrinas. No r/c ficariam expostas as peças de talha, as pinturas e têxteis e, no primeiro andar, as peças de ourivesaria sacra, dispostas em vitrinas, colocando as peças mais frágeis e suscetíveis de se deteriorarem devido ao calor e à humidade da Ilha, em local mais recolhido e fresco.¹⁰⁷

Em 1966, Maria Madalena de Cagigal e Silva, deslocou-se à Província de Moçambique, «...a fim de proceder ao estudo, classificação e inventário das peças existentes na Igreja da Misericórdia da Ilha de Moçambique, que formam o recheio do Museu de Arte Sacra a instalar naquela Igreja.»

Finalmente, em 1969, abre ao público o Museu de Arte Sacra da Ilha de Moçambique, instalado em antigas instalações da Santa Casa, anexas à Igreja da Misericórdia.

O evento da abertura deste espaço museológico foi integrado nas Comemorações do IV Centenário da passagem de Vasco da Gama e Luís de Camões por Moçambique, enquadrado

¹⁰⁶ Ofício 20/65 remetido pela CMRHM ao Presidente da FCG. Lisboa, Direção dos Serviços de Fazenda e Contabilidade. Copiador de notas 1964 a 1967. (...) plano esquemático da instalação do museu de Arte Sacra da Ilha de Moçambique, nas dependências da Igreja da Misericórdia, daquela Ilha.p.2 ARPAC. Lourenço Marques: CMRHM, 5 de junho de 1965 Processo M-184/63 COOP 01891

¹⁰⁷ Informação 16/65. Capa IV, Pasta 16. Copiador de Ofícios. 1964 a 1967. Lourenço Marques: CMRHM, 1975. ARPAC

num pensamento nacional e imperialista do regime político de Salazar. Esta cerimónia contou com a presença de Baltazar Rebelo de Sousa, então Ministro das Corporações, da Saúde e Assistência. (Fig. 2.42) Por ocasião da sua inauguração, em 1969, foi editado pela Comissão Provincial das Comemorações Centenárias de Vasco da Gama e Luís de Camões, o catálogo do Museu de Arte Sacra da Ilha de Moçambique (Anexo IX)¹⁰⁸

Este museu, localizado numa cidade maioritariamente muçulmana, de onde o cristianismo se expandiu por todo Moçambique, conta com peças bastante invulgares, provenientes, na sua maioria, das extintas igrejas da cidade de Moçambique (Ilha) e dos seus arredores, tendo outras sido adquiridas pelo Estado. No Boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais, de 1969, no resumo das atividades realizadas em 1968, é mencionada a aquisição «...de várias peças de muito interesse, destinadas ao Museu de Arte Sacra, obtidas em antiquários da cidade. De entre elas destacamos, pelo seu extraordinário valor e pela sua beleza, um Cristo em talha de madeira, com cerca de 1,80m, de origem indo-portuguesa, e outras, tais como: quatro lanternas processionais do século XVIII e um oratório estilo indo-português.»¹⁰⁹

O seu acervo é constituído por objetos que se utilizaram no culto católico ou que estão relacionados com este, pertencentes às coleções de escultura em madeira, escultura em pedra, ourivesaria em prata, mobiliário, pintura a óleo e têxteis. Tratam-se de peças de rara qualidade e de elevado interesse histórico, sendo grande parte de labor indo-português, produzidas entre os séculos XVI e XVIII.

Para integrar este museu, houve também a intenção de fazer chegar peças pertencentes ao Museu Nacional de Arte Antiga (Lisboa), como é o caso de duas sacras em prata que foram documentadas em 1936 pelo conservador do museu, João Couto. Este informa no seu texto editado no boletim Moçambique Documentário Trimestral, que, segundo o que ficou registado no inventário do museu, pertenceram à antiga Igreja de Tete da Prelazia de Moçambique. Na análise destas peças, este historiador refere-se, como outros já o tinham feito, à dificuldade em identificar claramente o que é considerado arte indo-portuguesa: «...a arte indo-portuguesa, que inundou o país de trabalhos, hoje procurados pelos Museus e pelos coleccionadores,

¹⁰⁸ *Museu de Arte Sacra (Anexo à igreja da Misericórdia). Ob. Cit. s/p.*

¹⁰⁹ *Monumenta*, N°5, Lourenço Marques: CMRHM, 1969, p. 67.

não está suficientemente esclarecida, sendo pouco o que sabemos desta característica produção e dos locais em que os artistas praticavam o seu ofício.»¹¹⁰ [sic] Contudo, quando à integração destas peças no acervo do MAS, parece tal nunca ter acontecido, pois nenhuma das três sacras que pertencem à coleção de ourivesaria deste museu correspondem às identificadas como sendo as provenientes de Tete.

Em 1971, a CMRHM, de forma a melhorar este museu, integrou-lhe a Igreja de S. Paulo (anexa ao Palácio dos Capitães Gerais, antigo colégio jesuíta), que se encontrava restaurada e, com vista a ampliar também o seu acervo, enriqueceu este espaço sagrado com peças de arte sacra que se encontravam dispersas. A correspondência expedida ao Bispo de Nampula por esta Comissão para este efeito, menciona a intenção de: «... ceder da capela de Nossa Senhora da Fortaleza de Lourenço Marques quadros, sacras de prata, e outras alfaias religiosas que lá encontrei e devem ir para o Museu de Arte Sacra, para ver se conseguimos ter um Museu e acabar com as coisas dispersas que nunca formam conjunto nem impressionam ninguém».¹¹¹

2.3.1 A arte indo-portuguesa no acervo do Museu de Arte Sacra (séc. XVI ao séc. XVIII)

Para vir a integrar o museu que se estava a criar, Cagigal e Silva selecionou e inventariou mais de cem obras, de entre os objetos que encontrou durante a sua permanência na Ilha de Moçambique, tendo em conta o seu valor artístico, histórico, documental e ainda, a sua antiguidade. Estas peças dividem-se nas seguintes coleções: escultura em madeira, trabalho em metal (ourivesaria em prata, ouro e outros metais) pintura, mobiliário, cerâmica, têxteis, vitral e litografia.

O capítulo IV do relatório do trabalho (1966) de Cagigal e Silva¹¹² é dedicado às coleções que a investigadora documentou na Igreja da Misericórdia da Ilha de Moçambique, que segundo as suas palavras, «Na sua grande maioria, eram peças de arte indo-portuguesa. Seguiam-se as

¹¹⁰ COUTO, João, *Ob. Cit.*, p 6.

¹¹¹ AHM. Correspondência expedida nº1 a 500. Processo nº7/71; nº186, de 31.03.1971. Lourenço Marques.

¹¹² SILVA, Maria Madalena Cagigal, *Ob. Cit.*pp58-68.

obras de arte portuguesa ou da escola portuguesa, e havia algumas estrangeiras. Certas obras tinham interesse artístico mediano, mas muitas são de excepcional valor. Pode-se dizer, no entanto, que vulgarmente são as peças indo-portuguesas que atingem mais elevada craveira artística e, principalmente, na ourivesaria. Com efeito, estão hoje preservadas na Igreja da Misericórdia da Ilha de Moçambique peças únicas de arte indo-portuguesa, não só em território português, ousamos dizê-lo, como em todo o ocidente, admitindo que não teriam sido destruídas as que ficaram na Índia.»¹¹³

Como mencionado no início deste trabalho, existe um inventário digital do acervo do MAS, que se encontra disponível on-line,¹¹⁴ onde é disponibilizada informação sobre cada uma das peças das diversas coleções de arte deste museu.

Das peças arroladas para integrarem o acervo do MAS da Ilha de Moçambique, serão apenas apresentadas as consideradas de maior relevância no seio de cada coleção: escultura em madeira, ourivesaria (prata e cobre), mobiliário e têxteis (frontal de altar).

2.3.2 - Escultura em madeira (Fig. 2.43)

No MAS, a coleção de escultura em madeira, localizada no seu r/c, conta com peças de escultura de vulto, escultura decorativa e em talha de baixo relevo.

Pedro Dias, autor já aqui mencionado por ter realizado vários estudos sobre esta vertente artística, refere que «Um dos capítulos mais difíceis de estudar da arte indo-portuguesa é o da escultura, não pela inexistência de obras que, na verdade, são muitíssimas, quer *in situ*, quer deslocadas, para Portugal e para outras paragens do Império Português- particularmente, para o Brasil, para Moçambique e Macau- mas pela quase inexistência de documentos que nos dê parâmetros cronológicos e nos permita estabelecer tipologias de artistas, oficinas, correntes e escolas».¹¹⁵ E, corroborando o pensamento de Pedro Dias, reforça-se também aqui a ideia de

¹¹³ SILVA, Maria Madalena Cagigal e, *Idem Ibidem*, p.59.

¹¹⁴ <http://www.patrimonios.pt/museus-da-ilha-de-mocambique-museu-de-arte-sacra/>

¹¹⁵ DIAS, Pedro, «Sobre os Baixo Relevos Maneiristas das Igrejas Indo-Portuguesas», *A Arte Indo-Portuguesa: capítulos da história*. Coimbra: Almedina, 2004.P 263.

que realmente não é simples a datação das peças que constituem, não só a coleção de escultura em madeira, como as restantes que iremos analisar neste capítulo dedicado ao Museu de Arte Sacra da Ilha de Moçambique.

Para esta dissertação realizaram-se paralelismos com obras semelhantes existentes em Igrejas e Museus da antiga Índia Portuguesa, que foram alvo de estudo por parte de Maria Helena Mendes Pinto, aquando da preparação do Museu de Arte Sacra de Rachol (Goa). E, será também tida em conta a datação das peças que Cagigal e Silva identificou para integrarem o acervo do Museu de Arte Sacra da Ilha de Moçambique, cujas fichas de inventário anexou ao seu relatório de 1966, entregue à FCG.

Localizadas no 1º piso do museu, encontram-se sobre plintos, as esculturas de vulto, em madeira, sendo na sua grande maioria representações polícromas de Nossa Senhora, de Cristo e de santos padroeiros das igrejas e de capelas edificadas na Ilha de Moçambique.

À semelhança da escultura indo-portuguesa que se encontra em coleções europeias, é muito possível que estas peças, grande parte de feição indianizada, tenham sido encomendadas a artesãos das cidades onde os portugueses se estabeleceram na Índia (Goa, Damão, Diu e Cochim)¹¹⁶, ou que tenham sido produzidas por artesãos imigrados, por encomenda das ordens do clero secular, para servirem ao catolicismo. Nelas os artífices indianos interpretaram a imaginária europeia, entalhando a iconografia cristã segundo ancestrais técnicas hindustânicas.

No conjunto de escultura de vulto é de destacar a imagem de Nossa Senhora do Baluarte, com o Menino Salvador do Mundo, ao colo, nu e segurando o globo terrestre. Pertenceu ao altar da Capela do Baluarte da Fortaleza de S. Sebastião da Ilha de Moçambique (Séc. XVI/ XVII).

(Figs. 2.44 e 2.45) Vários autores referem esta imagem escultórica, uns denominando-a de Santa Bárbara com o menino ao colo e outros de Nossa Senhora do Baluarte. Alexandre Lobato, na sua Monografia da Ilha de Moçambique, identifica-a como «...uma imagem antiga

¹¹⁶ Cochim, como importante polo do comércio português nas rotas do Oceano Índico, foi a primeira cidade da Índia onde os portugueses se estabeleceram, antes de Goa se tornar a capital. <https://www.buala.org/pt/vou-la-visitar/a-india-nao-estava-coberta-descobrir-a-presenca-portuguesa-em-cochim>

representando Santa Bárbara sobre uma torre».¹¹⁷ Cagigal e Silva refere-se a esta escultura como sendo «...uma interessante escultura indo-portuguesa de madeira representando Santa Bárbara com o menino ao colo, que deve ser do séc. XVI.»¹¹⁸ Contudo, Alberto Feliciano Marques Pereira, na sua obra «A Arte em Moçambique»¹¹⁹ e Pedro Dias, na sua «História da Arte Portuguesa no Mundo»¹²⁰ consideram esta imagem, como sendo Nossa Senhora do Baluarte, uma vez que assenta sobre um baluarte e que tal se deve ao facto de, muito provavelmente, ter resultado de uma encomenda feita especificamente para a capela de Nossa Senhora do Baluarte, localizada na fortaleza de S. Sebastião, parecendo a última hipótese a mais acertada. Esta peça, com cerca de sessenta centímetros de altura, talhada sem proporções, tem semelhanças com a Nossa Senhora com o Menino, pertencente à Igreja de S. Pedro e S. Paulo, em Amaravaty, na Índia, ambas com o menino ao colo, segurando o globo terrestre e com cabelos ondulados bastante semelhantes. (Figs. 2.46 e 2.47)

Dez colunas de secção circular, com decoração vegetalista, provavelmente provenientes do retábulo da destruída igreja do Convento de S. Domingos da Ilha de Moçambique, constituem a recriação de um altar do séc. XVII. (Fig. 2.48) Na mesma área de exposição encontram-se outros exemplares de colunas torsas, de secção circular e decoração vegetalista, do séc. XVIII, que pertenceram a antigos altares de igrejas do Distrito de Moçambique.

Na coleção de escultura em baixo relevo, as peças identificadas como sendo as mais raras, ou seja, de um tipo que a investigadora Cagigal e Silva ainda não tinha avistado na Europa, foram as de escultura decorativa em baixo relevo, nomeadamente painéis e colunas entalhadas.

Uma das interessantes peças indo-portuguesas em madeira entalhada em baixo relevo, que podemos apreciar no MAS, é o painel de um púlpito do século XVII, já desaparecido, que terá pertencido à Igreja do Convento de S. Domingos, ou à Sé Matriz, templos destruídos no séc. XVIII. Relativamente a esta peça, que se encontra em mau estado de conservação, é curioso verificar a grande semelhança da sua moldura e talhe do santo, com os painéis do púlpito da

¹¹⁷ LOBATO, Alexandre, *Idem Ibidem*, p.61.

¹¹⁸ SILVA, Maria Madalena Cagigal e, *Idem Ibidem*, p. 16.

¹¹⁹PEREIRA, Alberto Feliciano, *Idem Ibidem*, pp 84 e 85.

¹²⁰DIAS, Pedro, *Ob. Cit.* p. 373.

Igreja de S. Paulo, já analisados anteriormente. Na madeira do painel, em formato retangular, foi escavado um nicho onde surge a representação de uma figura de santo, entalhada a alto relevo, que agarra um livro com a mão esquerda e é rematado superiormente por uma concha e inferiormente por uma mísula. A moldura que envolve o painel é preenchida com ornatos vegetalistas e elementos decorativos espiralados. Segundo ficou registado no catálogo do Museu de Arte Sacra¹²¹, esta peça terá sido recuperada em Angoche, onde se encontrava desprotegida. (Fig. 2.36)

2.3.3 Ourivesaria em prata

A coleção de ourivesaria, é a que conta com um maior número de peças que, devido ao seu valor histórico e artístico, se encontram na sua maioria resguardadas em vitrinas.¹²²

Os objetos de ourivesaria sacra que foram integrados no MAS da Ilha Moçambique poderão ter duas origens, os que vieram da Índia com os missionários que se instalaram na Ilha de Moçambique e os que foram produzidos por artífices locais, seguindo modelos provenientes da Europa e do Oriente. Madalena de Cagigal e Silva, ao debruçar o seu estudo sobre as peças de trabalho de metal, em ouro e em prata que inventariou para integrar o museu, considerou-as excepcionais, por estas possuírem formas inexistentes nas coleções por si visitadas na Europa. Tratam-se raras de obras da ourivesaria sacra indo-portuguesa, em prata, com símbolos religiosos a par de uma decoração vegetalista clássico-barroca, de interpretação indiana, como: cálices, turíbulos, navetas, caldeirinhas e hissopes, uma cruz processional e uma estante de missal, entre outros. Infelizmente, aos nossos dias não chegaram os objetos em ouro.

Uma das peças que se destaca na coleção de ourivesaria sacra, é uma cruz processional, do séc. XVIII, de estrutura em madeira revestida em prata repuxada e cinzelada ao buril. (Fig.2. 49) Anteriormente à criação do MAS, esta cruz encontrava-se na Igreja da Misericórdia da Ilha de Moçambique, contudo terá pertencido à extinta confraria de S. Francisco Xavier. Trata-se de uma cruz latina cujas hastes são decoradas com girassóis, folhagens, com um friso de contas e

¹²¹ Museu de Arte Sacra (Anexo à igreja da Misericórdia), *Idem Ibidem*, s/p.

¹²² Planeamento das obras a realizar na Ilha de Moçambique. Ofício assinado pelas Obras Públicas, em nome de Brazão Freitas. P. 7. ARPAC, Pasta 19, 1969.

com terminação em formato trilobado, sendo decorada com cabeças aladas de anjos. Ao centro, do lado frontal da peça, existe um medalhão central, de formato circular, onde se insere a figura de um santo com uma cruz na mão e do lado posterior, contém uma inscrição em letras maiúsculas: «SÃO FRANCISCO DE XAVIER DA PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE». A zona inferior desta cruz processional, é ornamentada por um nó em forma de esfera canelada e é continuada por uma zona cilíndrica onde se insere a vara de madeira que a suporta. A sua base possui uma inscrição, que corresponde a uma marca de posse: «Sé de Moçambique 1894». Este objeto é mencionado em várias obras e por vários autores, nomeadamente no relatório de 1966 de Cagigal e Silva¹²³, no Catálogo do MAS (1969)¹²⁴, no Panorama Estético, de Alexandre Lobato (1966).¹²⁵, na Arte em Moçambique de Feliciano Pereira, (1966),¹²⁶ na História da Arte Portuguesa no Mundo, de Pedro Dias, (1999)¹²⁷ e no Inventário Digital do MAS (2018).¹²⁸

Outra peça da coleção de ourivesaria sacra, digna de menção, é uma estante de missal, do séc. XVII, de estrutura em madeira, revestida a prata cinzelada, repuxada e vazada. A peça funciona em sistema de tesoura e a sua decoração vegetalista simboliza a árvore da vida, saindo do vaso, em torno de um medalhão central que encerra o monograma dos padres Jesuítas, IHS (com o S invertido), o que indica que este objeto litúrgico, poderá ter pertencido ao antigo colégio S. Francisco de Xavier de Moçambique. (Fig. 2. 50) Na data da sua incorporação no acervo deste museu, pertencia à Igreja da Misericórdia. Dos antigos conventos extintos, reverteu a favor do Estado e, em 1892 foi devolvida à Igreja de S. Paulo. É feita referência a esta peça no Plano de distribuição das alaias do culto divino pelas várias igrejas de Moçambique, documentado no Boletim Oficial de 20 de agosto de 1892,¹²⁹ cabendo este à Igreja de S. Paulo do colégio dos padres jesuítas. Esta é ainda mencionada nas seguintes

¹²³ SILVA, Maria Madalena Cagigal e, *Ob. Cit.* p.59.

¹²⁴ *Museu de Arte Sacra*, (Catálogo) *Ob. Cit.*, s/p.

¹²⁵ LOBATO, Alexandre- *Ob. Cit.*, s/p.

¹²⁶ PEREIRA, Alberto Feliciano Marques, *Ob. Cit.*, p. 316.

¹²⁷ DIAS, *Ob. Cit.*, p 374.

¹²⁸ *Museus da Ilha de Moçambique: Museu de Arte Sacra. Inventário Digital. Ob. Cit.* s/p.

¹²⁹ «Plano de distribuição das alaias do Culto divino a que allude a portaria supra», *BO N° 34*. Portaria n° 368. Lourenço Marques, 20 de agosto: Governo Geral da Província de Moçambique, 1892, pp. 353 e 354.

obras: Relatório de Cagigal e Silva (1966)¹³⁰ e na Arte em Moçambique de Feliciano Pereira, (1966)¹³¹. Encontra-se em mau estado de conservação, necessitando de restauro.

Entre as peças de ourivesaria, são de salientar dois cofres indo-portugueses, em prata lavrada, dos séculos XVI e XVII, dignos de referência. Ambos pertenceram à Igreja da Misericórdia da Santa Casa de Moçambique. Na sua decoração vegetalista observam-se traços indianos, o que leva a crer que serão peças de fabrico indiano, ou também possivelmente de fabrico local, por artífices indianos, que incutiram a sua estética decorativa em peças com formato de inspiração europeia.

O primeiro cofre eucarístico que aqui se apresenta, terá servido também na Procissão do Senhor Morto. Curiosamente, esta peça lembra o túmulo de S. Francisco Xavier, em Goa. Pela sua tipologia e ornamentação, deverá ser um pouco mais recente do que o cofre apresentado anteriormente, cabendo ainda ao séc. XVI. Pertenceu à Capela de Nossa Senhora da Conceição, que é anexa ao Palácio do Governador do Mossuril. Tem o formato de um baú, com estrutura retangular, tampa abaulada e pés em garra de ave. A sua decoração vegetalista, em baixo relevo, preenche todo o seu corpo e é composta por: frisos de folhagens, entrelaçamentos de ramagens, frisos de palmetas, flores de lótus, romãs e uma custódia, estas últimas na ornamentação da tampa. Em alto relevo, encostado ao espelho da fechadura, encontra-se uma água bicéfala coroada e, no trinco, um lagarto. Localizadas nas faces laterais do cofre, encontram-se as pegas, de decoração encordoada, que se inserem numa flor de lótus. Interiormente deverá ter sido forrado, tendo restado os pregos que fixavam o tecido à estrutura de madeira. «Na tampa, entre os ramos da árvore, assenta uma custódia cujo tipo marca uma transição do século XVI para o século XVII.»¹³² (Fig. 2. 51)

O segundo cofre eucarístico aqui apresentado, serviu possivelmente para o transporte da hóstia aquando das Procissões do Enterro do Santíssimo. Na tradição cristã, estes cofres guardavam-se no sepulcro desde Sexta-feira Santa, até ao domingo da Ressurreição. Esta peça encontra-se

¹³⁰ SILVA, Maria Madalena Cagigal e, *Ob. Cit*, p.59.

¹³¹PEREIRA, Alberto Feliciano Marques *Ob. Cit*, p. 117.

¹³² SILVA, Maria Madalena Cagigal e, *Ob. Cit*, p. 19.

entre as que pertenceram aos conventos extintos e passaram para a posse do Estado português, tendo em 1892 sido entregues à Igreja de S. Paulo. De estrutura em madeira, é trabalhado em prata vazada, de decoração vegetal, ornamentada com cabuchões e o seu interior é forrado a veludo vermelho. Tem a forma de urna, com base retangular e tampa facetada, sendo a sua fechadura cinzelada. Nas suas faces laterais existem pegas, encordoadas, bem ao gosto dos móveis indo-portugueses do séc. XVII. A sua fechadura está quebrada e faltam-lhe cabuchões. **(Fig. 2.52)**

Três turíbulos em prata cinzelada, repuxada e recortada, enriquecem a coleção de ourivesaria em prata. São compostos por taça, tampa e sistema de suspensão formado por quatro correntes. Estes pertenceram às antigas igrejas do então denominado distrito de Moçambique. Trata-se de peças semelhantes, de fabrico do séc. XVII e do séc. XVIII, com ornatos vegetalistas, com frisos de pérolas, cartelas e palmetas. **(Fig. 2.53)**

As três navetas em prata cinzelada e repuxada, que integram a coleção de ourivesaria em prata deste museu, são obras da arte indo-portuguesa fabricadas entre os séc. XVII e XIX. São todas elas constituídas por pé e corpo, sendo a mais antiga, do século XVII e terá servido no cemitério de S. Francisco Xavier, na Ilha de Moçambique. Tem o formato de uma nau decorada superiormente, na amurada, com arcos de volta perfeita vazados, e no casco com incisões a simular a textura de placas de madeira e a da sua pregaria. Na zona do castelo da popa, dobradiças permitem que esta parte se levante para que se guardasse o incenso. A rematar a proa encontra-se uma figura zoomórfica. O seu pé é circular, em formato de disco e é decorado por pétalas e motivos geométricos. **(Fig. 2.54)**

Entre os curiosos objetos desta coleção encontra-se uma lâmpada de prata cinzelada e repuxada, que consta do inventário de 1966 e do catálogo preparado para a abertura do Museu, em 1969. **(Fig. 2.55)** Esta lâmpada, com a forma de uma taça, tem uma tampa com uma abertura para a colocação da lamparina e é suspensa por três correntes que a ligam ao baldaquino de secção circular. A sua base, em forma de tripé, é decorada por três aletas de folhagens e sobre ela assenta a taça, em trabalho repuxado, decorada com ornatos florais e vegetalistas. E, inferiormente observa-se a gravação de um monograma, com as letras A e V sobrepostas por uma espécie de coroa fechada e estas poderão corresponder a *Avé Maria*. A tampa da taça é de ornamentação vegetalista e as três correntes que fazem a ligação entre a taça e o baldaquino,

são decoradas por elementos geométricos entrelaçados e vazados. Superiormente, o baldaquino é decorado por gomos e flores inseridas em pétalas e o seu remate faz-se através de nós achatados, de decoração em gomos, terminando num cone junto à argola de suspensão. No acervo do Museu de Arte Sacra da Ilha de Moçambique, são também de destacar duas caldeirinhas com o respetivo hissope, em prata de lavra indo-portuguesa do séc. XVIII. Uma das peças tem formato de urna assente num pé de secção circular, com alça lisa, em semicírculo. A sua prata repuxada e trabalhada ao buril, é composta por elementos vegetais e elementos geometrizados ao estilo D. João V, como flores, conchas, palmetas e ornatos em formato de S e ainda por frisos de contas. O seu hissope é constituído pelo cabo, com formato cilíndrico no seu início, formato de balaúste ao centro e terminação em esfera de aspensão, lisa, com perfurações no seu extremo. (Fig.2. 56)

A segunda caldeira é igualmente formada pelo vaso e pela alça, que é segura ao vaso por pés em garra e é decorada com aletas assimétricas unidas ao centro por um botão oval. O seu vaso tem a zona inferior isenta de decoração e a zona intermédia decorada com motivos florais e enrolamentos vegetalistas. A parte suporte do vaso tem um bordo côncavo e liso, onde se pode ler a inscrição da marca de posse: “Sé de Moçambique 1898”. O seu hissope é constituído pelo cabo, de secção hexagonal e por uma esfera em cada extremidade e a esfera de aspensão é preenchida por pequenas perfurações. (Fig.2.57)

Entre as peças de prata indo-portuguesa do MAS, encontra-se uma vara de mordomo de estrutura em madeira revestida a prata repuxada, cinzelada e incisa, com ponta em cobre. Trata-se de uma vara de secção circular, ornada com flores de lótus inscritas em losangos. Na sua zona superior, encontra-se a imagem de S. Francisco de Assis inserida num medalhão de formato oval e a sua pega de terminação arredondada, é ornamentada com elementos fitomórficos e flores de lótus. Poderá ter pertencido à ordem Franciscana, embora Cagigal e Silva mencione no seu inventário¹³³ que, por via oral, foi-lhe dada a informação que esta terá pertencido à Congregação de S. Francisco Xavier. Por extinção das ordens religiosas, terá sido entregue ao Estado, que por sua vez a entregou à Confraria da Misericórdia, como consta no

¹³³ SILVA, Maria Madalena Cagigal e, *Ob. Cit.*, s/p.

Boletim Oficial N°34, de 20 de agosto de 1892. Esta peça integra o Inventário da Paróquia da Cidade de Moçambique, de 1938, referida neste documento como bastão em prata. (Fig. 2.58)

Embora ainda houvesse para dar a conhecer neste estudo vários outros interessantes exemplares da ourivesaria indo-portuguesa em prata lavrada, como galhetas e salvas, paternas, resguardos para hóstias, resplendores e palmatórias para velas, em conclusão da apresentação das peças de ourivesaria sacra indo-portuguesa em exposição no 1º piso do Museu de Arte Sacra fica a referência a um dos cálices desta coleção (Fig. 2.59). Trata-se de um exemplar do séc. XVII, em prata em dois tons, dourado e natural, cinzelada, repuxada, recortada e incisa, com cabuchões, pérolas e o que restou de um esmaltado. A sua base, de secção circular, é relevada com uma certa ondulação na qual a parte mais elevada é preenchida por gomos lisos, intercalados por uma decoração floral que termina num friso de pérolas. Entre a base e a copa, que é em forma de campainha invertida, encontram-se nós achatados e decorados em estrias horizontais e sobre a copa, em prata dourada, existe uma decoração vegetalista, em prata vazada no seu tom natural. Esta peça, pelas características que apresenta (uma estranha ligação do nó à base, através de um parafuso), terá sofrido um restauro e Cagigal e Silva acrescenta que: «Internamente, na parte da inserção, há a legenda: M.J. RUDRIGO em letras capitais e, em letra cursiva: *Clombo*. Será, possivelmente, a marca do restaurador».¹³⁴

2.3.4 Têxteis

O frontal de altar do MAS da Ilha de Moçambique revela inspiração oriental e uma simetria europeia. É composto por algodão forrado a tela bordada a fio de ouro e de prata, com aplicações em seda, que, segundo Cagigal e Silva menciona no seu inventário,¹³⁵ poderá corresponder ao frontal referido no Inventário da Paróquia de Moçambique, realizado em 1938. Trata-se de uma peça do séc. XVIII, possivelmente pertencente aos conventos extintos.

¹³⁴ SILVA, Maria Madalena Cagigal e, *Idem Ibidem*, s/p.

¹³⁵ SILVA, Maria Madalena Cagigal e, *Idem Ibidem*, s/p.

Alberto Feliciano Marques Pereira identifica-o na sua obra «A Arte em Moçambique»¹³⁶, como tendo pertencido à Igreja de Nossa Senhora da Conceição do Mossuril. (Fig. 2.60) Alexandre Lobato, na sua obra, «Ilha de Moçambique: Panorama Estético» levanta a hipótese deste frontal de altar ser uma «... peça encomendada às freiras de Santa Mónica de Goa por alguma devota das ricas famílias portuguesas residentes em Moçambique e com raízes na Índia»¹³⁷. Tal, como em tantas outras peças aqui mencionadas, esta hipótese é bastante pertinente, uma vez que se deu uma estreita ligação entre Moçambique e a Índia Portuguesa, ligação esta gerada por relações familiares, sociais, culturais e de ordem económica. Sobre um fundo amarelado do tempo, a decoração do frontal consiste num bordado com fios metálicos prateados e dourados e ainda com fios de cor bege, azul escuro, verde claro e cor de tijolo. A sua ornamentação é geométrica e vegetalista, onde ramos ondulados formam uma composição simétrica, com cartelas encimadas por palmetas nos cantos, sendo o centro composto por um medalhão ovoide, onde se insere a representação de uma custódia estilizada com terminação em cruz, cuja zona superior lembra os templos indianos. A delimitar os quatro lados do frontal, estende-se uma barra de motivos geométricos e vegetais.

2.3.5 Mobiliário

Das escassas peças da coleção de mobiliário do Museu de Arte Sacra, há a destacar um candelabro triangular para suporte de velas. Trata-se de uma curiosa peça entalhada numa madeira escurecida, possivelmente a teca. Alexandre Lobato identificou a madeira como sendo pau preto e, acredito que por esta se tratar de uma madeira local, aventou mesmo a hipótese desta peça ter sido trabalhada em Moçambique e ter pertencido à Igreja de S. Sebastião de Moçambique (da Confraria dos Militares), que se localiza no interior da Fortaleza de S. Sebastião, pois entre os seus ornatos constam setas atadas por uma fita em nó, o que remete para os atributos do seu santo padroeiro. (Fig. 2.61) O candelabro é formado por um pé, haste e por um corpo triangular, onde existiam os suportes para as velas. A sua estrutura é um triângulo de cujos vértices partem pranchas irradiadas que se unem ao centro num elemento

¹³⁶ PEREIRA, Alberto Feliciano Marques, *Ob. Cit.*, p. 125.

¹³⁷ LOBATO, Alexandre, «Ilha de Moçambique: Panorama Estético». *Ob. Cit.*, s/p.

decorativo circular, com um botão em alto relevo, tendo ao centro um prego para sustentar as partes que o constituem. A sua decoração é em talha de baixo relevo, com elementos vegetais, onde se destacam folhas, albaradas, raios e medalhões circulares em forma de flores de lótus, com um friso circular ao centro, formado por contas e no seu interior duas setas cruzadas são atadas por fitas. Cagigal e Silva aponta a hipótese de representarem «... os cravos de cristo...». ¹³⁸A zona triangular do candelabro onde se suportam as velas é assente numa haste, que termina num pé formado por tábuas que se cruzam e se sustentam à haste através de quatro pequenas travessas. A haste, a base e a zona traseira da peça são desprovidas de decoração. Em tempos, esta peça possuiu vários elementos em madeira, em torno do triângulo do candelabro, que serviam para a colocação das velas.

2.4 Arquitetura civil e o seu património integrado

Ao longo de vários séculos, a Ilha de Moçambique foi ganhando um aspeto urbanístico singular, verificando-se nas suas construções a mescla de várias influências culturais, nomeadamente a africana local, de cariz *swahili*, a árabe, a indiana e a portuguesa.

Na parte da Ilha denominada «cidade de pedra e cal», contemplam-se edifícios que, tal como o nome indica, são basicamente constituídos por pedra e por cal e, na outra metade da Ilha chamada «cidade de *macuti*», as construções são construídas com materiais precários, sendo as suas coberturas feitas de *macuti*, ou seja, folhas de palmeira secas.

No final do séc. XVIII, hábeis pedreiros da antiga Índia portuguesa foram residir para esta parte do Índico, onde já existia a Companhia dos Banianes de Diu, que ali impulsionou o comércio. O talento artístico destes artífices indianos deu a esta ilha um aspeto único, onde, em edifícios de traça portuguesa se pode apreciar uma profunda presença oriental em portas, janelas e noutros detalhes arquitetónicos das fachadas e dos interiores das suas construções. «Vemos assim como se vai dar a sobreposição de influências árabes e indianas em

¹³⁸ SILVA, Maria Madalena Cagigal e, *Ob. Cit.*, s/p.

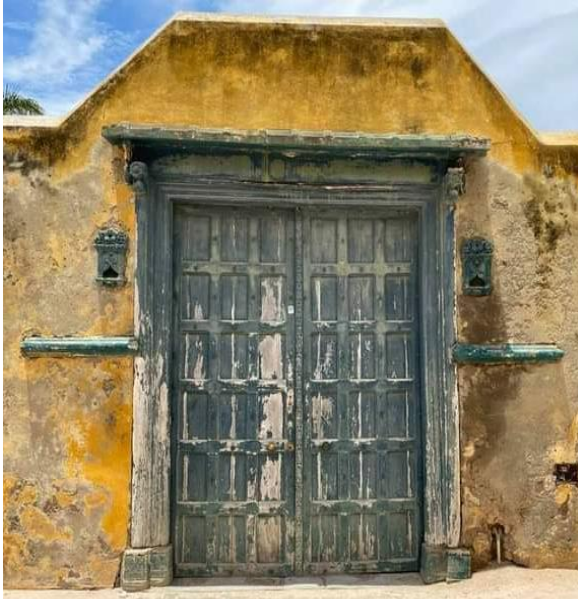
Moçambique, não obstante se tratar duma cidade portuguesa; isto explica-se porque os pedreiros que trabalharam na construção destas casas eram originários de Diu, tendo vindo para estas costas a partir dos fins do séc. XVII, por influência dos comerciantes baneanos que desfrutavam nessa altura de certa supremacia.» [sic.]¹³⁹

Alexandre Lobato não hesitou em comparar a Ilha de Moçambique com Diu, embora considerasse que nesta ilha predominassem os elementos arquiteturais portugueses, relativamente a Diu, onde a ornamentação dos edifícios é mais ao gosto indiano. «Quem conhece Diu considerará Moçambique uma exacta versão a papel químico. Embora a pedra de Diu seja mais macia e homogénea [...], o que ditou a idêntica arquitectura das duas cidades foi a semelhança de condições de vida [...]. Outra semelhança é dada pelas madeiras das casas, nas vigas, nos barrotes, nas portas e nas janelas. A este respeito há que considerar que Diu importava madeiras de Moçambique. Por sua vez Moçambique importava mão-de-obra de Diu, e a falta de operários de construção civil em Moçambique era tal, que por vezes os capitães-generais os requisitavam oficialmente, e insistentemente, ao castelão de Diu. Mas a imponência e grandeza de Diu excederam consideravelmente as de Moçambique. Há, porém, em Moçambique muitos mais elementos arquitectónicos portugueses do que em Diu, em especial nas linhas ornamentais dos prédios, nas decorações, nos ornatos. Embora não falem vestígios orientais, predominam os clássicos europeus, enquanto em Diu a arte decorativa ornamental é tipicamente indiana. De qualquer modo, Moçambique é a mais completa síntese de culturas arquiteturais que os portugueses hoje possuem no Mundo, no que traduz com exactidão a complexidade, sedimentação e síntese das suas estruturas sociais.» [sic].

2.4.1- Portões com detalhes decorativos indo-portugueses (Figs. 2.62 e 2.63)

Tratam-se de portões que se crê terem sido fabricados entre os séculos XVI e XVII, na Índia. Cagigal e Silva, aquando da sua permanência na Ilha de Moçambique, escreveu sobre o portão

¹³⁹ RAU, Virgínia, *Ob. Cit.* p. 129.



da residência onde a tradição diz ter morado Luís de Camões. O texto foi anexado ao relatório da sua visita de trabalho¹⁴¹ e, mais tarde, em 1970, o mesmo foi editado na Revista de Etnografia.¹⁴² Segundo esta investigadora de arte, trata-se de uma porta «... de sentido indo-português, em detalhe, com ornatos de carácter indiano e pequenos nichos laterais que serão indo-manuelinos, e nos revela a obra de artistas indianos, realizada ao serviço dos portugueses.»¹⁴³

2.5 A musealização do antigo Colégio dos Jesuítas: de Palácio de S. Paulo a Museu de Artes Decorativas

Com a missão de evangelizar, os padres jesuítas acompanharam as primeiras viagens dos navegadores portugueses, fixando-se na Ilha de Moçambique, onde edificaram um colégio

¹⁴⁰ Figs. 2.62 e 2.63- Portões de residências da Ilha de Moçambique. Fotografias de Carla Silva. Jan.2021.

¹⁴¹ SILVA, Maria Madalena de Cagigal e. *Ob.cit*, pp 1-3.

¹⁴² SILVA, Maria Madalena de Cagigal e *Ob. Cit.* pp 226, 227 e 234.

¹⁴³ SILVA, Maria Madalena de Cagigal e *Ob. Cit.* p.1



¹⁴⁴ (Fig. 2.66) por esta ser uma boa escala na travessia do Índico, em direção à Índia. Sobre o colégio da Companhia de Jesus em Moçambique, Joaquim Lapa, numa obra do final do séc. XIX, escreveu: «A primeira missão de padres, que se destinou a Moçambique, foi composta pelos padres Gonçalo da Silveira, chefe de missão, do padre André

Fernandes e do irmão leigo André da Costa, que saíram de Goa na monção de 1560.

No ano de 1569 novos padres jesuítas vieram com a expedição do Capitão-General Francisco Barreto, sem contudo estabelecerem collegio até ao anno de 1619, apesar de missionarem desde o Zambeze até ao Monomotapa nas igrejas que possuíam n`esta provincia.».¹⁴⁵

Construído junto às ruínas da primitiva Fortaleza de Moçambique, que foi destruída por um ataque holandês, denominou-se Colégio de S. Francisco Xavier, com igreja anexa de invocação a S. Paulo, muito possivelmente em memória da Bula do Santo Padre Paulo V, de 1612, que gerou a administração episcopal da Prelazia de Moçambique.

«Junto às ruínas da primitiva fortaleza, conhecida por nome de Torre, havia uma igreja soba a invocação de S. Paulo, estando ao serviço um vigário e um capelão que moravam na Torre juntamente com os officiaes.».¹⁴⁶

O colégio dos jesuítas foi desde sempre uma das mais imponentes e importantes construções da Ilha de Moçambique e deste edifício existem referências bastante antigas, como a de um artista italiano que passou por esta ilha no ano de 1698 e deixou o seu testemunho sobre o que

¹⁴⁴ Fig. 2. 66- Claustro do Palácio de S. Paulo, com a entrada para o Museu de Artes Decorativas no 1º piso. Fotografia do arquivo do Departamento de Museus, Maputo.

¹⁴⁵LAPA, Joaquim José, *Ob. Cit*, p.41

¹⁴⁶ BOTELHO, José Justino, *Ob. Cit* p. 380 e 381

ali encontrou: «[...] Quanto à religião, há um hospício de Dominicanos que têm a inquisição e uma pequena igreja; e os jesuítas, que possuem uma grande habitação para receber comodamente e reconfortar depois da viagem os missionários que vêm da Europa e passam para todas as Índias Orientais [...]». ¹⁴⁷

Na sequência da expulsão desta ordem religiosa, de Portugal e dos seus domínios, em 1759, o Colégio de S. Francisco Xavier foi confiscado pela Coroa portuguesa, tendo os jesuítas sido enviados para Goa, como prisioneiros. A partir de 1763, por determinação do governador, capitão-general João Pereira Silva Barba, o edifício sofreu ampliações que o transformaram em: «[...] Palácio dos Capitães- Gerais de Moçambique e Quartel-General do Governo, o Governo-Geral e Residência dos Governadores-Gerais da Província e a Secretaria e Residência do Governo do Distrito, até 1935.». ¹⁴⁸

Em 1833, o edifício deixa de se denominar Colégio de S. Francisco Xavier, para se tornar o Palácio de S. Paulo, de invocação ao mesmo santo da sua Igreja. Dos bens patrimoniais que existiam na Ilha de Moçambique pertencentes aos jesuítas expulsos, houve os que passaram diretamente para a coroa, enquanto outros, como casas, foros, etc., ficaram a cargo da Santa Casa da Misericórdia, a nova irmandade instituída nesta ilha pelo Capitão General Pereira do Lago. Numa descrição da Capitania de Moçambique, de 1788, é feita uma breve referência aos interiores daquela que passou a ser a residência dos Governadores Gerais:

«(...) Esta reidencia se acha ornada de todos os moveis precizos de caza, e mesa no valor de mais doze mil cruzados, para o serviço dos Governadores, passado aos sucessores, da mesma forma, que se recebe com a penção, porem de lhe suprir cada hum as faltas, e damnificações, que perceber o dito movel, sendo feita a sua entrega pela Provedoria, por estar edicta a Real Fazenda por seu inventario.» [sic.] ¹⁴⁹

¹⁴⁷ AZEVEDO, Carlos de -*Um artista italiano em Goa: Plácido Francesco Ramponi e o Túmulo de S. Francisco Xavier*. In: Garcia de Orta, Vol. V, p.298. Número Especial. Lisboa, Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar Ministério do Ultramar.1956.

¹⁴⁸ LOBATO, Alexandre- *Ob. Cit.* s/p.

¹⁴⁹ de ANDRADE, António Alberto, *Relações de Moçambique Setecentista*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, Divisão de Publicidade e Biblioteca.1955. p 384.

No primeiro piso do Palácio de S. Paulo, no acervo do Museu de Artes Decorativas ainda se conservam peças de mobiliário com o carimbo da Fazenda de Moçambique (Fig. 2.69), sendo estas as escassas peças das artes decorativas que se mantiveram *in situ*.

De 1809, há a descrição de um jantar, no Palácio de S. Paulo, oferecido a Henry Salt, um explorador vindo de Inglaterra, tratando-se este de um precioso documento para o estudo dos interiores e das vivências deste espaço faustoso. «No mesmo dia jantámos em casa do Governador, em casa de quem havia uma grande assistência, composta das principais pessoas da Colónia. Neste jantar que foi mui abundante a bem servido, e em que as iguarias estavam preparadas, parte segundo o uso indiano e parte à maneira europeia, fez-se um brinde a Sua Majestade Britânica, durante o qual toda a assistência esteve de pé, e se deu no forte uma salva real. Nós correspondemos com outro brinde ao Príncipe Regente de Portugal, e na mesma ocasião houve também outra salva real. Acabado o jantar, passámos a outra sala, onde nos foi servido chá e café em um magnifico aparelho do puríssimo ouro de Sena, e belissimamente trabalhado por alguns artífices Baneanes residentes na ilha.» [*sic*.]¹⁵⁰

Em 1935 a Ilha de Moçambique deixou de ser a capital da Região Norte, então província do Niassa, título que passou para Nampula, o que provocou gradualmente a perda da sua importância política do passado, gerou o abandono de alguns edifícios e conseqüentemente a sua degradação. Inevitavelmente, o palácio de S. Paulo acompanhou todas as transformações daí decorrentes, acabando por se tornar numa instalação de serviços administrativos e em residência ocasional de titulares de altos cargos e de suas comitivas, que nas suas nobres suites repousavam após cansativas viagens. Contudo, houve alturas em que este monumento viveu num certo abandono, o que lhe causou alguma deterioração e o desmembramento do seu recheio, que foi tendo vários destinos, restando nas suas instalações apenas algumas peças da antiga residência dos Capitães Gerais.

¹⁵⁰ LOBATO, Alexandre, «Documentos para a História de Moçambique: Relação dos Portugueses na Costa Oriental de África em 1809, segundo o investigador português em Inglaterra». Transcrição anotada por Alexandre Lobato, *In: Moçambique: Documentário Trimestral*. n.º37, jan., fevereiro, março 1944. Texto de Henrique Salt enquanto seguia caminho para a Abissínia. Parte I: Entrada no Pôrto de Moçambique: A Fortaleza: Recepção no Palácio de S. Paulo: O Governador. [*sic*]

A CMRHM, com o objetivo de salvaguardar o património moçambicano, expôs ao Governador-Geral de Moçambique a necessidade de classificar alguns edifícios e peças históricas e, em 1943, através do Boletim Oficial N° 14 de 3 de abril de 1943, o Palácio e a Igreja de S. Paulo foram proclamados Monumentos Históricos de Moçambique. Em 1956, por ocasião da visita do então presidente português, Craveiro Lopes, o edifício foi recuperado e a sua zona residencial remodelada, sob a orientação do Governador do Distrito, que era então o comandante Ferreira de Almeida. Contudo, os arranjos feitos apenas procuravam criar um ambiente confortável e luxuoso, sem haver a preocupação se preservar a história, mantendo os ambientes antigos. Em 1969 o Governador-Geral de Moçambique, Dr. Baltazar Rebelo de Sousa, autorizou o restauro de grande parte dos monumentos da Ilha, o que proporcionou a realização de várias obras de conservação e de restauro, com vista à salvaguarda do património imóvel e móvel desta que foi a primeira cidade de Moçambique.

Entre os vários edifícios que beneficiaram de obras de conservação e de restauro durante os anos sessenta, encontra-se o palácio de S. Paulo (Fig. 2.67).



¹⁵¹ Entre os anos 60 e 70 evidenciaram-se grandes esforços para a salvaguarda do património moçambicano, esforço este relacionado com a necessidade de o Estado Novo revelar ações de salvaguarda do património nas suas colónias ultramarinas, uma vez que em Portugal havia quem estivesse contra o

colonialismo. Neste contexto, nas suas missões à Ilha de Moçambique e seus arredores, o

¹⁵¹ Fig. 2.67- Vista aérea do S. Paulo e de sua capela anexa. Fotografia de Carlos Alberto, Anos 60.

arquiteto Pedro Quirino da Fonseca foi-se apercebendo da existência, naquela cidade e nos seus arredores, de peças de mobiliário pertencentes a famílias de origem goesa, com grande interesse histórico, cultural e artístico, o que o levou a considerar da maior importância a sua aquisição por estas serem peças do património móvel local. Dado o valor do núcleo de peças observadas, verificou-se a necessidade de as mesmas serem preservadas e expostas aos locais e aos visitantes da Ilha, pois corriam risco de desaparecimento, tanto pela forte procura destas pelos antiquários, como pela sua escassez no meio local. Para a apreciação destas peças e seleção das mais importantes, foi solicitada a colaboração da FCG, que enviou a Moçambique a especialista em arte popular e arte Indo-portuguesa, Maria Madalena Cagigal e Silva, em virtude de se estar a criar o Museu de Arte Sacra na Ilha de Moçambique.

Na Cabaceira Pequena e, especialmente na Cabaceira Grande, localidades situadas no continente fronteiro à ilha, que por esta altura eram habitadas por uma população mestiça, resultante das relações entre portugueses, indianos e moçambicanos (negros locais), foi onde esta investigadora, no seu trabalho de campo, se deparou com um interessante núcleo de móveis que considerou «...um tipo de arte indo-portuguesa até hoje completamente desconhecido e que vem revelar um novo aspecto, o da arte indo-portuguesa não destinada a ocidentais, mas realizada para uso dos próprios indianos, no campo da arte não religiosa».¹⁵²[sic] Estas peças de mobiliário, que variam entre camas, cómodas, cadeiras, arcas e pequenos escritórios, foram consideradas pela especialista como sendo únicas e de grande interesse artístico e histórico, uma vez que foram fabricadas localmente seguindo modelos indo-portugueses, algo que ainda era desconhecido na Europa. Estas documentam a ação dos portugueses em Moçambique e as suas relações com os indianos ali residentes, o que as torna significantes para o estudo da história da arte e da etnografia portuguesas. Perante esta descoberta, Cagigal e Silva considerou urgente a sua aquisição para serem integradas num museu de artes decorativas, a criar. «Foi especialmente por causa deste mobiliário que pessoalmente tivemos a ideia de se criar no Palácio de S. Paulo, da Ilha de Moçambique, um Museu de Artes Decorativas. E, esta ideia apresentámo-la às entidades moçambicanas e à

¹⁵² SILVA, Maria Madalena Cagigal e, *Ob. Cit.*, p.21

Fundação Calouste Gulbenkian, em Setembro de 1966 e dela ficou registo em relatório entregue a esta mesma Fundação, em Janeiro de 1967. Tivemos assim a honra de colaborar na obra de preservação que a Comissão dos Monumentos e Relíquias Históricas de Moçambique, com o amparo e participação da Fundação Calouste Gulbenkian vem a empreender, reunindo todos os seus esforços para salvar e conservar obras de arte que são documentos históricos da maior importância na Província de Moçambique. [*sic*].».¹⁵³

Para dar seguimento a esta causa, numa carta remetida pela CMRHM ao Governador do Distrito de Moçambique, em março de 1966, foi apresentada pela Direção Distrital de Obras Públicas desse mesmo Distrito, uma estimativa para a demolição e reconstrução de dependências no Palácio de S. Paulo é de 134.900\$00.¹⁵⁴ E em 1967, acautelando o bom uso dos monumentos, a CMRHM criou um plano de enriquecimento dos Palácios existentes na Província de Moçambique. Foram estas algumas das propostas:

«1. [...] Assim, propomos que se comece pelo Palácio de S. Paulo, na Ilha de Moçambique e, uma vez completado o seu enriquecimento através de uma conveniente escolha do material que constituirá o seu recheio, seguirão os outros dois restantes, que são o Palácio do Governo-Geral e o da Cabaceira. Podemos ainda esclarecer que o interior do Palácio, mercê as alterações sofridas ao longo do tempo, não apresenta características particulares que obriguem um determinado tipo de móveis e decoração. [...]»¹⁵⁵

Para a criação de um museu de artes decorativas na Ilha de Moçambique, Quirino da Fonseca, com a autorização da FCG, utilizou um fundo que inicialmente esta previsto servir para a criação de um Centro Cultural na ilha do Ibo (localizada na província mais ao norte de Moçambique), aplicando-o em benefício das instalações do Palácio de S. Paulo. As alíneas apontadas como propostas de aplicação da verba disponível foram posteriormente expostas oficialmente à Fundação:

¹⁵³ SILVA, Maria Madalena de Cagigal e, *Ob. Cit*, p.4.

¹⁵⁴ A informação foi retirada do Ofício dirigido ao Governador do Distrito de Moçambique, remetido por de Manuel Honório Matos Viegas. Lourenço Marques: CMRHM, 1966. (Pasta 16, CMRHM.ARPAC.)

¹⁵⁵ Informação retirada do Ofício n°279/14/UH, de 12-01-67, «Enriquecimento dos Museus e Palácios da Província do Ministério do Ultramar», da autoria de Pedro Quirino da Fonseca. Lourenço Marques: CMRHM, 1967. (Pasta 19, CMRHM. ARPAC.)

- «a) Adquirir o mobiliário indo-português disperso por vários particulares, na Ilha de Moçambique, na Cabaceira e outros pontos da Província. Este mobiliário já foi, em parte, inventariado e avaliado, pela Dr.^a Cagigal e Silva e arquitecto Pimentel, grandes autoridades no assunto, e que reputa-se de muito valor e interesse para a Província, uma vez que esse património está em perigo de ser adquirido por comerciantes de antiguidades;
- b) Adaptação de algumas salas do Palácio de S. Paulo, para exposição desse mobiliário, uma vez que a Fundação apenas vê a viabilidade da sua aquisição na condição do mesmo ficar exposto ao público nesse Palácio;
- c) Restauro de peças desse mobiliário, que se encontram danificadas.» [sic]¹⁵⁶(Anexo V)
- E, para o efeito, iniciaram-se pesquisas no sentido de reunir uma coleção de móveis e várias outras coleções do ramo das artes decorativas.

Alexandre Lobato que muito se dedicou à divulgação e à salvaguarda do património de Moçambique, refere também, na sua obra, *Moçambique: Panorama Histórico*», a hipótese de no Palácio de S. Paulo se instalar um museu: «O Palácio não está aberto ao público, mas valia a pena fazer-se da parte residencial um belo museu de artes decorativas luso-orientais, conservando-lhe a habitabilidade permanente. Bastava dotá-lo com alguns móveis indo-portugueses, tão característicos e valiosos e com algum mobiliário de estilo fidalgo D. João V, D. José, D. Maria, nos quartos e nas salinhas.».¹⁵⁷

Dando início à preparação deste museu, da cidade de Lourenço Marques (atual Maputo), também foram recolhidos móveis e outros objetos que se encontravam em coleções estatais, como a do Arquivo Histórico de Moçambique e a do Museu Histórico Militar (instalado na fortaleza de N.^a Senhora da Conceição, atualmente denominada Fortaleza de Maputo), para além de outras que foram compradas em antiquários. Antes de serem encaminhadas para a Ilha de Moçambique, as peças que careciam de maiores cuidados, foram restauradas nas oficinas das Obras Públicas (Anexo V).

¹⁵⁶ Informação constante do documento: «Utilização do Subsídio da Fundação C. Gulbenkian para o Centro Cultural do Ibo», da autoria de Pedro Quirino da Fonseca. Lourenço Marques, Comissão de Monumentos Nacionais, 1967. (Pasta 19, CMRHM. ARPAC.)

¹⁵⁷ LOBATO, Alexandre, *Ob. Cit*, s/p.

Do antigo recheio do Palácio de S. Paulo, conhecido pelos seus interiores ecléticos, resultantes da permanente mudança de residentes, como é o caso dos vários Governadores Gerais que por ali passaram, fez-se uma seleção do que foi considerado despojado de valor histórico ou artístico que justificasse a sua permanência no primeiro andar do edifício, que se estava a preparar para servir de Museu de Artes Decorativas. Algumas destas peças ficaram arrecadadas em dependências do Museu, até aos nossos dias, aguardando por restauro.

De 1882, há uma curiosa descrição de Augusto de Castilho que refere o ambiente híbrido dos interiores do Palácio do Governo de Moçambique: «As salas do primeiro andar, que ocupam principalmente a frente do edifício, são amplas, não luxuosas, mas decentes. (...) As alfaias e mobílias são regulares e suficientes, não tendo contudo a harmonia geral que deveria existir n'uma habitação d'aquela ordem. E, ressentindo-se pelo contrário, de uma grande diversidade de proveniências e das varias épocas em que a sua aquisição foi feita.» [sic]¹⁵⁸

Para a montagem do museu que se pretendia criar, foi necessária a recuperação do edifício, tendo sido o Palácio de S. Paulo alvo de diversas intervenções que o valorizassem de forma a «...tornar o interior do Palácio o mais digno possível, enriquecendo-o com mobiliário indo-português que foi adquirido e posteriormente restaurado nas oficinas das Obras Públicas».¹⁵⁹

Num ofício datado de 1970, Alexandre Lobato expôs a situação do Palácio de S. Paulo ao Presidente da Câmara Municipal de Moçambique, referindo a importância do trabalho até então realizado e o que faltava ainda efetivar: «[...] o Arquitecto Quirino da Fonseca está a transformar completamente o Palácio de S. Paulo num Museu Residencial de estilo antigo, guarnecido de precioso mobiliário indo-português e provincial, que será outro historial de arte antiga nesta cidade, e outra vez uma peça única na documentação da cultura portuguesa.

Dentro de dias chegam à Ilha 30 caixotes com mobiliário primoroso, que foi comprado velho e partido, na Ilha e Continente Fronteiro, e até em Lourenço Marques, e restaurado na Capital,

¹⁵⁸ CASTILHO, Augusto de- «Palácio do Governo de Moçambique», in: *O Occidente*. [sic.] Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro. s/1, 1882. Vol. V,114, pp 45. Disponível online em: http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/OBRAS/Ocidente/1882/N114/N114_master/N114.pdf [Consultado em 18.11.2021]

¹⁵⁹ «Actividades da Comissão dos Monumentos Nacionais durante o ano de 1970». In: *Separa Monumenta* [sic], nº7, 1971, p. 95. Boletim da CMRHM. Lourenço Marques: CMRHM, 1971.

para integrar o antigo Palácio dos Capitães Gerais na sua época dourada dos séc. XVIII e XIX. [sic]».¹⁶⁰

Só em 1971 foi finalmente considerada acabada a obra, tendo sido também a sua igreja e o quintal alvos de arranjos que lhe restituíram o seu carácter antigo. Numa notícia de 1971, com o título «Uma noite de luxo no Palácio dos Capitães Gerais na Ilha de Moçambique» (Anexo VII), Quirino da Fonseca, responsável pelas obras e montagem do novo museu, dá conta da preparação da visita do presidente do Malawi ao Palácio de S. Paulo, depois das suas restaurações, que lhe devolveram o seu brilho exterior e a sua elegância interior: «Ilha de Moçambique, 26. Fardado a rigor, um camaroteiro faz uma dobra cuidada no lençol bordado. Gravemente. Dentro de horas, os fabulosos aposentos outrora reservados aos capitães-gerais iam receber o primeiro chefe de Estado que habitou o Palácio de S. Paulo, desde a sua completa restauração. Fardado a rigor, um camaroteiro cobre a cama com uma enorme colcha de veludo azul-escuro, cujas extremidades ficam a tocar numa solene alcatifa que se prolonga por toda a antecâmara vizinha. Foi neste leito de talha indo-portuguesa do séc. XVIII, em madeira de sissó, que o presidente Hasting Banda repousou. Uma rápida vista de olhos pelo ambiente, e o *valet de chambre* descobre uma falha que reputa inqualificável.

Há um desvio de milímetros na colocação do centenário jarro de barro vidrado chinês, que está em cima da peça mais preciosa do mobiliário do Palácio: uma consola, em teca indo-portuguesa, transformável em mesa de mil formas e dimensões. Gravemente, o profissional corrige o erro. Afaga um dos pesados cortinados junto à porta e retira-se em silêncio. Tudo pronto.» [sic]¹⁶¹

Estas linhas retratam a importância do Palácio de S. Paulo como hospedagem de visitas ilustres, enquanto residência de chefes de estado. Após a independência de Moçambique, foram poucas as alterações verificadas neste edifício e nos seus museus.

¹⁶⁰ Informação constante num ofício dirigido por Alexandre Lobato ao Presidente da Câmara Municipal de Moçambique. Ilha de Moçambique, 11 de outubro de 1970. (Correspondência Expedida, 1970. AHM)

¹⁶¹ Texto do jornal «Diário de Notícias: «Uma noite de luxo no Palácio dos Capitães Gerais na Ilha de Moçambique», In: DIÁRIO DE NOTÍCIAS. 27.09.1971, pág.5. Se.a III, N°230, AHM.

No início da década de 70 no seu r/c, em dependências viradas para o mar, instalou-se o Museu de Marinha (**Anexo XI**) com despojos recuperados no fundo do mar, instrumentos náuticos, embarcações locais, peças de artilharia, pintura alusiva ao tema, entre outros objetos.

A instituição, Museus da Ilha de Moçambique, abreviadamente designados por MUSIM, foi criada pelo Conselho de Ministros através do decreto 31/2004, de 18 de Agosto, tendo «...como objectivo a preservação da história de Moçambique, através da aquisição, documentação, pesquisa, conservação, exposição e salvaguarda, de colecções representativas da influência que as varias culturas de Moçambique e de outras regiões do mundo deixaram no país e, em particular, na Ilha de Moçambique ao longo dos seculos.»[*Sic.*] ¹⁶²

2.6 O mobiliário Indo-português

O mobiliário denominado indo-português desenvolveu-se no auge da governação portuguesa na Índia, entre 1510 e meados da década de 1630, prolongando-se o seu fabrico até finais do século XIX e em alguns casos até aos primeiros anos do séc. XX. Trata-se de um mobiliário de grande qualidade, tanto ao nível das madeiras como do trabalho de marcenaria e de talha. Na Ilha de Moçambique podemos identificar várias categorias de mobiliário indo-português e a mais antiga corresponde aos móveis produzidos na Índia Mogol, por artífices indianos que respondiam a encomendas portuguesas, muitas destas a pedido da Companhia de Jesus. São peças de mobiliário bastante requintadas, com decoração embutida, seguindo modelos que vinham de Portugal e de outros pontos da Europa. «Muito possivelmente, o mobiliário do primeiro tipo, ou seja, o de carácter mongólico, teria sido feito justamente em território mogol, e talvez, sob a influência dos Jesuítas que, como se sabe, foram muito bem aceites pelo Imperador Akbar e seus descendentes.» ¹⁶³

¹⁶² Art. 3º do decreto Lei que cria os Museus da Ilha de Moçambique. In: Coletânea da Legislação Cultural de Moçambique. Conselho de Ministros. Decreto Nº 31/2004 de 18 de agosto, p. 113.

¹⁶³ SILVA, Maria Madalena de Cagigal e, *Ob. Cit.*, p.387.

2.6.1 Par de bancas de escrita (Goa, séc. XVII)

Pertencentes a este grupo, o Museu de Artes Decorativas da Ilha de Moçambique possui no seu acervo um par de mesas, ou bancas de escrita, (Fig. 2. 68) relíquias do séc. XVII que terão pertencido ao antigo colégio dos padres Jesuítas. Este tipo de mesas com embutidos em marfim era fabricado em Goa por encomenda de portugueses, que apreciavam móveis com pernas e travessas torneadas em espiral de torcidos e de tremidos, sendo estas características muito frequentes nas mesas que ainda hoje se conservam naquela cidade da Índia. A sua decoração preenche todo o móvel resultando num contraste das madeiras clara e escura e das pequenas cavilhas de marfim que ponteiam o móvel a branco. O seu tampo retangular e as suas duas gavetas que foram um corpo, são ricamente decorados em *diaprés*, um embutido geométrico, de influência islâmica, que consiste numa composição formada por círculos secantes cujo centro é realçado por um losango, geralmente em marfim, contrastando com a base do móvel que é em madeira escura. Na zona inferior da gaveta, é visível uma gravação com o carimbo da Fazenda de Moçambique. (Fig. 2.69) O corpo superior assenta nas pernas em assemblagem em respiga. As pernas, de travejamento duplo, revelam perícia no trabalho dos torcidos das espirais.

Alexandre Lobato refere este par de mesas na sua monografia da Ilha de Moçambique, (1945), como fazendo parte da mobília do palácio dos governadores gerais: «Tudo leva a crer que fosse uma residência faustosa de estilo oriental, mas hoje surge-nos quase desguarnecido. Apenas um ou outro traço da sua opulência e da sua riqueza; e assim restam como trastes valiosos, no corredor dos quartos que liga o salão das senhoras ao corredor da igreja, dois sofás de palhinha da Índia, antigos, e duas antiquíssimas e preciosas mesas com gavetas, de pés e travessas modelada em torcidos, todas embutidas em madreperla, com o tampo apresentando um artístico mosaico árabe. Estão mal conservadas e necessitam restauro.»¹⁶⁴ (O material que Lobato refere como sendo madreperla, trata-se de marfim e a necessidade de restauro deve-se à falta das respetivas ferragens). Da sua longa história, sabe-se que da Ilha de Moçambique foram transportadas para Lourenço Marques, onde foram integradas no acervo

¹⁶⁴ LOBATO, Alexandre, *Ob. Cit*, p36.

do Museu Histórico Militar de Moçambique, sendo as mesmas identificadas na obra de Roza de Oliveira (1965), com a seguinte descrição «...2 mesas com embutidos em pau preto e marfim, têm duas gavetas, pés torneados e torcidos, também, têm embutidos-provenientes de Moçambique.»¹⁶⁵ Cagigal e Silva na sua visita de trabalho a Moçambique, ocorrida em 1966, observa este par de mesas na Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição, em Lourenço Marques, manifestando o seu interesse sobre as mesmas no seu relatório, como se pode observar nas suas palavras: «Atraíram-me em especial a minha atenção certas peças de mobiliário, algumas bastante valiosas e de arte indo-portuguesa, como duas mesinhas de pés torneados cuja ornamentação embutida nesta parte da mesa é vegetal, de um tipo pouco conhecido. Vulgarmente, as pequenas mesas de pés torneados que conheço em colecções metropolitanas têm motivos geométricos a ornamentar-lhes os pés.» [sic]¹⁶⁶

Por saber-se que este par de mesas pertenceu ao Palácio de S. Paulo, aquando da preparação do Museu de Artes Decorativas nos finais da década de 60, estas foram ali recolocadas, constando do «Inventário dos Bens Móveis do Estado: Repartição -Palácio de S. Paulo», de 1984, onde se cada uma tem o valor de 70.000\$00.¹⁶⁷ (Anexo VIII)

Uma peça muito semelhante a este par de mesas, é apresentada por Pedro Dias apresenta na sua obra, «O mobiliário indo-português»¹⁶⁸. Esta pertence a uma coleção particular, é de fabrico goês, do séc. XVII e de menores dimensões do que as do par anteriormente referido: «Mesa em madeira de teca, ébano e marfim, e ferragens em cobre dourado.» (Fig. 2.70).»¹⁶⁹

2.6.2 O mobiliário indo-português e o mobiliário anglo-indiano (Séc. XIX)

Pertencentes a uma diferente categoria de móveis produzidos na Índia, de fabrico mais tardio, ou seja, do séc. XIX até ao início do séc. XX, são alguns móveis de assento e duas mobílias de

¹⁶⁵ OLIVEIRA, Octávio Roza, *Ob. Cit.*, p226.

¹⁶⁶ SILVA, Maria Madalena Cagigal e, *Ob. Cit.*, p.10.

¹⁶⁷ «Inventário dos Bens Móveis do Estado», Repartição: Palácio de S. Paulo de Moçambique. República Popular de Moçambique: Serviços do Património, 1984, p.2.

¹⁶⁸ DIAS, Pedro, *A Arte Indo-Portuguesa: capítulos da História*. Coimbra: Almedina, 2004, p.196.

¹⁶⁹ DIAS, Pedro, *Mobiliário indo-português*. Moreira de Cónegos: Imaginalis, 2013, p .195.

sala de jantar (cadeiras, canapés, mesas, aparadores e consolas,) pertencentes à coleção de mobiliário do Museu de Artes Decorativas da Ilha de Moçambique. Nestas peças é notória a confluência entre as culturas indiana e a europeia, patentes tanto nos seus materiais, como nas suas formas e ornamentação. Estas peças, para além de trabalhadas em madeira nobre oriunda do Oriente, possivelmente a teca, são profusamente entalhadas com elementos ornamentais que devido à perícia dos vazados, parecem rendados com um acabamento escurecido.

Ao se realizar um estudo incisivo sobre este mobiliário de proveniência indiana e ao se proceder a um estudo comparativo com mobiliário idêntico de algumas instituições estatais portuguesas, (como a SGL e o Palácio Nacional da Pena) e com peças pertencentes a antiquários europeus e a museus britânicos, foi possível verificar que para além dos móveis resultantes da fusão da cultura indiana com a portuguesa, aquando da ocupação portuguesa, há também em exposição no Museu de Artes Decorativas da Ilha de Moçambique, exemplares que resultaram da fusão da cultura indiana com a inglesa, denominados anglo-indiano, uma vez que esta foi uma das forças colonizadoras que marcou presença na Índia.

Outra força colonizadora da Índia, foi a Holanda, cuja confluência de culturas originou o mobiliário indo-holandês. «...foram apresentados e copiados na Índia Portuguesa modelos que não existiam em Portugal, mas de que os goeses tinham conhecimento por ingleses e holandeses- incómodos vizinhos que, progressivamente, se tinham vindo a apropriar de lugares pelos portugueses ocupados».¹⁷⁰

De uma forma mais generalista, ao estilo de mobiliário que conjuga formas europeias com ornatos orientais denominou-se indo-europeu e foi bastante apreciado, vindo a atingir mais tarde e até aos nossos dias, valores muito elevados no mercado de antiguidades do ocidente. Para evitar o erro, sempre que não houver a certeza de que uma peça se enquadra no estilo indo-português, a mesma será integrada na categoria mais generalizada do indo-europeu e quando se mencionar o termo anglo-indiano, tal deve-se ao resultado do estudo comparativo com peças com esta classificação.

¹⁷⁰ PINTO, Maria Helena Mendes- «Sentando-se em Goa», Oceanos, Nº 19 e Nº 20. Lisboa: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimientos Portugueses, dezembro de 1994. p. 47

Na Índia, a história do mobiliário consiste na assimilação dos estilos ocidentais, portugueses, ingleses e holandeses, adaptados e recriados, principalmente na sua ornamentação, onde os artesãos revelaram a sua mestria enquanto espelhavam na superfície dos móveis a cultura oriental. Este intercâmbio cultural resultou na comunhão de formas e de gostos materializada pelas mãos dos artífices indianos que davam resposta a encomendas civis e religiosas. Ali, foi só após o séc. XVI que se tornou mais comum o uso do denominado mobiliário doméstico, tais como mesas e cadeiras, que até então tinham sido raramente utilizadas.

A escassez de mobiliário que servisse conveniente as necessidades que advinham das colonizações impulsionou a exportação de peças europeias para serem reproduzidas na Índia, o que levou à criação de peças de mobiliário onde culturas, formas e gostos orientais e ocidentais se fundiram, ressaltando nelas a mão do artífice indiano que nas superfícies de cada peça cunhava as suas vivências numa profusa decoração dos móveis que fabricava.

Pedro Dias refere na sua obra dedicada ao mobiliário indo-português, a importância do mobiliário fabricado em oitocentos: «...o século XIX foi de novo um século de ouro para a marcenaria indo-portuguesa, embora com menor vinculação ao que se fazia no Reino.»¹⁷¹

Contudo, este mobiliário não deixou de ser fabricado, continuando o mesmo a ser produzido até ao início da segunda metade do séc. XX, tal como o mesmo historiador refere: «No entanto, é certo que a produção de mobiliário continuou, até hoje, e o conceito de mobiliário indo-português e, mais largamente de arte indo-portuguesa, tem que ser levado até ao ocaso de 1961, se bem que, mesmo depois da data da ocupação pela União indiana do estado Português da Índia, o fabrico tenha mantido características que vinham de trás.»¹⁷²

Sendo o Palácio de S. Paulo uma ex- residência de governadores portugueses, é natural que por se localizar na costa oriental de África, possuísse no seu recheio peças oriundas da Índia. Testemunho de tal é a descrição que António Ennes faz dos interiores desta rica residência, ao relatar a sua viagem de Lisboa a Moçambique: «...A sala de baile, de *parquet*, recebe o seu

¹⁷¹ DIAS, Pedro, *Ob. Cit*, p. 222.

¹⁷² *Idem Ibidem*, p.196.

tom artístico d`uma mobília da Índia, cadeiras, poltronas, sofás, tremós, que se diria ser feita, não em madeira, mas de finíssima renda de subtis desenhos fantasiosos...»¹⁷³

Uma fotografia do álbum fotográfico de Santos Rufino, (1929) (Fig. 2.71) ilustra o fausto que os relatos de António Ennes descrevem e a acompanhar a imagem surge a seguinte legenda:

«Uma sala da residência do Governador do Distrito, onde se vê um antiquíssimo e rico mobiliário». Um facto é que, por falta de documentação específica da época, é difícil aprofundar a origem destas peças de mobiliário, não sendo possível identificar as oficinas e os mestres que as produziram. Contudo, é sabido que os emigrantes *banianes* e os oriundos de Goa, introduziram o mobiliário indo-português tardio nas regiões onde se instalaram, como é o caso particular de Moçambique, de outras regiões da África Oriental e de Portugal.

No Palácio de S. Paulo, duas das suas salas de exposição mais significativas possuem peças de mobiliário indo-europeu com o carimbo da Fazenda Real e estas, segundo inventários antigos e várias descrições dos interiores desta antiga residência, faziam parte do recheio do palácio dos Governadores Gerais da Província. Documentos do séc. XIX que mencionam os seus interiores, revelam que, tanto o «Salão Nobre» ou «Sala da Música» (Fig. 2.72), anteriormente denominado «Sala do Baile», como a «Sala do Trono», que se chamou «Sala do Dossel», ou «Sala do Conselho», estavam decoradas com as melhores mobílias que o palácio conserva até aos nossos dias. Nestas mobílias de fabrico indiano podem ser apreciadas mesas, cadeiras, consolas, armários aparadores e canapés que seguem modelos de peças europeias. Como elemento comum estas peças possuem uma profusa decoração entalhada e vazada, de cariz oriental, expressa nos motivos das mitologias indiana e persa que envolvem toda a superfície dos móveis, tais como folhagens, flores, frutos e animais fantásticos muito estilizados e a figuras com trajes orientais envolvidas numa vegetação luxuriante. A sua gramática decorativa vai também buscar a inspiração aos motivos hindus, ao mesmo tempo que são utilizados elementos de proveniência chinesa, como é o caso do dragão estilizado, que se assemelha a uma serpente e que frequentemente surge nos suportes das cadeiras e dos canapés. Nestas

¹⁷³ ENNES, António, *Ob. Cit.*, pp152-153.

peças a talha cobre toda a superfície do móvel, transmitindo-lhe um elevado valor artístico, assemelhando-se a sua ornamentação a uma renda preenchida por subtis desenhos fantasiosos. O «Salão Nobre», juntamente com a «Sala do Trono», por todas as suas características, tanto a nível de mobiliário como em relação aos objetos decorativos, nomeadamente as porcelanas chinesas, correspondem a interiores de grande interesse que ao longo do século XX se mantiveram praticamente sem alterações.

Móveis de assento

Na «Sala do Trono» (Fig. 2.73), onde, em tempos idos os conselhos e as comissões a que presidia o Governador Geral se reuniam para tomarem as grandes decisões da colónia de Moçambique, existe um conjunto de seis cadeiras de espaldar redondo, trabalhadas muito artística e minuciosamente em talha vazada. (Fig. 2 74) Estas não têm braços nem travessas e o assento é estofado em veludo grená, como acontece com todo o conjunto de móveis de assento desta sala e do «Salão Nobre». A sua decoração é maioritariamente floral, com representações de trepadeiras entrelaçadas com algumas folhas e flores de aspeto muito rendilhado. O espaldar termina com um pequeno boleado na zona posterior da cadeira. O centro do espaldar é preenchido por uma reserva circular com moldura em friso de pérolas e interiormente por um animal de proveniência chinesa que corresponde a uma subespécie do leão chamada *Fú*, um cão abençoado que guarda as portas das casas e dos templos e protege contra os maus espíritos. O saial das cadeiras é enfeitado com uma máscara que representa o focinho de um veado de cuja boca saem ramagens. As pernas dianteiras são encimadas, no joelho, por uma cabeça de leão exótico, sendo o resto da perna enfeitada com elementos vegetais. O seu pé foi esculpido em formato de cabeça de animal, que poderá ser um dragão, encimada por uma ave com o bico levantado como se fosse ela a sustentar toda a perna. As pernas de trás são despojadas de qualquer decoração, sendo ligeiramente curvadas para fora, à maneira dos móveis portugueses de estilo D. João V. Na zona onde termina o espaldar e começa o assento estofado, volutas com enrolamentos que parecem concheados fazem a divisão destas duas diferentes partes que constituem a cadeira. A madeira é maciça e foi escurecida.

Ainda na «Sala do Trono» pode-se apreciar um cadeirão com espaldar arredondado, bastante alto, (Fig. 2.75) que pertenceu ao Arcebispado de Lourenço Marques. Trata-se de um móvel de assento destinado a um alto cargo hierárquico, daí a razão da sua elevada altura. As representações que se podem observar neste espaldar de recorte circular, na zona superior são trabalhadas em talha vazada e figuram folhagens com enrolamentos de folhas e flores. A encimar as costas do cadeirão encontram-se dois pássaros afrontados que seguram a terminação das ramagens que rematam uma única flor. As últimas flores representadas na parte superior do espaldar saem do vaso da fertilidade, associado a bons resultados e à abundância. Na reserva central, que é oval e enfeitada com friso de pérolas e uma espécie de denticulos, aloja-se um pássaro numa posição graciosa, apoiado numas ramagens com flores e folhas que saem novamente dum vaso da fertilidade, elemento muito frequente na arte indiana. Esta peça tem um saial muito desenvolvido onde uma rosácea sobressai dum conjunto de flores e folhas pertencentes a ramos que se movimentam em círculos, dando à composição um aspeto de agitação. Frisos de enrolamentos parecidos com ondas e frisos de pequenas flores muito estilizadas separam o estofo do saial. Os braços desenvolvem-se até às suas prumadas onde a escultura de baixo relevo dá forma a elementos vegetais. Nestas foram esculpido animais, um estende um fruto pela boca e o outro estende o seu focinho de forma a agarrar esse fruto. As pernas do cadeirão iniciam o seu desenho com uma cabeça de veado, seguidamente são representados cachos de uvas e ainda um pássaro apoiado numa cabeça de animal, provavelmente um dragão, ou uma serpente. A zona posterior desta composição é talhada em pequenos elementos que se assemelham a escamas. Todos estes elementos decorativos pertencem ao rico imaginário hindu e às histórias fantásticas da sua mitologia, contudo a imagem do dragão chega por influência da mitologia chinesa, também com um imaginário prodigioso.

Em 1968 este cadeirão pertencia ao Museu Histórico Militar de Lourenço Marques, que existiu na Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição, atual Fortaleza de Maputo, com o número de inventário 361 e a seguinte legenda: «Cadeira oriental de braços, com fundo

estofado, o espaldar é feito de uma só peça. Toda recortada e entalhada». ¹⁷⁴Este móvel de assento terá sido doado ao Museu Histórico Militar por um Cardeal. Em 1970, foi transferido novamente para a Ilha de Moçambique. E como já tinha pertencido ao Palácio de S. Paulo, a ele foi devolvido aquando da montagem do museu.

Outro móvel a destacar dentro desta categoria de móveis, é um banco estofado a veludo grená, com decoração entalhada composta por uma densa talha vazada com elementos vegetalistas, e as suas pernas são esculpidas em vulto, com a figura de dragões. Ramagens repletas de flores e frutos ocupam os seus quatro lados, enquanto que a zona inferior do estofado de veludo é constituída por três frisos: o primeiro com enrolamentos de folhas, o intermédio com uma fiada de pérolas intercaladas com elementos mais achatados e o terceiro, representando ramos com pontas enroladas e flores penduradas. Só o primeiro friso é em talha vazada. As pernas são esculpidas em cabeça de animal com corpo vegetal, terminando num pássaro. O animal que encima as pernas, bastante estilizado, com as mesmas características das peças desta sala e do salão nobre, pode ser um leão exótico que segura com os seus dentes um ramo com frutos, como também pode ser a figura de um dragão de proveniência chinesa. É num pássaro de cauda erguida que se apoia toda a composição das pernas.

Os suportes dos móveis indo-portugueses tardio e anglo-indianos são esculpidos em curiosas figuras meio humanas, meio animais, as *nagas* e as *nagines* e ainda numa variedade de outros animais como dragões, leões, serpentes, elefantes. Estas figuras, tais como os restantes ornatos que preenchem a totalidade dos móveis, até determinada altura interpretavam-se à luz das mitologias indiana e persa, mas gradualmente foram perdendo o significado, sendo utilizados como mera decoração.

Este banco consta do «Livro da Carga da Mobília dos Palácios de S. Paulo e do Mossuril em 1881», como uma das peças que se localizava nesta sala já naquela época. O seu estofado tem o mesmo tecido dos demais móveis de assento, que em 1956 por ocasião da visita do presidente Craveiro Lopes, foram estufados a veludo grená.

¹⁷⁴ OLIVEIRA, Octávio Roza, *Ob. Cit.*, p. 227.

Tanto no mobiliário da «Sala do Trono» como do «Salão Nobre» existem canapés em madeira, muito possivelmente a teca escurecida de forma a parecer pau preto. (Fig. 2.76) São peças exaustivamente decoradas com motivos naturalistas que se distribuem simetricamente pela sua superfície, bem como pássaros envolvidos numa densa vegetação. Nos braços surge a escultura um animal bastante estilizado que se assemelha a um dragão, elemento de proveniência chinesa muito característico da arte indo-portuguesa. Os pés terminam em cabeça de ave esculpida, muito estilizada e envolvida em flores que acabam num enrolamento que a ave segura com o seu bico. O estofado é de veludo grená e a moldura do assento é decorada por um friso de pequenos elementos repetidos semelhantes a folhas muito simplificadas. A estrutura destes canapés é constituída por três espaldares interligados pela talha, sendo o central mais baixo. No centro do espaldar central, numa reserva oval encontra-se um pássaro com asas abertas, segurando pelo bico entrelaçamentos de ramagens que criam o efeito de movimento, que é sentido em todo o trabalho de talha. Os seus espaldares laterais, localizados nos extremos do móvel, são mais volumosos do que o pequeno espaldar central e toda a peça é revestida por uma profusão de flores, folhas, ramagens e frisos ondulantes que envolvem e emolduram todos estes elementos decorativos. Estes móveis de assento têm um pequeno saial onde as folhagens e flores se desenvolvem simetricamente. A tendência para a simetria dos ornatos e para a decoração integral da peça, que lhe transmite um ar mais artificial, é uma característica que nos remete mais para a arte oriental do que para a ocidental, provavelmente com origem na gramática decorativa do Próximo e do Médio Oriente.

Muito semelhante a um dos canapés da «Sala do Trono», que se distingue dos restantes, por ter o espaldar dividido em dois encostos laterais, localizados nos extremos do móvel, unidos por duas peças com formato semelhante a um braço, é o exemplar pertencente ao Museu Nacional de Arte (MUSART), em Maputo, que se encontra arrecadado e a necessitar de restauro e ainda o da Sociedade de Geografia de Lisboa. (Fig. 2.77)

Relativamente à estilização das formas vegetais e animais, na generalidade, os ornamentos orientais que se observam na arte indo-portuguesa, como já aqui foi mencionado, resultam do contacto entre civilizações, o que deu origem a peças de grande riqueza cultural e artística.

Ainda no «Salão Nobre» e a acompanhar uma mesa de jantar, encontram-se seis cadeiras sem braços e sem travessas, com assento estofado em veludo grená. Estas são ornamentadas, em toda a sua superfície frontal, com a representação de volutas, frisos de elementos geometrizados, enrolamento de ramos, folhagens, e flores, em talha vazada. Nestas cadeiras denota-se a influência chinesa no trabalho da talha. (Fig.2 78)

Nos vários espaços museológicos que constituem o Museu de Artes Decorativas da Ilha de Moçambique, existem numerosas e variadas cadeiras cuja semelhança se encontra no facto do formato ser ao gosto europeu (de estilos portugueses e ingleses) e a gramática decorativa deixar transparecer a cultura do artífice indiano. No seu espaldar, todas estas cadeiras têm tabelas horizontais, nascendo os braços a partir do alinhamento da tabela superior. Na sua maiorias, têm pernas de secção circular que afunilam à medida que se aproxima do pé. As suas travessas em «I», têm a função de dar força à estrutura do móvel. Tratam-se de cadeiras de linhas simples, a maioria de linha retas, ao gosto neoclássico, apenas com curvatura nos braços e ligeira curvatura nas pernas traseiras. Este tipo de cadeiras inspira-se nas inglesas e particularmente nas de estilo regência. Todas elas são forradas a palhinha entaçada e os elementos decorativos que ocupam a tabela horizontal dos espaldares são em trabalho de talha com a representação de elementos decorativos geometrizados e noutros casos vegetalistas, como ramagens, folhas e flores. (Fig. 2.79)

Preenchem com graciosidade os longos corredores do palácio de S. Paulo, variados canapés de lavor indo-europeu, em teca, fazendo alguns deles conjunto com as cadeiras.

No canto do corredor que começa na «Sala das Senhoras» com o corredor que dá acesso à ala da frente do palácio, encontra-se um canapé de oito pernas com assento e costas de palhinha. (Fig. 2.80) Este tem um único espaldar, de formato oval, ladeado por dois montantes torneados em espiral e, no topo termina em remates torneados, do tipo que se usava nos móveis do início do século XVII. Estes móveis de assento revelam grandes influências inglesas podendo-se encontrar exemplares com características muito semelhantes aos do período Barroco inglês. São móveis leves, embora possuam um espaldar alto. Os braços volumosos que terminam em enrolamentos para dentro são notoriamente à maneira da estética barroca. A talha da moldura do espaldar é vazada, com representações de ramagens, parras e ao centro, de um cacho de uvas. O formato do assento é retangular e a sua cintura não tem qualquer tipo de decoração.

Tanto o canapé como a cadeira possuem esticadores (travessas), o que corresponde a outra semelhança com os móveis ingleses de meados do século XVII.

Nos canapés que mobilam os corredores do palácio de S. Paulo (Museu de Artes Decorativas), tanto a forma, como a ornamentação são distintas de peça em peça, sendo o elemento comum, o uso da palhinha no estofado. Este material, entrançado, por ser bastante leve, torna os móveis de assento confortáveis e frescos.

Mais trabalhadas e bastante artísticas são as cadeiras articuladas, de dobradiças e com braços, que integram a coleção de mobiliário deste museu. (Fig. 2.81)

Na Índia, o domínio imperial britânico durou entre 1858-1947 e dele resultou a fusão de estilos artísticos ingleses com o imaginário indiano, sendo este representado no trabalho da talha em madeira. Neste período desenvolveu-se um conjunto de móveis práticos e portáteis, como é o caso das cadeiras dobráveis, que foram muito usadas por oficiais do exército britânico, que as transportavam nas suas viagens. Um dos pares que integra a categoria de móveis de assento deste museu é muito idêntico a exemplares do Museu da SGL. (Fig. 2.82)

Estas cadeiras, bastante volumosas, possuem um sistema de dobradiças para poderem se abrir e fechar. São compostas por seis pernas e tanto o seu espaldar como seu assento são forrados a palhinha entrançada. Toda a sua estrutura, em teca, é profusamente decorada em talha de baixo relevo e em talha vazada, podendo-se nela identificar figuras humanas, templos, serpentes, macacos, palmeiras e outros elementos vegetalistas de inspiração hindu.

Um par deste tipo de cadeiras articuladas, com dobradiças e com braços, pertencente ao Museu de Artes Decorativas da Ilha de Moçambique, mas de menores dimensões e de decoração menos exuberante, localiza-se naquele que se denominou «Quarto dos Capitães Gerais». (Fig. 2.83) Os elementos decorativos dos cachos (zona superior) destas cadeiras, são folhas e frutos muito estilizados, inseridos numa decoração feita em talha vazada que termina em recortes de curva larga e contracurva, num caso encimada por um friso de pérolas e no outro caso encimada por um friso em forma de rosário. São cadeiras com costas altas e tabela central forrada de palhinha entrançada, fazendo as costas e o assento uma ligeira curvatura que as torna mais confortáveis. São constituídas por seis pernas, duas que

correspondem ao prolongamento dos montantes, duas partem do prolongamento posterior do assento e duas que fazem o apoio dianteiro dos braços. Estas foram desenhadas para oferecerem uma posição confortável. As suas ilhargas prolongam-se até às pernas traseiras e a terminação do espaldar é decorada em talha vazada, com elementos florais. Os braços são curvilíneos e terminam em cabeça de animal tipo serpente.

Na Índia apreciava-se muito este tipo de cadeiras e por serem práticas surgem geralmente como parte dos interiores das casas mais abastadas. Hoje em dia este tipo de cadeiras continua a ser muito apreciado, sendo vendidas em antiquários e até reproduzidas, como acontece em Maputo, onde se veem modelos recém fabricados que mantém linhas próximas das originais, mas despojados de decoração. A este tipo de cadeiras, que eram fabricadas em Goa, alguns autores consideram de estilo goês, ou seja, uma ramificação do indo-português.

Mesas

No acervo do Museu de Artes Decorativas da Ilha de Moçambique existe também na coleção de mobiliário uma variedade de mesas de jantar e de mesas de apoio que se enquadram no mobiliário indo-europeu e algumas, mais especificamente no mobiliário anglo-indiano. Tal deve-se ao facto de na Índia também terem sido introduzidas formas e tendências do mobiliário inglês, que acabou disseminando-se, chegando vários exemplares dessa confluência de culturas a paragens da costa oriental de África, como aconteceu na Ilha de Moçambique. O gosto chinês também deixou uma marca profunda neste mobiliário, o que aconteceu a partir do séc. XIX com a importação de móveis, nomeadamente de Macau e de Cantão.

Nas salas mais significativas deste museu da ilha, como a «Sala de Entrada», o «Salão Nobre», a «Sala do Trono» e a «Sala das Senhoras», existem diferentes modelos de mesas redondas, todas elas bastante entalhadas com talha vazada.

Na «Sala do Trono» encontra-se um exemplar de trabalho bastante artístico, sendo o seu suporte esculpido exaustivamente, de tal forma que se assemelha a um rendado. (Fig. 2.84) A sua decoração é formada por elementos florais e vegetais, terminando os seus quatro pés em forma de garra. No prolongamento do tampo, a aba é preenchida por flores que se unem pelas extremidades das pétalas, característica comum às mesas do salão nobre. O suporte da mesa é

profusamente entalhado produzindo o efeito de agitação de ramos e de folhas onde pássaros pousam com graciosidade. Esta mesa pertence ao grupo de móveis que tem a gravação do carimbo da Fazenda Real de Moçambique. Na sua obra «Ilha de Moçambique: Panorama Histórico», Lobato legenda esta mesa com as seguintes palavras: «Mesa circular com aba de renda assente numa primorosa escultura aberta em madeira, notável criação artística numa execução magistral com possível influência dos lavrantes portugueses de grandes peças decorativas de prata do séc. XVIII, comuns nas casas fidalgas de Goa, naquela época.»¹⁷⁵

De entre vários os exemplares de mesas de jantar redondas do indo-português tardio que pertencem à coleção de mobiliário deste museu, destaca-se a que se encontra ao centro daquela que se denomina «Sala das Senhoras», (**Fig. 2.85**) com tampo de trabalho de talha demarcada influência chinesa. Uma aba que cai do tampo é decorada em talha vazada com ornatos como folhagens movimentadas que carregam pinhas preenchem toda a sua superfície. Também um friso de folhas bastante estilizadas, muito frequente nos móveis indo-portugueses, circunda a aba da mesa, que acaba num recorte irregular. O suporte deste móvel é esculpido em talha volumosa que é, na sua zona superior, trabalhada em forma de folhas enroladas para fora; na zona intermédia, um bolbo com relevos de bicos parece representar um ananás e, finalmente na zona do tripé, uma profusão de pássaros, pinhas e possivelmente dragões, formam o apoio da mesa. A parte do móvel que separa o suporte, dos pés, é enfeitada com um friso de pérolas e o remate da composição dos pássaros é feito através de volutas. Na zona superior da mesa, o tampo tem como decoração uma moldura onde cenas compostas por animais em corrida entre a vegetação intercalada por construções que se assemelham a pagodes chineses, foram entalhadas em baixo relevo. Novamente estamos perante uma peça exuberantemente trabalhada por marceneiros indianos que tiveram a preocupação de tornar este móvel funcional e transportável, aplicando-lhe um mecanismo que permite o seu rebatimento, reduzindo o seu tamanho e facilitando assim o seu transporte.

¹⁷⁵ LOBATO, Alexandre, *Ob. Cit s/p.*

Uma mesa muito semelhante a esta, é a do Palácio dos Menezes- Bragança, na Índia, a qual Pedro Dias identifica como de fabrico gões do séc. XIX. ¹⁷⁶ (Fig. 2.86).

O «Salão Nobre» e a «Sala do Trono», possuem consolas indo-europeias em madeira escurecida e trabalhada em talha com elementos decorativos vazados, nas quais se denota, mais uma vez, uma clara influência chinesa presente na sua gramática decorativa, onde várias aves com asas que se confundem com as ramagens pousam em ramos que se entrelaçam entre folhas e frutos. As suas pernas são trabalhadas inteiramente numa escultura volumosa, ma qual surge novamente a cabeça de dragão estilizada, cujo corpo é preenchido por volutas e enrolamentos de folhas, sendo a língua do dragão também esculpida em forma de folha. Todos os elementos animais e vegetais, entalhados ou esculpidos nesta peça, são de grande expressividade e movimento, sendo que os pés terminam em enrolamento para fora. (Fig. 2.87) Muito semelhantes às consolas atrás mencionadas, são as da SGL, com a diferença que estas se encontram no tom natural da teca. (Fig.2.88)

De notório trabalho indiano, contudo, com características diferentes das consolas anteriormente vistas, é a mesa consola que se encontra na «Sala das Senhoras». (Fig. 2.89) Esta apresenta influência dos móveis de estilo Barroco já com algumas tendências da estética *Rocaille*, como é o caso das peças de mobiliário do estilo D. João V da primeira metade do século XVIII. Os elementos decorativos desta consola são precisamente alguns dos preferidos neste estilo: folhas de acanto nos joelhos (zona superior das pernas), que fazem curvatura para fora em linhas sinuosas e uma palmeta aberta bastante estilizada. Os pés são em forma de garra e bola. Encontramo-nos novamente perante um móvel de influência inglesa, já que na época de D. João V, Portugal estava intimamente ligado a Inglaterra, tendo alguns importantes marceneiros ingleses ido viver e trabalhar para Portugal.

¹⁷⁶ DIAS, Pedro, *Ob. Cit*, p. 198.

Na «Sala do trono» existem dois armários aparadores. Cada um deles tem oito pés com terminação em garra, quatro portas e um alçado, e apresentam um traçado de linhas clássicas europeias envolvido por uma decoração naturalista indiana. (Fig. 2.90) O seu alçado, ou seja, a zona superior que se eleva junto à parede, é trabalhada numa talha bastante vazada onde dois pássaros afrontam um ananás, numa envolvência de ramagens com folhas e flores. As duas portas centrais são ligeiramente convexas, mas a decoração é igual e simétrica. As suas portas são separadas por elementos decorativos verticais com enrolamentos de folhas e flores em baixo relevo. A parte central das portas tem uma reserva em forma de arco que divide as representações dum trabalho de goiva que não perfura totalmente a madeira (baixo relevo), de um trabalho que já perfura totalmente a madeira (talha vazada). Lateralmente a decoração e a talha são mais abertas permitindo observar-se o interior do móvel. Nesta zona a decoração é preenchida por ramagens representadas em curvas largas onde se inserem folhas e frutos. Vários frisos com elementos vegetais, dentículos e pérolas encerram e separam os diversos elementos formais que constituem a estrutura do armário aparador. De forma e de decoração idênticos é um armário aparador pertencente a uma família goesa de apelido Pinto Lobo (Fig. 2.98) que possui ainda mesas e cadeiras pertencentes a uma mobília do séc. XIX, vinda de Saleigão (aldeia indiana) e que chegou a Maputo juntamente com os pertences desta família.

Leitos

Ao se adaptar a zona habitacional do palácio de S. Paulo em Museu de Artes Decorativas, houve a preocupação de se recriar o seu ambiente de residência antiga e para tal, nos seus vários quartos foram integrados leitos de dossel, indo-portugueses, fabricadas na Índia, no séc. XIX e que foram adquiridos na Ilha de Moçambique a famílias indianas. (Figs. 2.91 e 2.92) Os marceneiros indianos fabricaram leitos inspirados em modelos de estilos europeus (neoclássico ou romântico), a partir de formas influenciadas pelas que chegavam da Europa, em uso na época, mas sempre lhes inculindo o seu cunho indiano.¹⁷⁷ Muitos deste móveis,

¹⁷⁷ DIAS, Pedro, *Ob. Cit*, p. 182.

geralmente em teca, tiveram como centros de fabrico, Goa, Damão e Diu. E foi, principalmente de Goa que chegaram à Ilha de Moçambique, entre o final do séc. XVIII e já no séc. XIX, várias peças de mobiliário, nomeadamente os leitos.

No conjunto de leitos existentes neste museu pode-se observar que a sua construção é sempre feita dentro dos mesmos moldes, variando apenas a parte superior da cabeceira (recorte) que é enfeitada com talha mais ou menos trabalhada, consoante a vontade artística ou o gosto do cliente. É interessante verificar que as formas utilizadas nos remates das cabeceiras fazem lembrar, os frontões das igrejas construídas na Índia ou de influência indiana, devido aos motivos decorativos utilizados. Todos estes leitos têm bastantes semelhanças, nomeadamente no tipo de suporte torneado em espiral e em estrias na decoração da cabeceira e na zona elevada que se prolonga dos seus pés. Nas cabeceiras, sobre a balaustrada, é comum existirem composições em talha vazada com características Barrocas. Como elementos decorativos que preenchem os recortes das cabeceiras surgem representados frisos de tremidos, folhagens estilizadas, flores, volutas e pequenas cartelas, entre outros.

É curioso verificar que também fora do espaço museológico montado no palácio de S. Paulo, na Ilha de Moçambique tem havido igualmente a preocupação de recriar os ambientes das casas apalaçadas das nobres famílias que ali residiram, como acontece em algumas casas particulares e em casas de hóspedes onde se conservam leitos semelhantes aos do Museu de Artes Decorativas (Fig. 2.93), em tentativa de preservar a identidade desta ilha.

Armários

No que respeita a armários, pertencem ao acervo do mobiliário do Museu de Artes Decorativas da Ilha de Moçambique exemplares que merecem destaque. Um deles é um armário roupeiro com duas portas esculpidas num motivo radiante que ocupa toda a superfície de cada porta, que se desenvolve a partir do seu centro até os seus extremos e é rematado por um friso esculpido com flor-de-lis. (Fig.2. 94) O motivo radiante ou 'Surajmukhi' é típico do estado de Gujarat (Índia) e significa prosperidade. A sua zona inferior termina num friso de dentículos. A madeira poderá ser o pau rosa, contudo, como já aqui foi mencionado, no estudo do mobiliário deste museu, falta ainda a realização de uma análise científica das madeiras utilizadas em cada peça.

Outra peça digna de menção, é um armário composto por dois corpos distintos, sendo o inferior uma cómoda de campanha com três gavetas, onde assenta um corpo superior, com duas portas em vidro e uma prateleira interior, para armazenar loiça. (Fig. 2. 95)

Peças indo-europeias muito semelhantes às deste museu, existem em Maputo nas reservas do Museu Nacional de Arte (MUSART), (Figs. 2. 96 e 2.97) em casas de famílias goesas como a Pinto Lobo (Figs.2.98 a 2.100) e como é natural, nos interiores de igrejas e de casas nobres de Goa. (Fig. 2.101). Em Portugal, este tipo de mobiliário de labor indiano sobre formas europeias (indo-portuguesas e anglo-indianas), encontram-se em várias coleções estatais e particulares, como a do Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa (SGL), (Fig. 2.102) a do Palácio Nacional da Pena (Fig. 2.103), em Sintra, a do Bussaco *Palace* Hotelem, em Coimbra (Fig. 2.104), a do Museu Municipal Santos Rocha, na Figueira da Foz (Fig. 2.105), entre várias outras.

Pertencente à categoria de móveis considerados de estilo indo-português tardio, para além das peças do Museu Nacional de Arte (MUSART), anteriormente mencionadas, há um conjunto de móveis que se reuniu para a montagem de uma exposição que teve lugar na Fortaleza de Maputo. Entre os dias 10 de novembro de 1999 e 16 de janeiro de 2000, esteve aberta ao público na antiga Fortaleza de N^a Sra. da Conceição, uma exposição de móveis que posteriormente passou para as instalações deste museu de arte. Nesta exposição foram recriados os ambientes das casas apalaçadas de Goa, com uma seleção de móveis de várias proveniências, sendo algumas peças pertencentes a este museu e outras pertencentes a famílias goesas residentes em Maputo.

Os móveis do MUSART são parte do que resta do património móvel da Associação Indo-Portuguesa que se fundou em 1905, em Lourenço Marques (Maputo), no edifício onde atualmente se encontra este museu. Os móveis que restaram desta associação, também conhecida como Instituto Goano, foram sendo depositados e oferecidos, engrandecendo a coleção de mobiliário desta instituição museológica. No seu conjunto constam móveis de assento, nomeadamente canapés, cadeiras e móveis de apoio (mesas), onde em formas ocidentais foram talhados expressivamente pelas mãos de artífices indianos, um conjunto de animais fantásticos envolvidos numa intensa vegetação estilizada. (Anexo X)

2.6.3 O mobiliário indo-afro-português (Moçambique, séc. XX)

Na Ilha de Moçambique existe ainda uma outra categoria de móveis indo-portugueses, bastante distinta, ou singular, uma vez que se trata de móveis fabricados em Moçambique por artífices locais. E, tal como referem os autores, Alexandra Curvelo e Rafael Moreira «Esta arte, porém, não pode ser encaixada nos ramos geográficos e “*deve ser entendida não apenas em sentido geográfico, mas sobretudo social e histórico.*” (...)»¹⁷⁸

«O surgimento da arte indo-portuguesa não necessariamente ocorreu apenas no continente asiático. Aqui as fronteiras desta arte são muito flexíveis. Tanto os índios que viviam em Lisboa, como os aculturados na Índia portuguesa podiam dar vida à arte indo-portuguesa. Esta arte é um fruto de miscigenação, convívio de duas culturas diferentes e de uma interinfluência cultural» [*sic.*]¹⁷⁹

As peças que se enquadram nesta categoria de móveis existentes na Ilha de Moçambique, pertencem na sua grande maioria, já ao séc. XX e foram fabricadas, muito provavelmente localmente e na então cidade de Lourenço Marques. No seu fabrico foram usadas madeiras orientais (adquiridas em Moçambique), nomeadamente a teca, o sissó e o pau rosa. Estes móveis serviam para uso de famílias resultantes da miscigenação de famílias indianas com as autóctones e seguem fielmente modelos de estilo indo-europeu (indo-português tardio e anglo indiano) que chegavam a Moçambique entre os pertencentes de famílias indianas.

Maria Madalena de Cagigal e Silva, quando se deslocou a Moçambique para a seleção e identificação das peças de arte religiosa a integrar no Museu de Arte Sacra que se estava a criar, identificou numa povoação próxima à Ilha, um conjunto de móveis o qual considerou «...uma coleção extraordinária, pertencente a indianos e a indígenas, em uma povoação típica do Mossuril, a Cabaceira Pequena. Este é um núcleo único, justamente porque é trabalho de

¹⁷⁸ Texto de Moreira, Rafael e Curvelo, Alexandra, *A Circulação das Formas. Artes Portáteis, Arquitectura e Urbanismo*, História da Expansão Portuguesa, Círculo de Leitores, (Vol. 2), Lisboa 1998, p.532.

¹⁷⁹ CURVELO, Alexandra, «Arte Luso-oriental e Indo-portuguesa», *Revista Água Vai*. 23 abril 2015. Disponível online em <http://revistaaguavai.blogspot.com/2015/04/arte-luso-oriental-e-indo-portuguesa.html>. [Consultado em 15.03.2022] s/p

indianos realizado para seu próprio uso. E torna-se interessante ver formas em estilos D. João V e D. José com uma decoração entalhada e vazada muito diferente daquela que é conhecida no mobiliário feito para Europeus, a despeito de um ou outro móvel se apresentar com as características das coleções conhecidas na Metrópole.»¹⁸⁰

Também sobre este grupo de mobiliário, que até então ainda era desconhecido, Cagigal e Silva escreveu num dos seus artigos: «Recordamos, por exemplo, o extraordinário grupo de mobiliário, um de estilo e outro de carácter popular, de estrutura que cabe na linha dos estilos portugueses D. João V, D. José e, possivelmente de outras épocas, juntamente com elementos de carácter indiano, feito para indianos- isto é de frisar-existente na Cabaceira Grande e na Cabaceira Pequena (Mossuril- Districto de Moçambique). Tivemos, não se pode dizer propriamente a sorte porque foi o resultado das investigações que fazíamos sobre o mobiliário indo-português, mas o gosto imenso de nós próprias, juntamente com Ex. ° Senhor Arquitecto Rui Pimentel, descobrimos este grupo até ali totalmente desconhecido, tanto de visitantes, como de investigadores. Núcleo de mobiliário entalhado, feito, como dissemos, para indianos, ao qual se juntavam algumas peças de mobiliário de metal embutido ao gosto daquele que já é conhecido na Europa, ele é uma magnífica prova de quanto foi grande a influência dos portugueses na vida dos indianos.»¹⁸¹

No Jornal Diário de Notícias de 1971 (**Anexo VII**), consultado no AHM, encontra-se um relato da visita do Presidente do Malawi, Hastings Banda, que nesse ano pernitoiu no Palácio de S. Paulo logo após as obras de conservação e restauro. Na entrevista dada ao arquiteto responsável por estas obras, Pedro Quirino da Fonseca, curiosamente, ao mencionar a proveniência do recheio desta antiga residência de Capitães-Generais explica o seguinte: «Nem tudo é "puro", no que toca ao mobiliário do luso-afro-indiano palácio oitocentista. As tecas, os sissós e os pau-rosa são madeiras indianas autênticas, mas grande parte das peças foram talhadas, recentemente, em Lourenço Marques- embora segundo modelos exatos.

¹⁸⁰ SILVA, Maria Madalena de Cagigal e, *O mobiliário Indo-português*, Jornal «O Educador», p.5.

¹⁸¹ SILVA, Maria Madalena de Cagigal, *Ob. Cit.*, p.4.

Pormenor curioso: uma boa percentagem de teca utilizada nos belíssimos rendilhados envernizados a negro que povoam os salões, foi arrancada ao caminho de ferro entre Nacala e Nampula. Em enorme extensão essa linha apoiava-se em travessas da preciosa madeira. Por outro lado, já este ano foi explorado o espólio de um veleiro que, nos princípios do século passado, se afundara na baía do Espírito Santo (Lourenço Marques) transportando um volumoso carregamento de lenhos indianos.»¹⁸²

Pelo que ficou claro nesta última citação, havendo móveis genuínos e cópias exatas, nem sempre é possível precisar a que grupo pertence cada peça de mobiliário existente na Ilha de Moçambique. Para tal seria necessário o acesso a documentação que comprovasse a sua proveniência, ou seja, a sua encomenda, a data e o local de fabrico, bem como a sua autoria/oficina.

Podemos incluir no grupo de móveis produzidos na Ilha, já no séc. XX, seguindo modelos de móveis provenientes da Índia, várias peças pertencentes no edifício do Conselho Municipal desta cidade (CMIM). Contudo estas últimas revelam menos mestria do que as do Palácio de S. Paulo, que, segundo Alexandre Lobato, foram fabricadas localmente. Entre os móveis do CMIM podemos apreciar uma mobília de escritório composta por uma secretária e por um armário livreiro. Segundo este investigador, este mobiliário terá sido fabricado na Escola de Artes e Ofícios desta cidade, como se pode ler nas suas palavras: «O gabinete da presidência está valiosamente decorado e mobilado. Tem a guarnecê-lo uma preciosa mobília de pau preto, trabalhada na escola de Artes e Ofícios, de que são peças principais um armário de livros e a secretária.»¹⁸³ (Figs. 2.106 a 2.110)

Esta escola da cidade de Moçambique, criada em 1879, serviu para formar habitantes locais, dispondo de várias oficinas, entre elas uma marcenaria. Assim sendo, as peças nela fabricadas seguindo a tipologia dos móveis do indo-português tardio pertencem a um período compreendido entre ao último quartel do séc. XIX e o séc. XX.

¹⁸² «Uma noite de Luxo no Palácio dos Capitães-Generais na Ilha de Moçambique», *Diário de Notícias*, 27.09.1971, p.5 (Anexo VII).

¹⁸³ LOBATO, Alexandre, «A Ilha de Moçambique (Monografia): Breve História da Ilha de Moçambique», Moçambique Documentário Trimestral, Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique, 1945, p 101.

Na sua visita de trabalho, Maria Madalena de Cagigal e Silva e o Arquitecto Rui Pimentel e por Luís Leite de Faria, estiveram também em contacto com estas peças. No seu relatório, Cagigal e Silva considera-as de pouco valor artístico, apesar do seu rebuscado trabalho em talha.¹⁸⁴

¹⁸⁴ SILVA, Maria Madalena Cagigal e, Relatório dos trabalhos efectuados em Moçambique pela Dra. Maria Madalena Cagigal e Silva[*sic*]. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966.

Considerações finais

Resultante da confluência de culturas, o património da Ilha de Moçambique é um legado mundial merecedor de toda a atenção e, como tal, tem sido alvo de várias ações de salvaguarda e de divulgação, de forma a manter-se para as gerações futuras.

A consciência da importância da preservação do património cultural moçambicano, teve início com a CMRHM, ainda antes da Independência Nacional como já atrás foi visto, principalmente na década de 60, quando várias ações de salvaguarda de monumentos e de objetos históricos foram levadas a cabo. No pós-independência (1975) esta preocupação manteve-se, apesar de se estar a criar uma nova Nação e de todos os constrangimentos que essa construção tem encontrado. Ao longo da história do país, a tarefa de salvaguardar o património moçambicano tem sido árdua, mas nem por isso tem sido posta de lado e são muitos os desafios que se lhe colocam.

Exemplo da consciência patrimonialista, mesmo que essa herança relembre um passado de repressão colonial, foi um projeto que envolveu Portugal e Moçambique e que aconteceu no início dos anos 80, quando a Fundação Calouste Gulbenkian, em parceria com o Estado moçambicano e com a consultoria do arquiteto Viana de Lima, organizou uma importante exposição com o objetivo principal de salvar o património que é a Ilha de Moçambique. A exposição intitulou-se: «Ilha de Moçambique em perigo de desaparecimento: uma perspectiva histórica, um olhar para o futuro.» [sic]¹⁸⁵ (Anexo IX e Figs. 2.111 e 2.112)

Muitas outras ações têm tido lugar como, em várias partes desta dissertação se refere. Também aos museus tem sido atribuída uma enorme importância «...como centros educativos que realizam o próprio homem, pois da aproximação deste com os objectos culturais ou científicos, compreende a sua realidade passada e presente»¹⁸⁶

Contudo e apesar da importância atribuída aos Museus da Ilha de Moçambique, desde o início da Independência estes têm-se mantido em condições difíceis, tanto ao nível da conservação dos edifícios, classificados como monumentos históricos, como ao nível da conservação das

¹⁸⁵ A.A.V.V., «Ilha de Moçambique em perigo de desaparecimento: uma perspectiva histórica, um olhar para o futuro». Fundação Calouste Gulbenkian. Porto: Inova, Artes Gráficas, agosto de 1983.

¹⁸⁶ Ilha de Moçambique atrai atenções, Jornal Notícias, 16 maio de 2001, p.2

suas coleções, devido ao desgaste do tempo, às condições climáticas (calor e humidade e chuvas intensas), à proximidade do mar (salitre) e à escassez de recursos humanos e financeiros que permitam quer a realização de um plano de conservação preventiva, quer intervenções de conservação e restauro, que se tornam há muito necessárias. O facto da distância entre a Ilha de Moçambique e Maputo, e as viagens até Nampula (Província onde se insere geograficamente) serem bastante dispendiosas, inibe turistas nacionais e estrangeiros e outro tipo de interessados de a visitarem com mais frequência, embora muitos o desejem e inibe também investigações e outros profissionais de terem acesso ao património aí existente.

No título dado a esta dissertação, «A Arte Indo-portuguesa na Ilha de Moçambique: um Intercâmbio de Formas e de Gostos», está claro que o encontro entre as várias culturas que confluíram para o mesmo espaço do Índico gerou um diálogo de estéticas, diálogo este sem sobreposição de nenhuma das partes. Os gostos ocidentais e orientais fundiram-se resultando numa arte híbrida, onde o sagrado e o profano coabitam, inclusive em peças de encomenda cristã, onde santos e animais fantásticos são esculpidos lado a lado, como acontece no retábulo do púlpito da Igreja do Palácio de S. Paulo, uma encomenda dos padres jesuítas para este edifício que começou por ser colégio e servir para a evangelização dos locais. (Fig. 2.27)

Apesar de subjugada ao poder de Portugal, a Índia resistiu culturalmente deixando transparecer na sua obra artística a sua forte cultura, o que deu origem a peças de raro encanto e mestria, muito valorizadas e infelizmente muito procuradas pelos antiquários. E foi a preocupação de salvaguardar os objetos artísticos resultantes da confluência das culturas indiana e portuguesa, denominados indo-portugueses, que peças provenientes desta cidade histórica e dos seus arredores (Mossuril) foram reunidas para serem integradas em museus, evitando assim que se dispersassem, perdendo-se o seu rasto e a sua memória.

O património religioso de diversas igrejas e capelas foi reunido para dar origem ao Museu de Arte Sacra e o civil complementou o recheio do palácio de S. Paulo, que ainda mantinha peças do seu tempo de residência de Governadores-Gerais e onde se montou o Museu de Artes Decorativas, recriando-se os ambientes interiores de sabor indiano, tão comuns na Ilha de Moçambique.

Apenas algumas peças dos acervos destes museus foram selecionadas para uma abordagem mais focada neste estudo. Haveria muitas mais, igualmente interessantes, para aqui identificar, contudo, não se pretende catalogá-las, mas sim apresentar uma amostra do que é este magnífico património cultural.

Esta dissertação, para além de apresentar os resultados do tratamento de um conjunto de informações recolhidas num processo pouco fácil e bastante demorado, procura ser também um ponto de partida para futuras pesquisas, pois muito há ainda para esclarecer e acrescentar ao estudo aqui iniciado.

Tal como se apresenta, este trabalho poderá tornar-se igualmente um contributo para a criação de uma plataforma digital, que dê a conhecer ao mundo, em acesso aberto, não só os acervos dos Museus da Ilha de Moçambique, como todo o seu rico património cultural. Algum trabalho já foi realizado nesse sentido, quando a equipa da Universidade de Coimbra, Cátedra/Unesco, com o apoio da FCG, realizou o inventário digital do MAS.¹⁸⁷ Contudo, há ainda muita informação a digitalizar, nomeadamente a relacionada com as coleções dos Museus de Artes Decorativas e Museu de Marinha, que, juntamente com o MAS, constituem os MUSIM. Desta forma, através de uma ligação à internet, o difícil acesso ao património móvel conservado nestes museus, ficaria disponível para todos os interessados, de forma prática e acessível.

À Ilha de Moçambique, desde 1991 incluída na lista do Património Mundial, cabe a importância de observar e refletir sobre o passado de que é herdeira e sobre o envolvimento e participação de todos os cidadãos.

Esta dissertação pode também ser contributo para interessar estudiosos de Moçambique, de Portugal e de outros países, para o estudo do património local, propondo novas maneiras de olhar e de o valorizar.

Preservar o património artístico de Moçambique é salvaguardar uma identidade coletiva em construção e um futuro melhor para todos os que dessa construção fazem parte.

¹⁸⁷ <http://www.patrimonios.pt/museus-da-ilha-de-mocambique-museu-de-arte-sacra/>

FONTES, BIBLIOGRAFIA e WEBGRAFIA

Fontes consultadas no Arquivo do Património Cultural (ARPAC)-

Da FONSECA, Pedro Quirino, *Enriquecimento dos Museus e Palácios da Província*. Ofício N°279/14/UH, de 12.01,1967. Ministério do Ultramar. Lourenço Marques: CMRHM, 1967.

Da FONSECA, Pedro Quirino, *Utilização do Subsídio da Fundação C. Gulbenkian para o Centro Cultural do Ibo*. Lourenço Marques: Comissão de Monumentos Nacionais, 7 de outubro de 1967. Pasta 19;

Da FONSECA, Pedro Quirino, *Mobiliário existente no Museu Histórico Militar de Lourenço Marques*. Lourenço Marques: Comissão dos Monumentos Nacionais, 1969.

Da FONSECA, Pedro Quirino, *Mobiliário a retirar do palácio de S. Paulo em consequência da remodelação feita naquele Palácio*. (Informação proposta n°51/ 1970 enviada à consideração do Secretário Provincial). Correspondência Geral. Província de Moçambique: Comissão dos Monumentos Nacionais 31 de outubro de 1970. Pasta 10. Nampula;

Inventário dos Bens Móveis pertencentes ao Palácio de S. Paulo. Província de Moçambique: Almoxarifado da Fazenda, 22 de janeiro de 1969.

LOBATO, Alexandre, *Mobiliário existente no Museu Histórico Militar de Lourenço Marques*. (Ofício de Alexandre Lobato, dirigido à consideração do Secretário Provincial). Pasta 19. Província de Moçambique: Comissão dos Monumentos Nacionais,1969;

LOBATO, Alexandre, *Mobiliário à carga do Palácio de S. Paulo, pretendido pelo Governo do Distrito de Moçambique, para a residência do Governador, em Nampula*. (Ofício dirigido ao Governador do Distrito de Moçambique). Correspondência Geral. Província de Moçambique: Comissão dos Monumentos Nacionais, 1970. Cadastro M6, Pasta 10, Província de Moçambique;

Nampula: Palácio de S. Paulo. (Fotografias do Palácio de S. Paulo antes do restauro da CMRHM). Serviço de Nacional de Museus e Antiguidades. (data?) Pasta n°12, IV, Código: Palácio de S. Paulo);

Ofício dirigido ao Chefe da Repartição do Gabinete do Governador Geral. Lourenço Marques: CMRHM, janeiro de 1965. Copiador de notas 1964 a 1967.

Ofício dirigido à Direcção dos Serviços de Fazenda e Contabilidade [sic]. Lourenço Marques: CMRHM, 5 de junho de 1965. Ofício 35/65 Copiador de notas 1964 a 1967.

VIEGAS, Manuel H. de M- Ofício N° 20/65 remetido ao Presidente do Conselho de Administração da FCG. Proc. M184/ 63 (Serviço do Ultramar). Lourenço Marques: CMRHM, 17. 08.1965, pp 1 e 2

Fontes consultadas no Arquivo Histórico de Moçambique (AHM)

Boletim Oficial da Colónia de Moçambique, N°14. 1ª Série. Portaria 5:093. Artº1, de 3 de abril de 1943, p.104 (Palácio de S. Paulo declarado Monumento Histórico de Moçambique);

Livro da carga da mobília e utensílios dos Palácios de S. Paulo e Mossuril, em 31 de Dezembro de 1881. Moçambique. Junta da Fazenda de Moçambique, 1881. AHU. Códice 4-519.

Uma noite de luxo no palácio dos capitães Gerais na Ilha de Moçambique. (Entrevista ao Arq. Pedro Quirino da Fonseca) In: *Diário de Notícias* (Jornal). 27 de setembro de 1971, p. 5;

Fontes consultadas no Departamento de Museus/ DNPC

AA.VV- «A Direcção Nacional de Cultura e o Serviço Nacional de Museus e Antiguidades: O Museu de História Colonial da Ilha de Moçambique», *Primeira reunião de Museus e Antiguidades: Relatórios e Conclusões*. Capítulo 2, Alínea C. Ilha de Moçambique: Direcção Nacional de Cultura, de 15 a 24 de julho de 1978;

COSTA, Alda, *Património Oriental em Moçambique: Património a conhecer e a construir*. Maputo: DM/ Ministério da Cultura e Juventude/Moçambique, 1994. (Comunicação apresentada ao IV Encontro de Museus de País e Comunidades de Língua Portuguesa. 28 fevereiro- 02 março, 1994. Macau);

Ilha de Moçambique: Plano de Gestão e Conservação 2010 – 2014. Maputo, Ministério da Cultura de Moçambique. 2010.

Inventário dos Bens Móveis do Estado, Repartição: Palácio de S. Paulo de Moçambique.p.2 República Popular de Moçambique: Serviços do Património, 1984;

TEIXEIRA, Sara de Sousa, *Reviver a Índia no Palácio de S. Paulo da Ilha de Moçambique*. Comunicação apresentada no V Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, setembro de 1998.

TEIXEIRA, Sara de Sousa, *Levantamento de Acções de Conservação e Gestão do Património Mundial da Ilha de Moçambique*. [sic]. Comunicação apresentada no Seminário de

Coordenação sobre a Gestão do Património Mundial da Ilha de Moçambique. Ilha de Moçambique, MEC/ DINAC, de 05 e 06 de fevereiro 2007.

TEIXEIRA, Sara de Sousa, *Monumentos religiosos e lugares sacros*. Comunicação apresentada no Pátio do Palácio de S. Paulo, por ocasião do Dia Internacional dos Monumentos, em 18 de abril de 2008. Ilha de Moçambique: MUSIM, 2008;

Fontes consultadas nos Arquivos da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG)

SILVA, Maria Madalena Cagigal e Silva, *Inventário dos Objectos Existentes na Igreja da Misericórdia, Destinados ao Futuro Museu da Ilha de Moçambique*. [sic] Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966. Pasta COOP. 01891 Proc. 184/63;

SILVA, Maria Madalena de Cagigal, *Museu de Arte Sacra da Ilha de Moçambique*. Apontamento. 10. de fevereiro. Lisboa: FCG- Biblioteca de Arte, de 1966. Arquivo COOP. Proc. n.º M184/93, Inf.º N.º 40/66;

SILVA, Maria Madalena de Cagigal e *Museu de Arte Sacra da Ilha de Moçambique. Mobiliário à Venda em Moçambique. Parecer*. 18 de setembro. Lisboa, FCG- Biblioteca de Arte, de 1966. (ver anexo documental, I.18, para este último documento). Arquivo COOP. Proc. n.º M184/93;

SILVA, Maria Madalena Cagigal e, Relatório dos trabalhos efectuados em Moçambique pela Dra. Maria Madalena Cagigal e Silva [sic.]. Lisboa: FCG, 1966.

Catálogos/ Brochuras/ Revistas

AA.VV. *A Ilha de Moçambique em Perigo de Desaparecimento, uma Perspectiva Histórica, um Olhar para o Futuro*. Porto: Fundação Calouste Gulbenkian, agosto de 1983;

AA.VV. *Ilha de Moçambique: Património Mundial*. (Brochura) Maputo: Ministério da Cultura/ Direção Nacional do Património Cultural, 2014;

AA.VV. *Ilha de Moçambique: Ponto de Encontro de Civilizações*. Exposição Universal de Sevilha (EXPO 92). Maputo: Comissão Geral de Moçambique na Exposição Universal de Sevilha, 1992;

AA.VV. *Museu de Arte Sacra (Anexo à igreja da Misericórdia)*. Primeiro catálogo do Museu de Arte Sacra da Ilha de Moçambique. Lisboa: Comissão Provincial das Comemorações Centenárias de Vasco da Gama e Luís de Camões, novembro de 1969;

COSTA, Alda- *Os museus da Ilha de Moçambique e os tesouros que encerram*. Revista Índico, Série II, nº19, abril-junho de 2002, pp 40 a 44.

COSTA, Alda- «Preservar e Valorizar o Património Cultural dos Moçambicanos: Histórias e Reflexões do passado e do Presente», *Patrimônio Cultural e Sustentabilidade: Ação Integrada entre Brasil e Moçambique*. Universidade Federal de Minas Gerais/ Universidade Eduardo Mondlane. Belo Horizonte, 2018. pp13 a 23.

COSTA, Alda; TEIXEIRA, Sara de S., *Da Índia para Moçambique: Exposição de Mobiliário Indo-Português*. (Brochura da Exposição) Maputo: MUSART, (10.11.1999 a 16.01.00)

COSTA, Alda; TEIXEIRA, Sara de Sousa, *Museus de Moçambique*. Maputo: EPM-CELP, 2007. pp 21 a 24 (Brochura). Disponível *online* em: [Museus de Moçambique by PROGRAMA PENSAS - issuu](#). [Consultado a 13.01.2021];

MACAMO, Solange (Coordenação) «Ilha de Moçambique: Património Mundial». Maputo: Ministério da Cultura, Direção Nacional do Património Cultural, 2014;

Bibliografia e Webgrafia

AARHUS, Arkitektskolen i (Danmark), *Ilha de Moçambique: Relatório/ Report*. Moçambique: Secretaria de Estado da Cultura, 1982-85;

AA. VV. «Actividades da CMRHM em 1968» [*sic.*], *Monumenta* Nº5, Lourenço Marques: CMRHM, 1969, p. 67.

AA. VV. «A presença portuguesa em Moçambique. Monumentos históricos: Palácio e Igreja de S. Paulo», *Boletim Informativo. Serviços Culturais*. Maputo: Embaixada de Portugal, Primavera de 1990, p. 9;

AA. VV. «Igrejas e Capelas de Moçambique», *Moçambique: Documentário Trimestral*, Nº 10, Ano III. Lourenço Marques: Imprensa Nacional, 31 de março de 1937. 171pp;

AA. VV. «Ilha de Moçambique: A primeira capital da Província», *Moçambique: Documentário Trimestral*. Nº105. Lourenço Marques: Minerva Central, 1961, p. 102.

AA. VV. *Influências do Oriente na arte portuguesa continental. A arte nas províncias portuguesas do Ultramar*. Lisboa: Museu Nacional de Arte Antiga, 1957;

AA. VV. «Monumentos e Relíquias Históricas de Moçambique», *Moçambique: Documentário Trimestral*, Nº 33, Portugal. Colónia de Moçambique, 1943. pp 143 e 144;

- ALDROVANDI**, Cibele E. V., «Monumentalidade e hibridismo indo-português: discursos visuais talhados em pedra, madeira e marfim», *Via Atlântica*, Nº 19 jun./2011. Universidade de São Paulo, pp149 a 164. Disponível *online* em:
https://www.academia.edu/23092616/Monumentalidade_e_Hibridismo_Indo_Portugu%C3%AAs_Discursos_Visuais_Talhados_Em_Pedra_Madeira_e_Marfim?email_work_card=view-paper [Consultado a 20.03.2022]
- ANDRADE**, António Alberto- *Relações de Moçambique Setecentista*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar-Divisão de Publicidade e Biblioteca, 1955;
- AZEVEDO**, Carlos de - *Um artista italiano em Goa: Moçambique- 25.07.1698* (Plácido Francesco Ramponi e o Túmulo de S. Francisco Xavier). In: *Garcia de Orta*, Vol. IV, Número Especial. Lisboa, Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar Ministério do Ultramar.1956, pp 99 306 e 307;
- AZEVEDO**, Carlos- *Arte cristã na Índia Portuguesa*. Lisboa: Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar, 1959;
- AZEVEDO**, Carlos- *A Arte de Goa, Damão e Diu*. Lisboa: Comissão Executiva do V Centenário do nascimento de Vasco da Gama, 1969;
- BARROSO**, António- «Padroado de Portugal em África». *Relatório da Prelazia de Moçambique*. 14ª Série Lisboa: Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, 1895, pp. 565-738;
- BORGES**, Charles J. - «Questões em Torno das Formas de Representação na Arte Religiosa Indo-Portuguesa». *Oceanos*. Números 19/20. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994. pp.72-86;
- BOTELHO**, José Justino- «Território da Capitania de Moçambique quando se separou da Índia. Divisão Administrativa», *História Militar e Política dos Portugueses em Moçambique*. Parte IV. Cap. II. Lisboa: Centro Topográfico Colonial, 1934. p. 380 e 381;
- CACHAT**, Séverine- «A Construção do Objecto Patrimonial», *Ilha de Moçambique: Uma Herança Ambígua*. Maputo: Alcance Editores, 2018. pp 91 a 128.
- CANAVEIRA**, Manuel Filipe- «Goa Dourada». *Oceanos*, números 19/20. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994. pp.204-210;
- CANHA E SÁ**, João de- *Retábulos da Companhia de Jesus em Luanda e na Ilha de Moçambique*. Tese de Mestrado em História de Arte. Gambelas: U. Algarve/ FCHS, 2012;
- CARITA**, Hélder e **CARDOSO**, Homem- *Oriente e Ocidente nos Interiores em Portugal*. Lisboa: Livraria Civilização Editora, 1983;

- CARITA**, Helder. *Palácios de Goa: modelos e tipologias de arquitectura civil indo-portuguesa*. [sic.]. Lisboa: Quetzal Editores, 1995;
- CARITA**, Helder- «Artes Decorativas nos Cristãos de São Tomé da Índia: Cruzeiros, Púlpitos e Pias Baptismais». *Actas do 2º Colóquio de Artes Decorativas. 1º Simpósium Internacional*. [sic] Lisboa: Escola Superior de Artes Decorativas (ESAD)- FRESS, maio de 2008;
- CARVALHO**, Henrique Augusto Dias de; **ALLEN**, Guilherme Diogo Pessoa- «Moçambique: Palácio do Governo», *Revista Illustrada: As Colónias Portuguezas*. Lisboa: Lallemand Frères, Typ, [sic] 1883, p.127;
- CASTILHO**, Augusto de- «Palácio do Governo de Moçambique». *O Occidente*. Revista Ilustrada de Portugal e do Estrangeiro [sic]. s/l 1882. Vol. V,114, pp 43-45;
- CHICÓ**, Mário Tavares- «Aspectos da arte religiosa da Índia Portuguesa» [sic.], *Boletim Geral do Ultramar*. - Ano 27º, nº 318, dezembro de 1951;
- CHICÓ**, Mário Tavares, *A escultura decorativa e a talha dourada nas igrejas da Índia Portuguesa*. Lisboa: Tipografia da Empresa Nacional de Publicidade, Separata de Belas-Artes, Nº 7, 1954;
- COELHO**, Maria Isabel H. Monteiro- *Ilha de Moçambique*. Lisboa: s/l, 1966, p. 46.
- COUTO**, João, «Duas sacras provenientes de Tete», *Moçambique: Documentário Trimestral*, Nº7. setembro. Portugal: Colónia de Moçambique 1936, pp 5-14. Disponível online em: <http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=MDT/MDT-N007&p=9>. [Consultado a 24.09.2020]
- COUTO**, João, *Alguns subsídios para o estudo técnico das peças de ourivesaria no estilo denominado indo-português: três peças de prata que pertencem ao Convento do Carmo de Vidigueira*. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia, 1938;
- COUTO**, João, *A prataria indo-portuguesa: elementos decorativos*. Lisboa: Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar, 1956;
- COUTO**, João, *Artes plásticas: de novo a arte indo-portuguesa no Museu de Arte Antiga*. Lisboa: Ocidente, 1962;
- COSTA**, Alda- *Notas sobre Museus, Exposições e Discursos de Representação do Passado e do Presente*. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, s/d. Disponível online em: <https://ebooks.uminho.pt/index.php/uminho/catalog/view/48/93/1010-1> [Consultado a 10.03.2022].

- CRUZ**, Sandra Cristina Loureiro da- *Conversas de Contadores sobre o Indo-Português: a justificação de uma exposição*. Lisboa: ISCTE/ Instituto Universitário de Lisboa. Escola de Sociologia e Políticas Públicas, 2016. Disponível *online* em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/13936/1/Tese%20completa%20Sandra%20Cruz.pdf>. [Consultado a 26.07.2020];
- CUNHA**, Santana Sebastião da «Palácio e Igreja de S. Paulo», *Antiguidades Históricas da Ilha de Moçambique e do Litoral Fronteiro, desde os tempos da ocupação*. Vol. 1, nº8. Lisboa: Oficinas da União Gráfica, 1939;
- CURVELO**, Alexandra, *Arte Luso-oriental e Indo-portuguesa*, Revista Água Vai. 23 abril de 2015. Disponível *online* em: <http://revistaaguavai.blogspot.com/2015/04/arte-luso-oriental-e-indo-portuguesa.html> [Consultado a 17.03.2022];
- DIAS**, Pedro; *História da Arte Portuguesa no Mundo (1415 - 1822): O Espaço do Índico*, Vol. II. Lisboa: Círculo de Leitores, 1999;
- DIAS**, Pedro, *A Arte Indo-Portuguesa: capítulos da história*. Coimbra: Almedina, 2004;
- DIAS**, Pedro, «Contador Indo-português: Influência Mogol». In: *Masterpieces: Pegadas dos Portugueses no Mundo*. Lisboa: AR-PAB, 2010 p.22- Disponível *online* em: https://www.pab.pt/_usr/downloads/Masterpieces.pdf [Consultado a 22.07.2020];
- DIAS**, Pedro, *Mobiliário indo-português*. Moreira de Cónegos: Imaginalis, 2013;
- ECO**, Humberto; *Como se faz uma Tese*. 21ª Edição. São Paulo: Editorial Perspectiva S. A. [sic.], 2008;
- ENNES**, António, «De Lisboa a Moçambique», Serões (Revista). Segunda Série, Volume I, Nº3, Cap. III. Lisboa: Typographia dos Serões, maio e junho de 1901[sic.], pp145-158. Disponível *online* em: [SeroesN03.PDF](#). [Consultado a 01.06.2021];
- EUSÉBIO**, Maria de Fátima “Subsídios para o estudo do intercâmbio das formas na arte indo-portuguesa: o caso específico da arte da talha”, *Os descobrimentos portugueses nas rotas da memória*. (Coordenação de Marília dos Santos Lopes). Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2002;
- EUSÉBIO**, Maria de Fátima, *Intercambio de formas de arte Indo-Portuguesa: o caso específico da arte na talha*, [PDF]. *Mathesis*, n.º 12. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2003. Disponível *online* em: http://www4.crb.ucp.pt/biblioteca/Mathesis/Mat12/Mathesis12_57.pdf [Consultado a 24.09.2020];
- FELGUEIRAS**, José Jordão-, «Mobiliário Indo-português dos Austrias», *IX Jornadas de Arte: El Arte en las Cortes de Carlos V y Felipe II*. Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1999;

- FERNANDES**, José Manuel, «Igreja da Misericórdia e Hospital.», *Património de origem portuguesa no mundo – arquitectura e urbanismo*. [sic.]. África, Mar Vermelho, Golfo Pérsico. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010;
- FERRÃO**, Bernardo, *A imaginária Luso-oriental*. Lisboa: IN/CM, 1983;
- FERRÃO**, Bernardo, *Mobiliário Português: Índia e Japão*. Vol. III. Lisboa: Lello & Irmão, 1990;
- FERRÃO**, Bernardo, *Mobiliário Português*. Vol. IV. (Glossário) Porto: Lello & Irmão, 1990;
- FONSECA**, Pedro Quirino da, «Algumas descobertas de interesse Histórico- Arqueológico», *Boletim da Comissão de Monumentos Nacionais da Província de Moçambique*. Nº8. Lourenço Marques: Comissão dos Monumentos Nacionais, 1972;
- FRIAS**, Hilda, *Goa: A arte dos púlpitos*. Lisboa: Livros Horizonte, 2006;
- FORJAZ**, Moira (fotografia), MUGE, Amélia (Texto), *Muipiti: Ilha de Moçambique*. Vila da Maia: Imprensa Nacional -Casa da Moeda, 1983.
- GARCIA**, António, S.J., «Sessenta anos dos Franciscanos em Moçambique», *História de Moçambique Cristão*. 2 vols. Braga: Livraria Cruz, 1972;
- GONÇALVES**, Carla Alexandra, *Metodologia do Trabalho Científico*. Lisboa: UA, 2016;
- GONÇALVES**, Flávio. «A iconografia da arte hindu estudada por um português do século XVIII», *Colóquio*, nº 32, fevereiro de 1965;
- GUEDES**, Natália Correia (Coordenação) *Encontro de culturas: oito séculos de missionação portuguesa*. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa, 1994;
- HOUGAARD**, Jens; PEDRO, M. Titos; CUNA, Carlos M., *Ilha de Moçambique: Estudos preliminares para um Plano de Conservação e Restauro da Cidade*. Relatório Nº1. Ilha de Moçambique: Gabinete de Restauro e de Conservação de Monumentos, 28.07.1983. p.2
- HOUGAARD**, Jens. *Conservação e desenvolvimento histórico arquitetónico na Ilha de Moçambique*. Acervo Suaili Digital. Sl., (Sd). Disponível online em: <http://www.acervodigitalsuaili.com.br/portal/uploads/page/E66CBF4C78.pdf>. [Consultado a 08.03.2020];
- KARIYIL**, Joseph, «Apresentação», *Museu Indo-Português: Paço Episcopal de Cochim*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
- KNOPFLI**, Rui (textos e fotos); **LOBATO**, Alexandre (Prefácio), *A Ilha do Próspero: Roteiro Privado da Ilha de Moçambique*. Lourenço Marques: Minerva Central, 1972. p.137;

- LAMEIRA**, Francisco, «O Retábulo no Mundo Português: tipologias e modelos compositivos». *Promontoria*. Ano 10. Nº 10. FCHS, Universidade do Algarve, CHAIA, Universidade de Évora, 2012 / 2013. Disponível *online* em: [61524853.pdf \(core.ac.uk\)](#) [consultado em 15.02.2021];
- LAMEIRA**, Francisco; **CANHA E SÁ**- «Retábulos nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa», *Promontoria Monográfica História da Arte* 06. Loulé: Departamento de Artes e Humanidades da Universidade do Algarve e Câmara Municipal de Loulé, 2014;
- LAMEIRA**, Francisco; **SERRÃO**, Vitor- «O Retábulo protobarroco em Portugal (1619-1668)», *Promontoria*. Ano I. Nº 1. Universidade do Algarve, Universidade de Letras de Lisboa, 2002/2003. Disponível *online* em: [A encomenda artística \(ualg.pt\)](#) [consultado em 26.04.2021];
- LAPA**, Joaquim José, «Páginas de Pedra: Do Colégio de S. Francisco Xavier da Companhia de Jesus de Moçambique», *África Oriental Portuguesa*. [sic.]. *Folhas dispersas*. Cap. V. Moçambique: Imprensa Nacional, 1893.AHM, B27.
- LEITE**, Pedro Pereira, *CASA MUSS-AMB-IKE: O Estado da Arte da Museologia em Moçambique*. Doutoramento em Museologia. Lisboa: Universidade Lusófona, 2010. Disponível *online* em: https://www.academia.edu/445042/Casa_Muss-amb-ike_Viagem_pelos_museus_de_Mozambique. [consultado em 15.06.2020];
- LEITE**, Pedro Pereira, *Casa Muss-amb-ike: Viagem pelos Museus de Moçambique*. (Tese de Doutoramento em Museologia) [sic.] Lisboa, Universidade Lusófona, 2010. Disponível *online* em: https://www.academia.edu/445042/Casa_Muss-amb-ike_Viagem_pelos_museus_de_Mozambique [Consultado a 26.07.2020];
- LEITE**, Pedro Pereira, *Um Trânsito do olhar Museológico sobre a Ilha de Moçambique: Hibridismo e Interculturalidade*. 2011. Consultado *online* em: file:///D:/Ilha%20de%20Mo%C3%A7ambique/o%20estado%20das%20artes%20em%20mo%C3%A7ambique/Hibridismo_e_Interculturalidade_na_Ilha.pdf [Consultado a 20.07.2020];
- LOBATO**, Alexandre, «Documentação para a História de Moçambique: Relação dos estabelecimentos Portugueses na Costa Oriental de África, em 1809, por Henri Salt», *Documentário Trimestral*. Nº37. Lourenço Marques: Imprensa Nacional, janeiro/ fevereiro e março de 1944;
- LOBATO**, Alexandre, «A Ilha de Moçambique (Monografia): Breve História da Ilha de Moçambique», *Documentário Trimestral*, Nº42, Ano XI, Lourenço Marques: Imprensa Nacional de Moçambique, 1945. AHM, Nº114, Cota B.22. Disponível *on-line* em: <http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=MDT/MDT-N042&p=188> [Consultado a 18.10.2021];

- LOBATO**, Alexandre, «Ilha de Moçambique: Panorama Estético». Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1966, s/p.
- LOBATO**, Alexandre, «Ilha de Moçambique: Panorama Histórico.» Lisboa: Agência-Geral do Ultramar, 1967;
- LOBATO**, Alexandre, «Conservar e Modernizar na Ilha de Moçambique», *Monumenta*. Nº6, Ano 6. Boletim da Comissão dos Monumentos Nacionais da Província de Moçambique. Lourenço Marques: Imprensa Moderna, 1970, pp 7-10;
- LOBATO**, Alexandre- «Ilha de Moçambique: Notícia Histórica.» (Texto para ser apresentado ao Presidente Julius Nyerere durante a sua visita a Moçambique, em 1975). Maputo, 1988. *Arquivo. Boletim do Arquivo Histórico de Moçambique: Ilha de Moçambique. Nos 170 anos da fundação da primeira cidade de Moçambique*. Nº 4. Especial. Maputo: AHM, 1988, pp 67 a 78;
- LOBATO**, «A Ilha de Moçambique: Notícia Histórica», in SAÚTE, Nelson e SOPA, António. A Ilha de Moçambique pela voz dos poetas. Lisboa: Edições 70, 1992, p. 171.
- LOBATO**, Manuel, «A Ilha de Moçambique antes de 1800»; *Oceanos* (Revista). *Ilha de Todos: Ilha de Moçambique*, nº25, janeiro/ março. Lisboa: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, 1996;
- LOPES**, Rui Oliveira, «Imaginária indo-portuguesa em marfim», *Museu Ibérico de Arqueologia e Arte. Antevisão I*. Abrantes: Câmara Municipal de Abrantes / MIAA, 2009;
- MACIEIRA**, Isabel Maria da Silva «A Ilha de Moçambique durante a idade moderna: a "Cidade de pedra e cal"». (Modelo para a apresentação da Tese definitiva). Mestrado em História da Arte Portuguesa. Faro: Universidade do Algarve. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2007, p. 89;
- MARIZ**, Vera Félix, «A Musealização de Monumentos e o Restauro Arquitectónico em Moçambique». [sic.]. In: *Atas do VI Encontro de Museus de Países e Comunidades de Língua Portuguesa. Atas 2012*. Lisboa: International Council of Museums (ICOM) 2012. pp.237-244. Disponível *online* em: https://www.academia.edu/20729362/A_musealiza%C3%A7%C3%A3o_de_monumentos_e_o_restaur%C3%B3nico_em_Mo%C3%A7ambique . [Consultado em 24.09.2020];
- MARIZ**, Vera Félix, «A salvaguarda dos monumentos portugueses em Moçambique (1943-1974)». In: *Atas do Congresso Internacional Saber Tropical em Moçambique: História, Memória e Ciência IICT – JBT/Jardim Botânico Tropical*. Lisboa, 24-26 outubro de 2012. Disponível *online* em: [A salvaguarda dos monumentos portugueses em Moçambique \(1943-1974\) \(wordpress.com\)](http://www.wordpress.com) [Consultado a 28.07.2020];

- MARIZ**, Vera Félix, «De Hospital da Misericórdia a Museu de Arte Sacra da Ilha de Moçambique (Séc. XVI-1969)», *O património artístico das ordens religiosas: entre o liberalismo e a atualidade*. (Edição Especial). Nº3. Lisboa: Artison, 2016. Disponível online em: [71-Texto Artigo-270-1-10-20160918 \(1\).pdf](#) [Consultado a 15.04.2021];
- MARQUES**, Cátia, «Contadores Indo-Portugueses Um luxo asiático para português ver», *Pedra & Cal* N.º 21 janeiro/ fevereiro/ março 2004, p. 39. Disponível online em: http://www.gecorpa.pt/Upload/Revistas/Rev21_Art12.pdf. [Consultado a 27.07.2020];
- MATTOSO**, José (Direção), «Património de Origem Portuguesa no Mundo: Arquitectura e Urbanismo, *África. Mar Vermelho. Golfo Pérsico*. [sic] Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010. p. 529, 530 e 543;
- MENDONÇA**, Isabel de (Coordenação), «As artes Decorativas e a Expansão Portuguesa. Imaginário e Viagem», *Actas do 2º Colóquio de Artes Decorativas*. [sic.]. Lisboa: FRESS-ESAD, 2010;
- MOREIRA**, Rafael e **CURVELO**, Alexandra, *A Circulação das Formas. Artes Portáteis, Arquitectura e Urbanismo*, História da Expansão Portuguesa, Círculo de Leitores, (Vol. 2), Lisboa 1998, p.532.
- MUTAL**, S. (Coordenador/Consultor); «“Relatório Global”, Ilha de Moçambique Património Mundial: Um programa de Desenvolvimento Humana Sustentável e Conservação Integral», 6 Volumes sectoriais e relatórios com mapas dos locais. Maputo. STS/PNUD/UNESCO/WHC, dezembro 1998;
- OLIVEIRA**, Octávio Roza, [sic.]. «Peças Museológicas, que se encontram no Museu Histórico Militar de Lourenço Marques, instalado na Fortaleza de Nª Senhora da Conceição», *Separata do Boletim da Sociedade de Estudos de Moçambique: Breve notícia sobre a história da Fortaleza de Nª Senhora da Conceição de Lourenço Marques, onde se encontra instalado o Museu Histórico Militar de Moçambique.*» Vol. 35. Nº 144 e 145. Julho/ dezembro. Lourenço Marques: Sociedade de Estudos de Moçambique, 1965, pp226 e 227;
- PEREIRA**, Alberto Feliciano Marques, *A Arte em Moçambique*, Lisboa, s/1,1966;
- PEREIRA**, José, *Barroco Europeu, Barroco Indiano*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica/ Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga, 1985;
- PEREIRA**, Zélia, *Os jesuítas em Moçambique. Aspectos da acção missionária portuguesa em contexto colonial (1941-1974)* (Artigo). p. 86. Disponível On Line em: https://www.persee.fr/doc/luso_1257-0273_2000_num_7_1_1360. [Consultado em 10.04.2021]

- PINTO**, Carla Alferes, *A colecção de arte colonial do Patriarcado de Lisboa. Proposta de Estudo e musealização*. [sic.]. (Tese de Doutoramento em História da Arte, especialidade em Museologia e Património Artístico). Lisboa: Universidade Nova de Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2014. Disponível *on line* em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/13670/1/I.%20Carla%20Alferes%20Pinto%2C%202014%20-%20A%20colec%C3%A7%C3%A3o%20de%20arte%20colonial%20do%20Patriarcado%20de%20Lisboa.%20Proposta%20de%20estudo%20e%20musealiza%C3%A7%C3%A3o%20%28T~1.pdf> [Consultado a 26.07.2020];
- PINTO**, Carla Alferes, «A arte ao serviço do império e das colónias: o contributo de alguns programas expositivos e museológicos para o discurso de legitimação territorial», *MIDAS-Museus e Estudos Internacionais*, Nº 6, 2016. (Posto online no dia 04 abril 2016). Disponível *on line* em: <https://journals.openedition.org/midas/957>. [Consultado a 27.07.2020];
- PINTO**, Carla Alferes, «Cultura Material e Memória na Ilha de Moçambique. Madalena de Cagigal e Silva e o Museu de Arte Sacra (1966)», *XV Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa: O Estado da Índia e a África Oriental. Ilha de Moçambique*. 31 de outubro a 3 de novembro de 2018. Disponível *on line* em: <https://sihip2018.files.wordpress.com/2018/10/livrosihip.pdf>. [consultado em 15.06.2020]
- PINTO**, Maria Helena Mendes (coordenação), *De Goa a Lisboa: A arte indo-portuguesa dos séculos XVI a XVIII*. Coimbra: Instituto Português de Museus, 1992;
- PINTO**, Maria Helena Mendes- «Sentando-se em Goa”, *Oceanos*, Nsº 19 e 20. Lisboa: Comissão nacional para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, dezembro de 1994. pp43-58;
- PINTO**, Maria Helena Mendes, «[Inventário do mobiliário indo-português](#)», *Mare Liberum: Revista de Histórias dos Mares*. Nº 9, julho. Lisboa. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1995;
- PINTO**, Maria Helena Mendes (Coordenação), *Museu de Arte Sacra Indo-Portuguesa de Rachol*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003;
- PINTO**, Maria Helena Mendes, «Museu Indo-Português de Cochim: da construção do edifício à escolha das peças», *Museu Indo-Português: Paço Episcopal de Cochim*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011;
- RAPOSO**, Francisco Hipólito, «O encanto dos contadores indo-portugueses», *Oceanos*. nº 19/20. Lisboa: Comissão para a Comemoração dos Descobrimentos Portugueses, 1994;
- RAU**, Virgínia, «Aspectos Étnicos-culturais da Ilha de Moçambique em 1822» [sic.], *Studia*. (Revista Semanal). Nº11. Lisboa: Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1963, p 129.

REIS, Mário Beirão, *Ourivesaria Civil Indo-Portuguesa: As Salvas de D. João de Castro: Ensaio de uma Compreensão*. Lisboa: Neogravura, 1977, pp 30-32.

REIS, Mónica Esteves, «O retábulo indo-português de Damão e Diu», *Promontoria*. Ano 5 - Nº 5, 2007. Disponível *online* em:

https://www.researchgate.net/publication/260422487_O_retabulo_indo-portugues_de_Damao_e_Diu [Consultado a 27.07.2020];

REIS, Mónica Esteves, «A Arte Retabular da Companhia de Jesus em Damão: focando o Retábulo de Nossa Senhora com o Menino na sacristia da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios», *Revista de História da Arte e Arqueologia*, Nº 11 (jan. / jun. 2008). Disponível *online* em:

https://www.researchgate.net/publication/260422627_A_Arte_Retabular_da_Companhia_de_Jesus_em_Damao_focando_o_Retabulo_de_Nossa_Senhora_com_o_Menino_na_sacristia_da_Igreja_de_Nossa_Senhora_dos_Remedios [Consultado a 27.07.2020];

REIS, Mónica Esteves, «Arte Retabular Indo-Portuguesa: exemplos de miscigenação», *Colóquio Internacional "Portugal e o Sueste Asiático: 500 Anos"*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 4 e 5 de maio 2011. Disponível *online* em:

https://www.researchgate.net/publication/273789170_Arte_Retabular_Indo-Portuguesa_exemplos_de_miscigenacao [Consultado a 27.07.2020];

REIS, Mónica Esteves, «O Retábulo Indo-Português e a miscigenação iconográfica». In: *Iconografia e Fontes de Inspiração – Imagem e Memória da Gravura Europeia Actas do 3.º Colóquio de Artes Decorativas*. [sic.]. Disponível *online* em: [file:///H:/sobre%20o%20indo-portugu%C3%AAAs/O_Retabulo_Indo_Portugues_e_a_miscigenac%20\(1\).pdf](file:///H:/sobre%20o%20indo-portugu%C3%AAAs/O_Retabulo_Indo_Portugues_e_a_miscigenac%20(1).pdf) [Consultado a 10.10.2020];

RIBEIRO, Manuel F.Ribeiro, «A capital de Moçambique sob o Ponto de vista da Imigração e Colonização», *Bibliotheca Africana*. Porto: Empreza Ferreira de Brito, [sic.]. 1882. p 30.

RILEY, James, «Museus da Ilha de Moçambique», *V Encontro de Museus de Países e Comunidades de Língua Portuguesa*. Maputo: ICOM (Comissão Nacional Portuguesa), 2005, p.133;

RUFINO, José dos Santos, *Álbuns Fotográficos e Descritivos da Colónia de Moçambique*. Nº 07, [Distrito de Moçambique - Aspectos Gerais] [sic.]. Hamburgo: Broschek & Co.,1929, p. Disponível *online* em: <http://memoria-africa.ua.pt/Library/AFDCM.aspx> [Consultado a 06.12.2021].

SÁ, João Canha e Sá- *Retábulos da Companhia de Jesus em Luanda e na Ilha de Moçambique*. Dissertação de Mestrado em História da Arte. Universidade do Algarve/ Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2012.

- SANTOS**, Reynaldo, «A Índia Portuguesa e as Artes Decorativas», *Belas Artes: Revista e Boletim da Academia Nacional de Belas Artes* 2.^a série 72^a Série, Nº 7, Lisboa, 1954;
- SANTOS**, Reynaldo dos, «Goa e a Arte Indo-Portuguesa», *Revista Colóquio*, Nº 17, 1962;
- SERRÃO**, Vitor- «Para uma metodologia de pesquisas integradas sobre a arte Luso-Moçambicana no período colonial: Dois casos mal conhecidos de pintura dos séculos XVII e XVIII.», *Actas do IV Simposium Internacional de Língua Portuguesa- Diálogo entre Culturas*. [sic.]. (Revista Aprender Juntos). Ano VII. Nº 10-11. Maputo: EPM-CELP, 01.2008, pp269-289.
- SILVA**, Maria Madalena de Cagigal e, *Relações artísticas entre Portugal e a China: séculos XVI - XVIII*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Tese de Licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 1946;
- SILVA**, Maria Madalena de Cagigal, *Uma composição da arte indo-portuguesa*. (Separata do Tomo VIII das Publicações do XXIII Congresso Luso-espanhol (Coimbra, 1-5 de junho de 1956). Coimbra: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 1957 (Biblioteca Nacional de Portugal, 3076 B. A.);
- SILVA**, Maria M. de Cagigal e, *Aspectos das relações entre a arte oriental e os objectos denominados de arte popular portuguesa*. [sic.]. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1965;
- SILVA**, Maria Madalena Cagigal e, *A arte Indo-Portuguesa*. Lisboa: Edições Excelsior, 1966 (Biblioteca Nacional de Portugal, B.A.4092 A);
- SILVA**, Maria M. de Cagigal e, «O Mobiliário Indo-Português», *O Educador* (Jornal) 10.01.1968;
- SILVA**, Maria Madalena de Cagigal e, «Uma porta Indo-Portuguesa da Ilha de Moçambique». *II Separata da Revista de Etnografia. Revista de Etnografia* vol. XIV, tomo 1. Nº28. Porto: Imprensa Portuguesa, 1970;
- SILVA**, Maria Madalena de Cagigal e, «Obras de arte Indo-Portuguesa de carácter Mongólico». In: *Separata de Garcia de Orta*, Número especial Comemorativo do IV Centenário da Publicação de *Os Lusíadas*. Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar, 1972;
- SILVA**, Maria M. de Cagigal e, «A história e as relações artísticas entre Portugal e a Índia», *Estudos de Histórias de Cartografia Antiga: Memórias*, Nº 25. 1985 (BNP, 9697. B. A.);
- SILVA**, Nuno Vassallo, «A arte da ourivesaria na Índia Portuguesa», *A Herança de Rauluchantim*. (Coord. Nuno Vassallo e Silva). Lisboa: Museu de S. Roque / CNCDP, 1996;

SILVA, Nuno Vassallo, *O púlpito e a imagem. Os Jesuítas e a Arte*. Lisboa: SCML/ Museu de S. Roque, 1996;

SOUSA, Conceição B. de; **BASTOS**, Celina, *Normas de Inventário/ Mobiliário: Artes Plásticas e Artes Decorativas*. Lisboa: IPM, 2004;

SOUSA, Conceição B. de «Móveis à Maneira do Oriente», *As Artes Decorativas e a Expansão Portuguesa: Imaginário e Viagem: Actas do 2º Colóquio de Artes Decorativas: 1º Simpósio Internacional*. [sic.]. Lisboa: Centro Científico e Cultural de Macau, 2010, pp. 157-171;

TÁVORA, Bernardo Ferrão Tavares, «Imaginária indo-portuguesa setecentista», *Separata da "Bracara Augusta"*.27, fasc. 63 (75) Braga: Editora Bracara Augusta, 1974;

TÁVORA, Bernardo Ferrão Tavares, *Imaginária Luso-Oriental*. Lisboa: IN-CM, Coleção Presenças da Imagem, 1983;

TEIXEIRA, Sara de Sousa, «Museus da Ilha de Moçambique e a Preservação de Memórias Coletivas», *Aprender Juntos* (Revista da Escola Portuguesa de Moçambique- Centro de Ensino e Língua Portuguesa (EPM-CELP), 2005. Ano III, nº4-5, pp 80-87;

TEIXEIRA, Sara de Sousa, «A Arte Indo-Portuguesa em Moçambique», *Actas do IV Simposium Internacional de Língua Portuguesa- Diálogo entre Culturas*. [sic.]. (Revista Aprender Juntos. Ano VII. Nº 10-11. Maputo: EPM-CELP, janeiro de 2008, pp193-200.

VITERBO, Francisco Marques de Sousa, *A Exposição de Arte Ornamental: notas ao catálogo*. Vol. 3, Nº 10. Lisboa: Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, 1883. Disponível *online* em:
<https://archive.org/details/exposicaodarteor00vite/page/n105/mode/2up?view=theater>[consulta do em 11.12.2021]

Sítios no espaço www

[A Ilha de Moçambique em Perigo de Desaparecimento | História das Exposições \(gulbenkian.pt\)](#)

[A Ilhota do Paralelo 15 \(revistamilitar.pt\)](#)

[\(8\) Appreciating Indo-Portuguese art and craftsmanship | Facebook](#)

[DGPC | Ilha de Moçambique \(patrimoniocultural.gov.pt\)](#)

<https://ahu.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/24/2016/09/PT-AHU-CARTI-MO%C3%87AMBIQUE.pdf>

<https://archive.org/details/exposicaodarteor00vite/page/42/mode/2up?view=theater>

<https://gulbenkian.pt/historia-das-exposicoes/exhibitions/452/?lang=pt-pt>

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/>

<https://hpip.org/pt/Contents/Place/553>

<http://www.acervodigitalsuaili.com.br/colecoes/ilha-de-mocambique>

<https://www.casa-museumedirosealmeida.pt/pecas/pulpito-indo-portugues-destaque-fevereiro-de-2014/>

<https://www.ilhademocambique.co.mz/entidade/museu-da-ilha-de-mocambique>

<http://www.matriznet.dgpc.pt/>

<https://www.mniac.pt/c-gloss%C3%A1rio-de-artes-decorativas>

<http://www.patrimonios.pt/museus-da-ilha-de-mocambique-museu-de-arte-sacra/>

[Ilha de Moçambique - À Espera da Monção - YouTube](#)

[Memórias de África e do Oriente | Catálogo - Pesquisa no Título - por \[postais antigos da ilha de mocambique & da ilha do ibo\] \(ua.pt\)](#)

[Museu | CM Figueira da Foz \(cm-figfoz.pt\)](#)

UNIVERSIDADE ABERTA



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**A ARTE INDO-PORTUGUESA NA ILHA DE MOÇAMBIQUE:
UM INTERCÂMBIO DE FORMAS E DE GOSTOS
ANEXOS e APÊNDICES**

Sara Martins Domingues de Sousa Teixeira

Dissertação de Mestrado em Estudos do Património

Orientada pela Professora Doutora Maria Alexandra S. Castelo Branco Trindade Gago da Câmara

Março de 2022

Volume II

Nota prévia	7
Apêndices e Anexos	8
APÊNDICE I - Glossário.....	9
APÊNDICE II - Página do caderno de campo.....	18
APÊNDICE III – Esboço da ficha de Inventário.....	20
APÊNDICE IV - Ficha de Inventário	22
APÊNDICE V - Mapa	24
ANEXO I - Livro da carga da mobília e utensílios dos Palácios de S. Paulo e Mossuril	26
ANEXO II - <i>Inventário dos objetos existentes na Igreja da Misericórdia, destinados ao futuro Museu Da Ilha de Moçambique.</i>	28
ANEXO III - Catálogo do Museu de Arte Sacra da Ilha de Moçambique	30
ANEXO IV - Inventário dos Bens Móveis pertencentes ao Palácio de S. Paulo	32
ANEXO V – Jornal Notícias, 15 de março de 1969	34
ANEXO VI - Cópia de ofício	36
ANEXO VII - <i>Diário de Notícias</i> (Jornal), 27 de setembro de 1970	38
ANEXO VIII - Inventário dos Bens Móveis do Estado, 1984	40
ANEXO IX - Catálogo «A Ilha de Moçambique em Perigo de Desaparecimento: uma Perspectiva Histórica, um Olhar para o Futuro».....	42
ANEXO X - Catálogo da exposição de mobiliário «Da Índia para Moçambique».....	44
ANEXO XI-Folheto dos Museus da Ilha de Moçambique.....	46
ANEXO XII - Recorte do jornal Domingo, 20 de maio de 2001	50
Figuras	52
Fig. 1.1 -Mapa de Moçambique.....	53
Fig. 1.2 - Vista Aérea da Ilha de Moçambique	54
Fig. 1.3- Planta da Ilha de Moçambique. Livro de Lisuarte de Abreu, 1558	56

Fig. 1.4- Ilha de Moçambique. Gravura de Jan Huygen Van Linschotten	57
Fig. 1.5- «Monsabique» [sic.] .Códice de António Bocarro, 1635	58
Fig. 1.6- Palácio de S. Paulo (Ilha de Moçambique, 1809). Desenho de Henry Salt	59
Fig. 1.7- Mapa da Ilha de Moçambique	60
Fig. 2.1- Vista geral da fachada da Igreja da Misericórdia	61
Fig. 2.2- Frontispício da Igreja da Misericórdia	61
Fig. 2.3 - Fachada da Igreja de S. Paulo. Diu	62
Fig. 2.4- Fachada Capela de S. Francisco Xavier. Ilha de Moçambique	62
Fig. 2.5- Fachada Igreja de N ^a . Sra. Da Saúde	63
Fig. 2.6- Pedra comemorativa da reedificação da Igreja da Saúde, de 1801	63
Fig. 2.7- Retábulo do altar-mor da Igreja de N ^a . Sra. Da Saúde	64
Fig. 2.8- Altar chamado de S. José. Sé catedral de Goa. Índia	65
Fig. 2.9- Remate superior do retábulo do altar-mor da Igreja de N ^a . Sra. da Saúde	66
Figs. 2.10, 2.11 e 2.12- Estuque decorativo do teto da Igreja de N ^a . Sra. da Saúde	66
Fig. 2.13 Entrada da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios. Cabaceira Grande	67
Fig. 2.14- Porta da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios	68
Fig. 2.15- Altar-mor da Igreja de Nossa Senha dos Remédios. Cabaceira Grande	69
Fig. 2.16- Vista do largo de S. Paulo	70
Fig. 2.17- Interior da Capela de S. Paulo	70
Fig. 2.18- Altar-mor da Igreja de S. Paulo	71
Fig. 2.19 Detalhe da talha do ático esculpida	72
Fig. 2.20- Colunas do altar mor da Igreja de S. Paulo	72
Fig. 2.21- Sacrário da Igreja de S. Paulo.	73
Fig. 2.22- Caixa e sobrecéu do púlpito da Igreja de S. Paulo	73
Fig. 2.23- Púlpito da Casa-Museu Medeiros e Almeida, em Lisboa	74
Fig. 2.24- Sobrecéu do púlpito da Igreja de S. Paulo,	75
Fig. 2.25- Cabeça de um anjo esculpida na caixa do púlpito da Igreja de S. Paulo	75

Fig. 2.26- Cabeça de anjo do retábulo do Convento de Santa Mónica (Goa).	76
Fig. 2.27- Talha polícroma do púlpito da Igreja de S. Paulo. Ilha de Moçambique.	76
Fig. 2.28- Ser mítico esculpido na caixa do púlpito da Igreja de S. Paulo	77
Fig. 2.29- Escultura do púlpito da Igreja de S. Paulo: Sto. Inácio de Loyola.....	78
Fig. 2.30- Escultura do púlpito da Igreja de S. Paulo: Santa Clara de Assis	79
Fig. 2.31- Escultura do púlpito da Igreja de S. Paulo: de S. Vicente (?)	80
Fig. 2.32- Escultura do púlpito da Igreja de S. Paulo: S. Paulo.....	81
Fig. 2.33- Escultura do púlpito da Igreja de S. Paulo: S. Pedro	82
Fig. 2.34- Escultura do púlpito da Igreja de S. Paulo: de S. Francisco Xavier.....	83
Fig. 2.35- Escultura do púlpito da Igreja de S. Paulo: de S. João Batista (?).....	84
Fig. 2.36- Escultura de santo em alto relevo.....	85
Fig. 2.37- Púlpito em talha polícroma	86
Fig. 2.38- Pedra tumular de Bartolomeu Lopes. Igreja de S. Paulo	87
Fig. 2.39- Vista da entrada do museu de Arte Sacra,.....	88
Figs. 2.40 e 2.41- Plantas do R/C e do 1º piso do Museu de Arte Sacra	89
Fig. 2.42- Inauguração do Museu de Arte Sacra	90
Fig. 2.43- Sala de exposição do r/c do MAS	90
Figs. 2.44 e 2.45 -Escultura de vulto. Madeira polícroma. N.ª. Sra. do Baluarte.	91
Figs. 2.46 e 2.47- N.ª Sra. com o menino. Igreja de S. Pedro e S. Paulo, Índia	92
Fig. 2.48- Recriação de altar indo-português. MAS	93
Fig. 2.49- Cruz processional. MAS	94
Fig. 2.50- Estante de missal vista de frente Séc. XVII. MAS	94
Fig. 2.51- Cofre eucarístico de transporte do Santíssimo. MAS	95
Fig. 2.52 - Cofre eucarístico. MAS.....	95
Fig. 2.53- Turíbulo em prata. MAS	96
Fig. 2.54- Naveta em prata. MAS	96
Fig. 2.55- Lampadário de Igreja. MAS.....	97

Fig. 2.56- Caldeirinha e hissope. MAS.....	98
Fig. 2.57- Caldeirinha e hissope. MAS.....	98
Fig. 2.58- Vara de mordomo. MAS.....	99
Fig. 2.59- Cálice. Séc. XVII. MAS.....	99
Fig. 2.60- Frontal de altar. MAS.....	100
Fig. 2.61- Parte superior de candelabro. MAS	100
Fig. 2.62 – Porta de uma residência da Ilha de Moçambique	101
Figs. 2.63, 2.64 e 2.65- Portão e ornatos da residência. Ilha de Moçambique	101
Fig. 2.66- Claustro e entrada para o Museu de Artes Decorativas	102
Fig. 2.67- Vista aérea do Palácio e da Igreja de S. Paulo. Ilha de Moçambique	102
Fig. 2.68- Banca de escrita. Séc. XVII. Índia (Goa).....	103
Fig. 2.69- Carimbo gravado da Fazenda Nacional de Moçambique	103
Fig. 2.70- Mesa em madeira. Museu de Artes Decorativas	104
Fig. 2.71- Palácio de S. Paulo antes da criação do Museu de Artes Decorativas	104
Fig. 2.72- Vista parcial do «Salão Nobre». Museu de Artes Decorativas	105
Fig. 2.73- Vista parcial da «Sala do Trono». Museu de Artes Decorativas.....	106
Fig. 2.74- Cadeira de espaldar circular. Museu de Artes Decorativas.....	106
Fig. 2.75- Cadeirão em madeira. Museu de Artes Decorativas	107
Fig. 2.76- Canapé. Museu de Artes Decorativas	108
Fig. 2.77-Canapé do Museu da SGL.....	108
Fig. 2.78- Cadeira. Museu de Artes Decorativas	109
Fig. 2.79- Cadeira de braços. Museu de Artes Decorativas.....	109
Fig. 2.80- Canapé de três lugares. Museu de Artes Decorativas	110
Fig. 2. 81- Cadeira de dobradiças. Museu de Artes Decorativas	111
Fig. 2.82- Cadeiras do Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa.	112
Fig. 2.83- Cadeira de dobradiças com braços. Museu de Artes Decorativas	112
Fig. 2.84 - Mesa circular. Museu de Artes Decorativas	113

Fig. 2.85 - Mesa circular. Museu de Artes Decorativas	113
Fig. 2.86- Mesa circular do Palácio dos Menezes- Bragança. Chandor. Índia.....	114
Fig. 2.87- Consola. Museu de Artes Decorativas	114
Fig. 2.88- Consola do Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa	115
Fig. 2.89- Consola. Museu de Artes Decorativas	115
Fig. 2.90- Armário aparador. Museu de Artes Decorativas.....	116
Fig. 2.91- Leito com dossel. Museu de Artes Decorativas	117
Fig. 2.92- - Leito com dossel. Museu de Artes Decorativas.....	118
Fig. 2.93- Cama da casa de hóspedes de Flora Magalhães. Ilha de Moçambique.....	119
Fig. 2.94- Armário roupeiro com duas portas. Índia, séc. XIX	120
Fig. 2.95- Armário louceiro. Índia, séc. XIX.....	121
Figs. 2.96 e 2.97- Exposição «Da Índia para Moçambique».....	122
Figs. 2.98, 2.99 e 2.100- Móveis da família goesa, Pinto Lobo, Maputo. Índia.....	123
Fig. 2.101- Sala do Palácio de Deão. Quempem. Goa.....	124
Fig. 2.102- Mobiliário indo-europeu do Museu da SGL.	124
Fig. 2.103- Móveis anglo-indianos.	125
Fig. 2.104- <i>Lobby</i> do Bussaco <i>Palace</i> Hotel. Coimbra	126
Fig. 2.105- Museu Municipal Santos Rocha. Figueira da Foz	126
Fig. 2.106- Secretária .Conselho Municipal da Ilha de Moçambique	127
Fig. 2.107- Escritório do Conselho Municipal da Ilha de Moçambique.....	128
Figs. 2.108 e 2.109- Armário. Conselho Municipal da Ilha de Moçambique	128
Fig. 2.110- Mesa Circula. Conselho Municipal da Ilha de Moçambique.....	129
Fig. 2.111- Visita de Samora Moisés Machel à FCG.	129
Fig. 2.112- Painéis da exposição A Ilha de Moçambique em perigo de Desaparecimento....	130

Nota prévia

O presente trabalho está organizado em dois volumes. O segundo volume inclui um glossário de termos técnicos relacionados com o mobiliário, com a arte sacra, com técnicas construtivas e com elementos decorativos, de forma a aferir e estabilizar alguns termos. Considerando a especificidade do tema e o interesse que possa suscitar para a realização de outros estudos similares, disponibiliza-se um conjunto de anexos e apêndices que servem de ilustração e complemento do texto.

APÊNDICES e ANEXOS

APÊNDICE I - Glossário

A

Aba, mesa de- Mesa cuja superfície pode ser aumentada, levantando as abas e apoiando-as em pernas articuladas, tirantes ou esquadros.

Acanto- Padrão de folhas muito utilizado na antiguidade clássica e posteriormente durante o renascimento, como motivo ornamental na talha e na decoração.

Águia bicéfala- Águia com duas cabeças.

Albarrada- Representação de um vaso de onde saem elementos vegetais.

Aleta- Ornato curvo, em forma de voluta.

Anjo querubim- Representação de um anjo mensageiro de Deus que simboliza a justiça divina.

Arabesco- Ornamento linear utilizado na decoração de superfícies dos móveis, composto por linhas curvas, entrelaçadas, que por vezes se assemelham a formas fitomórficas.

Árvore da vida- Árvore geralmente representada saída de um vaso, que simboliza a fecundidade. É frequente surgir ladeada por dois leões afrontados, sendo vulgar na Índia e na Ásia Menor e aparecendo também na arte bizantina. Também se denomina «*Hom*».

Ático de um retábulo- Zona que remata superiormente o retábulo.

Avental- Parte da frente e/ou lados do assento da cadeira mais desenvolvidos ou decorados.

B

Balaustrada- Parapeito suportado por pequenos pilares.

Balaústre- Coluna torneada de forma arredondada, usada em pés de mesas, remates de armários, costas de cadeiras, etc.

Baldaqüino- Dossel de cama, em madeira ou tecido apoiado ou suspenso do teto. Pode servir de cúpula ou de coroa a um altar, trono ou leito.

Bandas- Estreitas tiras decorativas de folheado ou embutido, geralmente formando uma orla.

Bisel- Orla oblíqua decorativa feita em vidro ou em espelho à qual se chama biselado.

Bolbo- Elemento decorativo torneado em madeira, largo, tipo taça.

Boleado- O mesmo que torneado: cuja superfície é abaulada ou arredondada.

Buril- Ferramenta utilizada para o entalhe do metal.

Brutesco- Representação de animais ou cenas consideradas toscas/ provenientes da natureza.

C

Cabuchões- Pedras preciosas polidas sem serem facetadas.

Cabriolet, perna em- Perna de móvel em curva para fora, no joelho e para dentro acima do pé.

Cachaço- Zona desenvolvida na parte superior do espaldar de um móvel, geralmente a cadeira.

Canapé- Móvel de assento tipo poltrona onde se multiplicaram os encostos, existindo também modelos com formas harmoniosas, com espaldar e assentos únicos e curvilíneos.

Canelado- Ornato tipo estrias, formado por nervuras convexas gravadas na madeira.

Capitel- Zona superior do fuste de uma coluna ou uma pilastra, geralmente esculpida. Elemento da arquitetura clássica também utilizado na decoração de móveis.

Cartela- Ornato utilizado na decoração de espaços exteriores, interiores e de móveis. Trata-se de uma placa ornamental utilizada para inscrever símbolos heráldicos, inscrições, insígnias, etc., geralmente rodeada de arabescos.

Cibório eucarístico- Cálice com tampa utilizado pela Igreja Católica para guardar as hóstias durante a eucaristia.

Cíngalo-português- Arte produzida por influência do Ceilão (Sri Lanka).

Cobra capelo- Ornato decorativo do culto hindu, que simboliza uma perigosa cobra da Índia.

Coluna ou poste- Poste de secção vertical que serve de suporte ou elemento decorativo.

Coluna torsa ou salomónica- Coluna de secção circular com fuste de forma helicoidal.

Contador- Armário com gavetinhas e prateleiras fechadas por portas, geralmente com uma decoração bastante trabalhada.

Cornija- Perfil ou projeção decorativa na parte superior dos armários altos.

Cruzes de altar- Crucifixos montados em bases de madeira.

Custódia- Na religião cristã, é onde se coloca a hóstia consagrada de forma a esta ficar exposta à adoração dos fiéis.

D

Dentículos- Ornato em forma semelhante a dentes que se repete em frisos.

Devi- Deusa da fecundidade pertencente à religião hindu.

Diaprés- Decoração formada por círculos secantes cujo centro é realçado por um losango, geralmente em marfim, contrastando com a base do móvel que é em madeira escura. Este marfim surge por vezes ponteados a negro com pequenas cavilhas que prendem essas placas de marfim à estrutura do móvel, podendo acontecer também o contrário- a cavilha ser de marfim. É uma decoração típica no mobiliário indo-português.

Dragão- Símbolo da mitologia chinesa usado desde 200 a.C. que representa Deus, a natureza e o Imperador. Este simboliza os poderes do céu e da terra.

E

Ébano- Madeira muito escura, utilizada em embutidos e em folheados desde o séc. XVII.

Embasamento de um retábulo -Zona de suporte do retábulo.

Embutido- Ornato escavado em madeira.

Entablamento- Termo da arquitetura que na marcenaria significa os componentes que rematam a parte superior de uma coluna, ou seja: a arquitrave, o friso e a cornija.

Escavado- Trabalho feito através de incisões de madeira.

Espaldar- Costas da cadeira.

Espiral, torcido em- Tipo de torneado usado nas pernas dos móveis, ou na sua decoração, na qual a madeira ganha a forma de uma espiral.

Estante de missal- Suporte vertical cuja parte superior tem uma superfície onde se apoia o missal, geralmente aberto, preparado para a leitura em pé.

Estria- Corte ou nervura muito representada em colunas.

F

Feixe- Trata-se de um ornamento constituído por estreitas e convexas molduras semicirculares, disposto lado a lado, com um curto intervalo entre elas.

Festão- Motivo em forma de grinalda de flores, frutos ou drapeado, muito popular no mobiliário Barroco e Neoclássico.

Filete- Linha de ornato que surge como um fiozinho ou guarnição estreita.

Fitomórficos, motivos- Elementos decorativos que correspondem a enrolamentos, rosetas, florões, frisos, barras vegetais, etc.

Fú, cão de- Espécie de leão budista chinês que representa o guardião lendário dos templos. Geralmente surgem aos pares e como elemento decorativo da cerâmica chinesa.

Florão- Ornato bastante utilizado nos móveis, em forma de flor, geralmente colocado no centro de uma abóbada, de um arco, etc.

Friso- Secção direita ou vertical que pode ser decorada ou não.

Friso de gomos- Friso constituído por elementos consecutivos, que se assemelham a gomos.

Frontispício- Termo dado à frontaria, ou fachada principal de um edifício.

G

Garuda- Ave fabulosa (ser mítico) que serve de montada ao Deus Vixnu, o Deus universal do hinduísmo. Pode aparecer representada em forma de águia ou de pelicano.

Gomos radiantes- Motivos decorativos utilizados em portas de edifícios, em portas de armários, painéis de secretárias, etc., de proveniência hindu, que foram utilizados com grande frequência nas artes decorativas indo-portuguesas.

Grinalda- Adorno em forma de coroa de flores aberta.

H

Hissope- Objeto litúrgico que serve para lançar pequenas gotas de água-benta.

Hom- Árvore da vida, símbolo indiano de fecundidade representada geralmente com aves pousadas nos seus ramos.

I

Ilharga- Cada uma das partes laterais dos móveis.

Intercolúnios- Vão existente entre duas colunas próximas.

J

Jacarandá- Árvores cuja madeira é utilizada principalmente no fabrico de móveis.

Jatayu- Elemento decorativo indiano que representa o Abutre filho de *Garuda* e companheiro de Rama. Representa-se com o pescoço comprido e a cabeça curvada.

Joelho- Curva superior localizada na zona onde uma perna em *cabriolet* é mais grossa.

L

Lages tumulares- Superfície de um sepulcro, geralmente em pedra, com inscrições relativas à pessoa que foi sepultada.

Laminado- Técnica em que a madeira é formada por folhas coladas ou ligadas, dispostas de maneira a que os veios fiquem paralelos.

Leão exótico- Elemento decorativo pertencente ao imaginário indiano, que simboliza o veículo da deusa da Fecundidade, Devi.

Lóbulo- Porção mais ou menos arredondada e saliente de qualquer peça.

Lótus, Flor de - Flor relacionada com Devi, a Deusa mãe da mitologia indiana. É o mais importante elemento vegetal de proveniência indiana utilizado nas artes decorativas.

M

Mascarão- Máscara grotesca usada como decoração, na arquitetura e nas artes decorativas, como por exemplo as ferragens de bronze dourado do mobiliário francês do séc. XVIII.

Medalhão- Medalha ornamental, por vezes com um perfil em baixo relevo.

Mísula- Peça saliente a uma parede, com a função de servir de apoio a uma cornija ou a um arco.

Mogol ou Mongol- Império fundado por Babar (1483-1530) no norte da Índia, com o apoio da Pérsia, que influenciou bastante a sua cultura, nomeadamente no tipo de ornatos.

N

Nagas e nagnes- seres fantásticos do panteão hindu, com cauda de peixe, que habitavam paraísos subaquáticos. Aparecem com bastante frequência esculpidas nas pernas dos móveis indo-portugueses do séc. XVII.

P

Painel- É cada um dos tabuleiros que subdivide as grandes superfícies dos móveis.

Palmito ou palmeta- decoração clássica, muito utilizada no mobiliário neoclássico, em forma de leque ou de folha de palma estilizada.

Parra- Elemento decorativo que simboliza a eucaristia cristã e tem a forma de folha aberta. Foi muito utilizado na ornamentação dos móveis indo-portugueses.

Pau preto- Madeira muito escura e resistente, de árvores originárias de África e de regiões da Ásia como a Índia e o Sri Lanka.

Pau rosa- Árvore da Ásia meridional cuja madeira é muito resistente e de cor arrozada.

Pau santo- Madeira nobre exótica, de cor castanho escuro, também chamada sissó. É pesada e densa, contudo permite a realização de bons acabamentos.

Pé de bola- Pé em forma de bola, muito utilizado nos móveis do séc. XVII.

Pé de bola e garra- Pé em forma de garra que segura uma bola.

Pé de galo- Suporte dividido em três pés, também conhecido como tripé.

Pé em garra- Pé de móvel em forma de garra de animal.

Pendente- Pequeno elemento geralmente talhado e colocado no móvel com a parte mais estreita virada para baixo como se estivessem a pender (cair).

Predela- Plataforma ou base de sustento de um retábulo de altar.

Pilastra- Coluna parcial inserida na face de um móvel, muitas vezes de secção circular.

Pináculo- Remate superior de um móvel, geralmente em forma de pirâmide, pinha, etc.

Pinha- Elemento decorativo semelhante a um ananás, muito utilizado na decoração entalhada e esculpida de móveis indo-portugueses.

Píxide- Pequeno contentor (cofre ou vaso com tampa) que serve para guardar a hóstia.

Plinto- Secção de base sólida utilizada em vez de pernas, nos armários.

Predela- É o suporte ou plataforma sobre o qual assenta o retábulo de um altar.

Prumadas- Elementos verticais estruturais, que ligam diferentes zonas constitutivas de alguns móveis, como por exemplo cadeiras, armários, etc.

Púlpito- Elemento arquitetónico acrescentado no interior de igrejas para a leitura da liturgia.

Putti- Também conhecidos como cupidos ou querubins decorativos, correspondem a meninos representados na forma de anjos.

R

Relicário- Caixa ou cofre, bolsa ou caixilho onde se guardam relíquias.

Rendilhado ou rendado- É a técnica de cortar finas tiras de prata, ouro, madeira, marfins, etc., em formas ou padrões, com uma serra fina e que faz lembrar o minucioso trabalho do rendado.

Retábulo- Estrutura geralmente de madeira, ou de mármore com trabalho de talha, localizado por trás ou por cima do altar e que, geralmente engloba painéis em baixo relevo pintados.

Risco de um retábulo- Termo atribuído ao desenho que dá origem ao retábulo.

Rosácea- Ornamento arquitetónico, também utilizado nos móveis, em forma de rosa ou estrela.

Rosário- Ornato formado por pequenas contas.

Roseta- Decoração circular ou elíptica com forma de rosa estilizada.

S

Saial- Zona trabalhada na frente da cintura de um móvel, geralmente de uma cadeira ou mesa.

Simurgh- Pássaro da mitologia persa, considerada uma ave do paraíso e que aparece por vezes com a cauda seccionada em ramos vegetais.

Sissó- Árvore indiana da família das leguminosas, também conhecida por pau santo.

Sobrecéu- Cobertura de um púlpito.

T

Tabela- Parte central vertical ou horizontal das costas de uma cadeira, que se estende desde o assento até à trave superior.

Talha vazada- Trabalho decorativo em que a madeira é escavada de um lado ao outro da sua espessura, abrindo orifícios na peça.

Teca- Madeira castanha clara, muito utilizada no fabrico de mobiliário.

Testeira- Travessa mais desenvolvida na frente de um móvel.

Tramo- Parte pertencente ao corpo de um retábulo.

Travejamento- Emadeiramento, vigamento.

Tremido- Elemento decorativo muito utilizado no séc. XVII em Portugal, nomeadamente na ornamentação dos móveis indo-portugueses.

V

Vaso da fertilidade-Elemento decorativo que simboliza a fertilidade e é representado por um vaso de onde saem ramos com folhagens e flores.

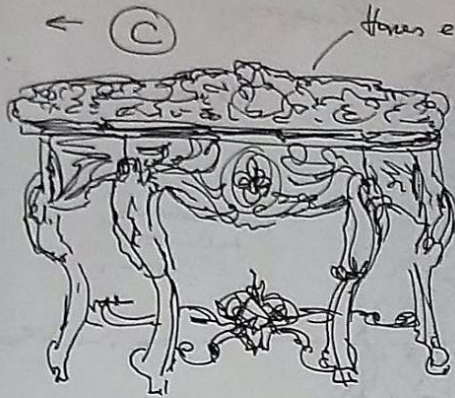
Voluta- Ornamento clássico que foi bastante usado no mobiliário renascença e neoclássico, em forma de «S», geralmente visto de perfil.

Vishnu- Deus da religião hindu que simboliza um enorme pássaro de nome *Garuda*. É representado com quatro braços e cor escura.

APÊNDICE II - Página do caderno de campo¹

¹ Registos gráficos dos móveis do Museu de Artes Decorativas da Ilha de Moçambique. Sara de Sousa Teixeira. Ilha de Moçambique, abril/ maio 1998.

Sala 2
terrais.



Armas e ramagens

vista de cima

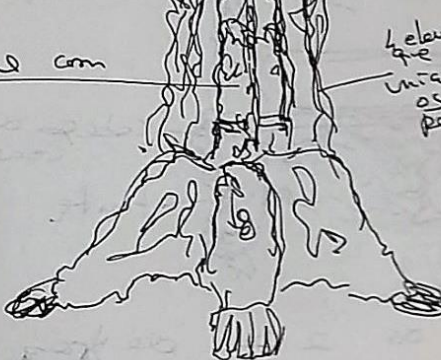


- consola c/ 4 pernas e
- 4 travessas ligadas entre elas por um elemento de interposição c/ flech.

(B)



talha base central com vazada



elementos que fazem unidos os pés.

peça nro + trabalhada c/ talha vazada.

folhas, folhetons, ramagens, curvas, frisos, pé em Gaxe tempo rodado

(D)

+ existem no palácio de Leiria, na sala do pres. do Conselho executivo (Ilho), e no limo (Palácio do Gax)



caó

são ao todo 5 cadeiras.

veludo vermelho

cabeca de animal c/ corpa

as pernas c/ traço das direitas.

aves.

APÊNDICE III – Esboço da ficha de Inventário a utilizar na documentação dos acervos dos Museus da Ilha de Moçambique (frente e verso)²

² Esboço da autora, 1998.

MUSEUS DA ILHA DE MOÇAMBIQUE C PALACIO DE S. PAULO - 2º PISO

SUPER CATEGORIA		colocação no Museu:		AUTOR:	
CATEGORIA				Local do fabrico: ano de fabrico:	
TIPO DE OBJETO (designação)				DATA:	
TIPO				ESTILO:	
INCORPORAÇÃO DATA: LADO: CUSTO:				Técnicas e técnicas de fabrico:	
ANTIGO PROPRIETÁRIO					
OUTROS ELEMENTOS DO CONJ.		Nº DE INV.		Nº de ferrosens:	
OUTRAS loc. que teve no Museu:				ESTADO de conservação	
data _____	data _____	data _____	Nº DE INVENTÁRIO		Intervenção de restauro e restauro
local _____	local _____	local _____	DATA:		
EMPRESAS / EXIBIÇÃO:		DIMENSÕES		Nº DE INV.	
data _____	data _____	data _____	/		Nº DE ORDEM
local _____	local _____	local _____	/		Nº ANTIQ.
			PESO		Executadas por:
					local:
					data:

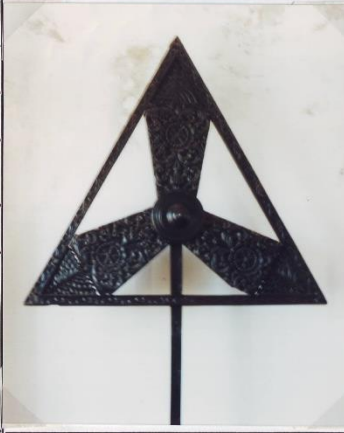
9x13

FICHA DE INVENTÁRIO

MARCAS:		REGISTROS GRÁFICOS ou FOTOGRÁFICO		Nº INV FOTO:	
		DESIGNAÇÃO:		AUTOR:	
INSCRIÇÕES:				DATA:	
				Descrição da peça:	
ASSINATURAS:				De que lado e de que parte	
				o direito	
				- referir as peças com	
				referir o documento	
História da peça:					
Bibliografia:					
observações:					
				autor:	
				data:	

APÊNDICE IV - Ficha de Inventário (frente e verso)³

³ Ficha de Inventário editada pelo Departamento de Museus de Moçambique (Maputo).

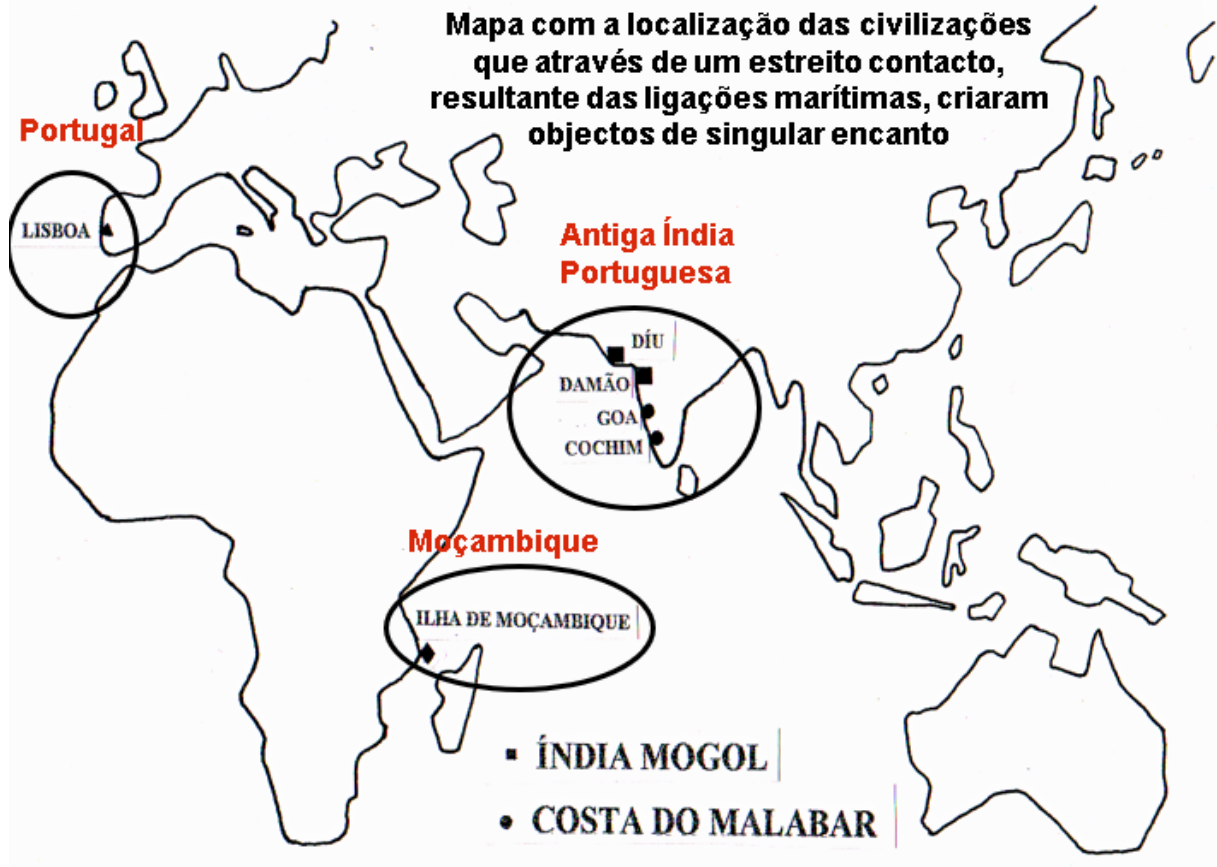
FICHA DE INVENTÁRIO		Museu da Ilha de Moçambique	MUSEU DE ARTE SACRA
SUPER CATEGORIA ARTES DECORATIVAS (RELIGIOSAS)		LOCALIZAÇÃO NO MUSEU 1º ANDAR	AUTOR
CATEGORIA MOBILIÁRIO			LOCAL DE FABRICO
TIPO DE OBJECTO (DESIGNAÇÃO) CANDELABRO			DATA/...../..... SEC. XVII
TITULO			ESTILO INDO-PORTUGUÊS
INCORPORAÇÃO DATA: Fundação do Museu - 1969 MODO: CUSTO:			MATERIAIS E TÉCNICAS DE FABRICO Madeira escurada. Talha nas hastes; Trono no centro do triângulo.
ANTIGO PROPRIETARIO Antigos conventos extintos			N.º DE FERRAGENS
OUTROS ELEMENTOS DO CONJUNTO	N.º DE INV.	ESTADO DE CONSERVAÇÃO: REGULAR	
OUTRAS LOCALIZAÇÕES QUE TEVE NO MUSEU		INTERVENÇÕES DE CONSERVAÇÃO E RESTAURO	
DATA/...../.....	DATA/...../.....	Anteriormente os dois lados do triângulo tinham cada um sete apoios para vela. hoje já não existem. o pe' que sustenta o candelabro é posterior ao próprio triângulo.	
LOCAL	LOCAL	* (há um outro suporte p/ vela no topo do triângulo)	
EMPRESTIMOS/EXPOSIÇÕES		EXECUTADAS POR:	
DATA/...../.....	DATA/...../.....	LOCAL	
LOCAL	LOCAL	DATA/...../.....	
N.º INV. FOTOGRAFICO NF36 . 3.7		N.º DE INV. .	
AUTOR SARA DE SARA TEIXEIRA		N.º DE ORDEM	
DATA NOV. DEZ. 1999		N.º ANTIGOS DO INV. de 66	
DIMENSÕES		N.º DE INV.: 3 . N.º de ordem: 14/66	
CADA LADO - 1.515 mm		PESO	
ALT do PE - 2.670 mm			

MARCAS:	REGISTO GRAFICO OU FOTOGRAFICO	N.º INV. FOTOGRAFICO AUTOR DATA
INSCRIÇÕES		DESCRIÇÃO DA PEÇA
ASSINATURAS		
HISTÓRIA DA PEÇA		
BIBLIOGRAFIA		
OBSERVAÇÕES	PREENCHIDA POR: DATA/...../.....	

APÊNDICE V - Mapa com a localização das civilizações que através de um estreito contacto, resultante das ligações marítimas, criaram objetos de singular encanto ⁴

⁴ Slide da apresentação de Sara de Sousa Teixeira: *A Arte Indo-Portuguesa em Moçambique*. Maputo: IV Simpósio Internacional de Língua Portuguesa, Lusofonia: Línguas e Patrimónios. EPM-CELP, 7, 8 e 9. 05. 2007.

Mapa com a localização das civilizações que através de um estreito contacto, resultante das ligações marítimas, criaram objectos de singular encanto



**ANEXO I - Cópia da capa do Livro da carga da mobília e utensílios dos Palácios de S.
Paulo e Mossuril, em 31 de Dezembro de 1881.
Moçambique: Junta da Fazenda de Moçambique [sic]⁵**

⁵ AHU. Códice 4-519/ ARPAC. Pasta 9, Nampula

DOC. 14

14

FOLHA 1

Junta da Fazenda de
Moçambique

LIRO DA CARGA DE MOALIA E UTENSILIOS
DOS PALACIOS DE S. PAULO E MOSSUCIL

em 31 de Dezembro de 1881

ARPAE
PASTA 9
Nampula

Arquivo Histórico de Moçambique

codice 4-519

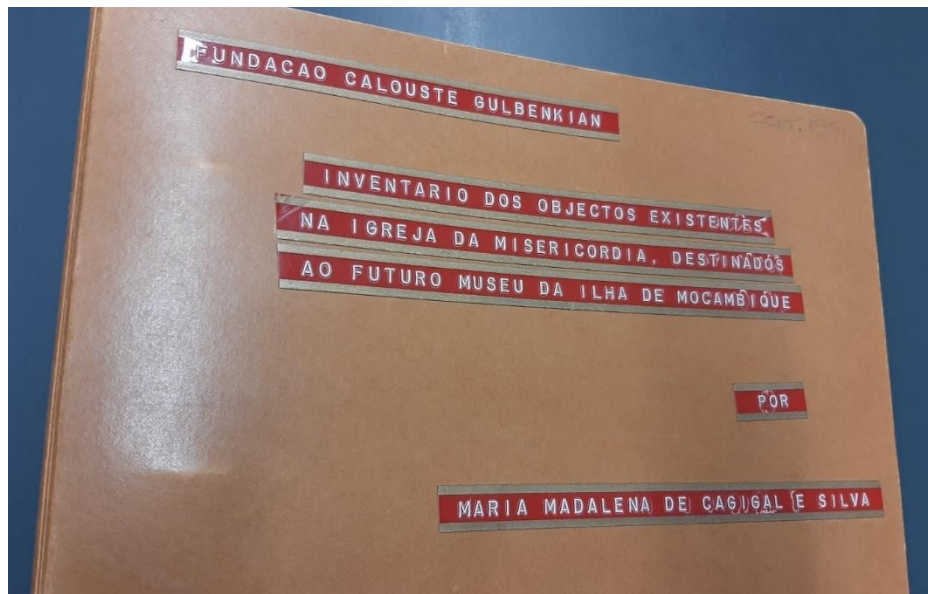
COTA
11-4991

CONTINUA 8 FOLHAS

ANEXO II

Capa e duas páginas da pasta do *Inventário dos objetos existentes na Igreja da Misericórdia, destinados ao futuro Museu Da Ilha de Moçambique.*⁶

⁶ Maria Madalena de Cagigal e Silva, Fundação Calouste Gulbenkian, 1966



N.º DE ORDEM 5-2/68 N.º DO INVENTÁRIO 4

OBJECTO Crux profissional
 MATERIA Prata e madeira DATA DA ENCORPORAÇÃO Fundada
 PROVENIÊNCIA

DIMENSÕES 640 X 414 mm.
 ESCOLA E ÉPOCA Indo-Portuguesa Século
XVIII CONSERVAÇÃO Regular
 AUTOR COLOCAÇÃO
 ASSUNTO

DESCRIÇÃO

De orna mentalidade respeitada e traba lhada ao luno l tem a por ma de cruz, lateral com os braços de terminações trilobadas. Im portante apresenta um nó em silva comelada, esente mada por uma parte cilíndrica para inserir na marca de suporte. É orna orada nos tri- lóbulos, por cabeças aladas de anjo. O pte ma pal deca ma tã dos braços e corati tã de por tã noz de flores (pãssis) sobre uma fundo pontilhado. Igual mente de orada em am b. O lã doz mostra diferenças, como diferenças no medallão circular do cruzamento dos braços que...

OBSERVAÇÕES Pentagrama. Muito interessante. Annotar

5-2/68 N.º 4

Forma do por um fuso de costas, encerra o busto de um anjo que segura na mão uma cruz, na parte de frente e, no reverso, uma inscriçã em letras capitãis, "J. Frãmães Xavier da Província de Mogimbi que"

ANEXO III - Capa e folha de rosto do catálogo do Museu de Arte Sacra da Ilha de Moçambique, editada por ocasião da sua inauguração, em 1969⁷

⁷. Capa da brochura do Museu de Arte Sacra da Ilha de Moçambique, editada por ocasião da sua inauguração, em 1969. *Museu de Arte Sacra (Anexo à igreja da Misericórdia)*. Primeiro catálogo do Museu de Arte Sacra da Ilha de Moçambique. Comissão Provincial das Comemorações Centenárias de Vasco da Gama e Luís de Camões, Lourenço Marques: EMOL, novembro de 1969.s/p.



ANEXO IV - Cópia do ofício que remete o Inventário dos Bens Móveis pertencentes ao Palácio de S. Paulo⁸ Província de Moçambique: Almojarifado da Fazenda, 22 de janeiro de 1969.

⁸ ARPAC, Pasta 9, Nampula.

S.  R.

PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE
ALMOXARIFADO DE FAZENDA
(Delegação de Moçambique)

Na resposta pede-se para indicar,
o número e data desta.

À Ex.^{ma} Sr. ALMOXARIFADO DE FAZENDA

LOURENÇO MARQUES

Moçambique, 27 de Janeiro de 1969

N.º 1/ Alm/69

2/1
24-1-1969
[Handwritten signature]

Refs. à nota nº 3984/ 2ª-1ª./ 875, de 23/10/68

Em duplicado, remete-se o inventário dos bens móveis pertencentes ao Palácio de S. Paulo.

A R. G. H. da Nação
Pelo Secretário da Fazenda
[Circular stamp with signature]
F. Oliveira
MOÇAMBIQUE

ALMOXARIFADO DE FAZENDA
ENTRADA N.º 644
Em 25 1 1969
[Handwritten signature]

ARPTC
PASTA 9
NAMPULA

**ANEXO V – Jornal Notícias, 15 de março de 1969. *Nas Oficinas das Obras Públicas:
Restauradas Móveis Antigas para o Palácio de S. Paulo da Ilha de Moçambique,*⁹**

⁹ Jornal Notícias, 15 de março de 1969, pp 3 e 4.

NAS OFICINAS DAS OBRAS PÚBLICAS

RESTAURADAS MOBÍLIAS ANTIGAS PARA O PALÁCIO DE S. PAULO DA ILHA DE MOÇAMBIQUE

• Importante plano de reconstituição histórica

Nas oficinas das Obras Públicas de Lourenço Marques está a proceder-se à restauração de diversas peças de mobília que vão ser enviadas para a ilha de Moçambique a fim de se fazer a reconstituição do ambiente histórico do Palácio de São Paulo.

Este trabalho de restauro faz parte de um grandioso plano a que se tem vindo a dar cumprimento, desde há seis anos a esta parte, e a que o Governador-Geral, dr. Baltazar Rebelo de Souza veio dar novo impulso.

Neste plano estão incluídas importantes obras de beneficiação do forte de São Sebastião, de São Lourenço e do Palácio de São Paulo.

Beneficiações nos fortes

As beneficiações no forte de São Sebastião já começaram, há dois anos, com o arranjo das coberturas, do reboco dos exteriores e das dependências. Este ano,

concluem-se os melhoramentos das coberturas do forte que foram construídas em placas de cimento amparadas por barrotes de madeira.

Por outro lado, na pequena ilha que serve de base ao forte de São Lourenço e que está sujeita à acção corrosiva do mar, vai-se reforçar a ilha com uma pequena muralha que a proteja da

SESSÃO DO CINE-CLUBE

O Cine-Clube de Lourenço Marques apresenta hoje, às 17.30 horas, no «Avenida», o filme «La Peau Douce», de François Truffaut.

O referido filme voltará a ser exibido na próxima segunda-feira, na sede do Cine-Clube, às 20 horas, seguindo-se um debate.



CADEIRAS QUE VÃO FAZER PARTE DO PALÁCIO DE SÃO PAULO A SER REPARADAS PELOS OPERÁRIOS DAS OFICINAS DE OBRAS PÚBLICAS

ANEXO VI - Cópia do ofício com a indicação do *Mobiliário a retirar do Palácio de S. Paulo em consequência da remodelação feita naquele Palácio.*¹⁰

Lourenço Marques: Comissão de Monumentos Nacionais, 1970.

¹⁰ ARPAC, Pasta 10, Nampula: Correspondência Geral

ASSUNTO: MOBILIÁRIO A RETIRAR DO PALÁCIO DE S. PAULO,
EM CONSEQUENCIA DA REMODELAÇÃO FEITA NAQUELE PALÁ-
CIO.

1. Quando da visita de Sua Excelencia o Presidente da Republica, Marechal Craveiro Lopes, a esta Provincia, foi o Palácio de S. Paulo bastante remodelado interiormente.
2. Este arranjo foi orientado pelo Senhor Governador do Distrito, Comandante Ferreira de Almeida, notando-se que a intenção que houve nessa remodelação foi tornar o Palácio uma cómoda residencia, sem preocupações de dar ao Palácio o seu ambiente antigo e a sua dignidade historica.
3. Desta forma, ao proceder-se agora ao enriquecimento do Palácio, com peças em genuino estilo indo-português, houve que pôr de parte o mo-

Liaboa para aquele fim.

4. Esse conjunto de peças, de interesse relativo, dado que são peças modernas, embora de estilo, poderão ser distribuidas, umas pela residencia do Governo do Distrito, outras no enriquecimento da Camara Municipal de Moçambique, que está pobremente mobilada, etc.
5. Logo que se conclua o arranjo interior do Palácio, fará o signatário uma informação propondo a distribuição dessas peças, caso o Governo da Provincia não tenha qualquer outro destino a dar-lhes.
6. Entretanto, está o Governo do Distrito de Moçambique a proceder a algumas obras de remodelação na residencia do Governador e, entre as peças que são necessárias ao novo arranjo da sala, contam-se 2 lustres de sacos e 6 apliques, todo o conjunto em vidro, que pertencem ao Palácio de S. Paulo.

Como o material referido não interesse de modo algum ao Palácio, tenho a honra de propôr a V.Exa. se digne autorizar a sua transferencia do inventário do Palácio para o da residencia do Governador do Distrito.

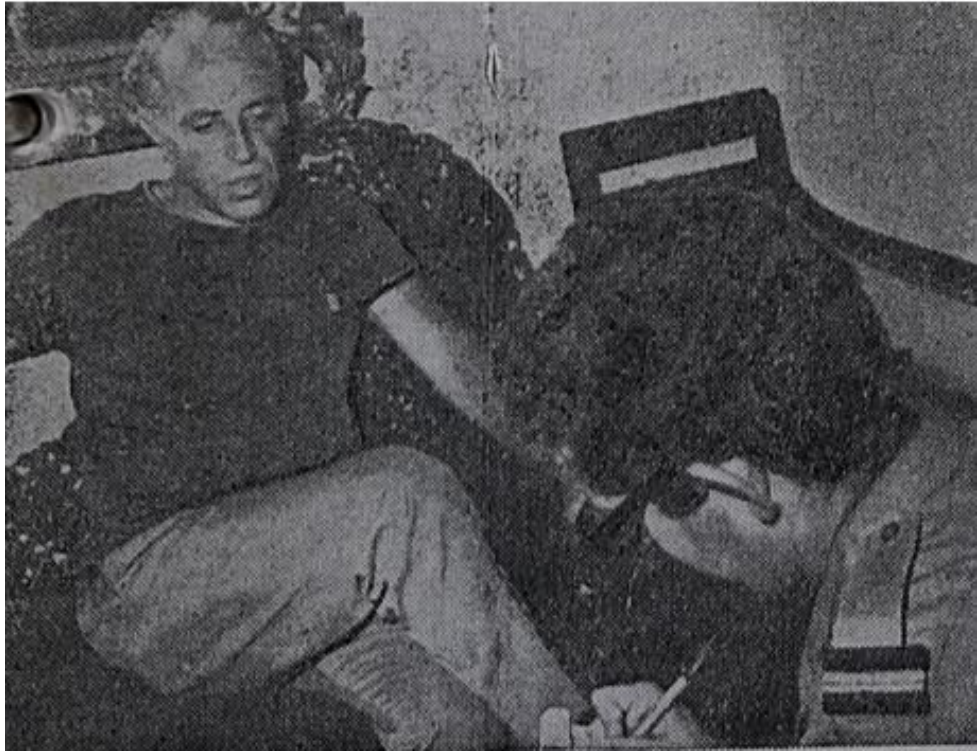
V.Exa., no entanto, se dignará resolver.

O ARQUITECTO DA COMISSÃO,
Pedro Quirino da Fonseca

Laurenço Marques, 31 de Outubro de 1970

ANEXO VII - *Diário de Notícias* (Jornal). 27 de setembro de 1970: Uma noite de luxo no palácio dos capitães Generais na Ilha de Moçambique.¹¹

¹¹ Entrevista ao Arq. Pedro Quirino da Fonseca, no salão nobre, sentado num canapé indo-português. In: *Diário de Notícias* (Jornal). 27 de setembro de 1970, p. 5.



ANEXO VIII - Inventário dos Bens Móveis do Estado, 1984. ¹²

¹² República popular de Moçambique, Serviços do Património 1984, p.2

REPÚBLICA POPULAR DE MOÇAMBIQUE
SERVIÇOS DO PATRIMÓNIO
INVENTÁRIO DOS BENS MÓVEIS DO ESTADO

Modelo (port.nº. 5655, de 12)

-2-

Repartição PALÁCIO DE S. PAULO DE MOÇAMBIQUE

Grupos Bens do domínio público

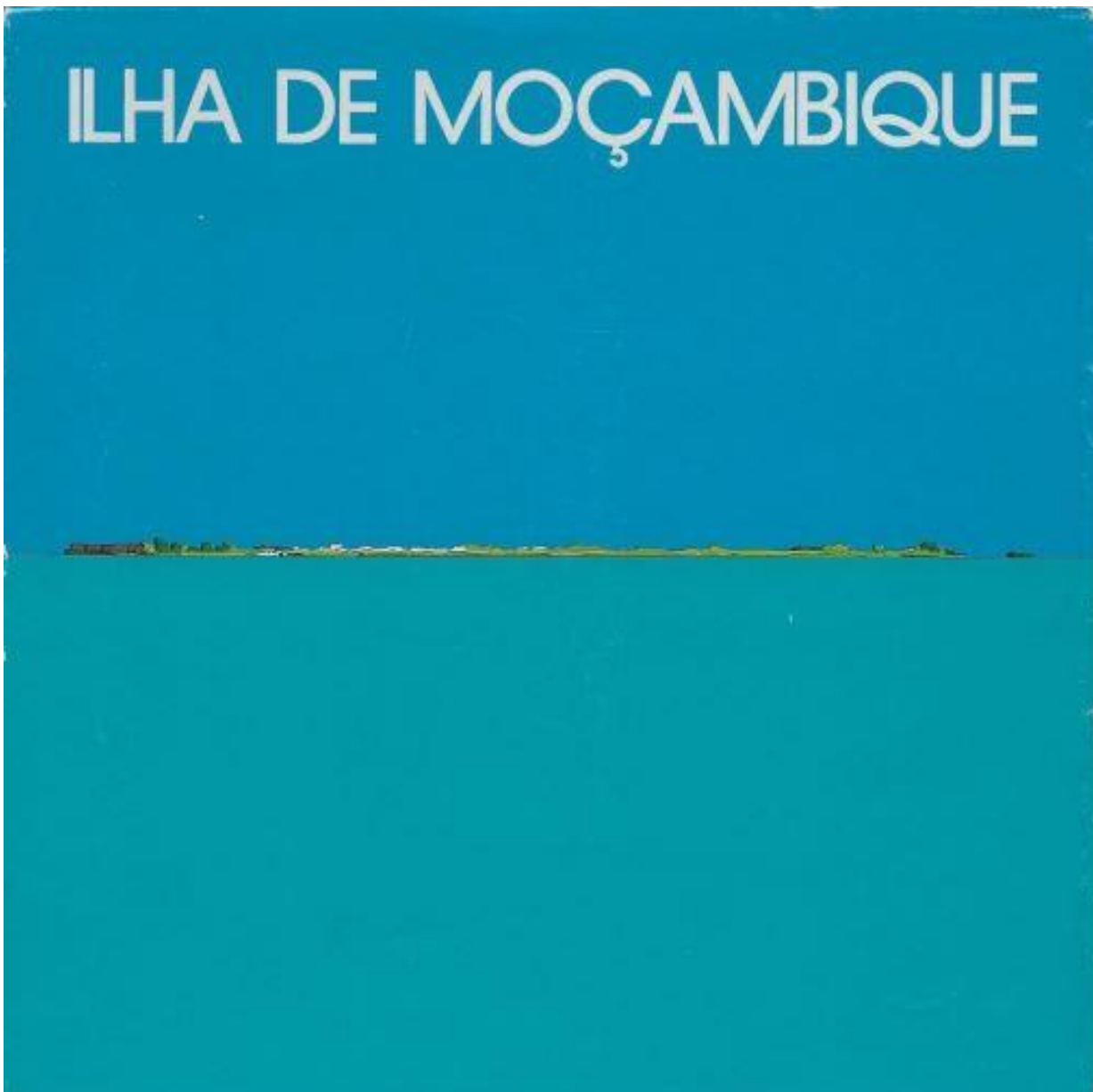
Grupo

Quantidade	Descrição	Ano de compra	Valores		Observações
			por unidade	Total	
	Transporte.....			303.083\$00	
2	Mesas rectangulares do seculo XVII, de 4 pernas, travessas torneadas, c/embutidos de marfim, medindo 0,93 x 0,64		70.000\$00	140.000\$00	
7	Vãos de cortinados c/senefas, de veludo vermelho, galão azul e dourado e franja dourada nas sanefas, tendo 3 os respectivos cordões com bbrilas de franja extremadas x extremadas		3.439\$00	24.073\$00	
2	Cortinados de terylene		971\$00	1.942\$00	
1	Mesa de centro redonda, estilo indo-português c/1,44 de diametro e 4 pés de ferro lavrados e coluna			32.000\$00	
4	Apliques de metal amarelo, com uma concha e dois braços, tendo cada um campanulas de cristal lavrado (3- SALA DAS SENHORAS)		6.900\$00	27.600\$00	
1	Quadro a óleo representando o pacto sanguineo entre Neutel de Abreu e Mukupera com moldura dourada, medindo 1,45x1,80 de autoria de Sergio Guerra			33.000\$00	
2	Condalabros de metal, de 3 braços c/uma cruz ao meio		5.000\$00	10.000\$00	
2	Espelhos com moldura dourada e fundo esverdeado, medindo 1,73 x 0,74		1.500\$00	3.000\$00	
1	Jarrão de craquete c/figuras humanas, em azul, medindo 0,62 de altura			7.000\$00	
1	Carpete tipo persa, de parede, BUCK BAD, medindo 2,09x1,40			5.700\$00	
1	Carpete de Arraiolos, medindo 7,10 x 5,80			16.000\$00	
1	Lustre em vidro c/18 lampadas <i>assim de sala do 1º andar para sala 2</i>			12.000\$00	
2	Consoles trabalhadas, estilo indo-português c/tampo de mármore castanho		18.000\$00	36.000\$00	
1	Mesa de madeira castanha, estilo indo-potrugues, trabalhada, medindo 1,05x0,53x0,57			5.000\$00	
1	Mesa de jogo de gamão, com tampo móvel, medindo 0,70x0,65x0,70			8.000\$00	
1	Mesa de tampo redondo c/diámetro de 1,20 e 0,66 de altura, trabalhada c/3 pés representando dragões			18.000\$00	
1	Canapé estilo indo-potrugues, trabalhado, costas lavradas, para duas pessoas, e assento estofado a veludo vermelho <i>do sala dos senhores</i>			12.500\$00	
6	Cadeiras estilo indo-português com braços, costas lavradas e assento em palhinha		3.000\$00	18.000\$00	
	A TRANSPORTAR.....			712.898\$00	

ANEXO IX - Capa do catálogo da exposição «A Ilha de Moçambique em Perigo de Desaparecimento: uma Perspectiva Histórica, um Olhar para o Futuro» [sic].¹³

¹³ AA.VV, Ilha de Moçambique em Perigo de Desaparecimento: Uma Perspectiva Histórica, Um Olhar para o Futuro[sic]. Fundação Calouste Gulbenkian. Porto: Inova, Artes Gráficas, 1983.

ILHA DE MOÇAMBIQUE



ANEXO X - Capa e contracapa do Catálogo da exposição de mobiliário «Da Índia para Moçambique»¹⁴

¹⁴ *Da Índia para Moçambique: Exposição de Mobiliário Indo-Português*. (Brochura da Exposição) Maputo: MUSART, (10.11.1999 a 16.01.00)

DA ÍNDIA PARA MOÇAMBIQUE EXPOSIÇÃO DE MOBILIÁRIO INDO-PORTUGUÊS

De 10 de Novembro de 1999
a 16 de Janeiro de 2000



MUSEU NACIONAL DE ARTE
Av. Ho Chi Min, 1233

De Terça a Domingo, das 15:00 às 19:00 (encerra às Segundas)

Moçambique é fruto de vários caminhos históricos que ao longo dos séculos fizeram cruzar gentes e culturas, trocar influências, criar a diversidade de valores, tradições e testemunhos em presença. Entre estes testemunhos contam-se os objectos, o património móvel, conservado ou não em museus. É uma parte deste património, o mobiliário indo-português existente em Moçambique, que hoje divulgamos.

O *Museu - Palácio de S. Paulo* na Ilha de Moçambique é, sem dúvida, o museu com a colecção de mobiliário indo-português mais significativa e até ao momento, a melhor estudada, fruto de um projecto de documentação que o Departamento de Museus está a realizar com o apoio da Cooperação Portuguesa e Sueca.

O *Museu Nacional de Arte* em Maputo, possui também um pequeno número de peças de mobiliário indo-português. O Museu funciona no edifício (inaugurado em 1964), que foi a sede da Associação Indo-Portuguesa (ex-Instituto Goano), uma associação que reunia os goeses da então Lourenço Marques, fundada em 1905. Uma pequena parte dos móveis existentes no museu é proveniente do património da Associação. A colecção foi mais tarde enriquecida com algumas ofertas e depósitos. É pois uma parte desta colecção, até aqui em reserva, que expomos hoje. São sofás, canapés, cadeiras e alguns acessórios decorativos de formas ocidentais exaustivamente talhadas pela expressividade indiana e onde animais fantásticos vivem numa movimentada vegetação estilizada. Incluímos também peças que gentilmente nos foram emprestadas para este fim.

A todos os que conosco colaboraram na preparação desta exposição, os nossos agradecimentos. Agradecemos especialmente a Ana Edite Mendonça e José Valente, Bernardette Silva, Cristina Horta, Família Branquinho, Família Carrilho Alvarinho, Famílias Fernandes e Sousa, Família Hélder Rodrigues, Família Maciel, Família Pinto Lobo e Luis Filipe Pereira.

DEPARTAMENTO DE MUSEUS

ANEXO XI-Folheto dos Museus da Ilha de Moçambique¹⁵

¹⁵ Edição do Ministério da Cultura/ Direção Nacional do Património Cultural/ Departamento de Museus, 2001



Museus da Ilha de Moçambique

Os Museus da Ilha de Moçambique começaram a ser criados nos anos 60, integrados num projecto de recuperação de vários edifícios desta ilha que foi a primeira capital de Moçambique. Uma Comissão destinada a preservar o património móvel e imóvel de Moçambique, iniciou trabalhos de pesquisa, pediu empréstimos, reuniu e comprou peças. Foi entre os anos 1969 e 1972 que os Museus abriram finalmente ao público.

Estão instalados nos anexos da Igreja da Misericórdia e no Palácio de S. Paulo, edifício construído em 1619 pelos padres jesuítas para servir de colégio. Chamou-se S. Francisco Xavier e tinha uma igreja anexa, do lado sudoeste, de invocação a S. Paulo, o mesmo nome que acabou por ser atribuído a todo o edifício depois da expulsão desta ordem religiosa pelo Marquês de Pombal, em 1759. Pertencendo então à Coroa Portuguesa, em 1763 o 1º andar foi adaptado a residência dos Governadores e no r/c instalaram-se as secretarias do Governo.

No final do séc. XIX, com a mudança de capital da colónia para a então Lourenço Marques (hoje Maputo), a Ilha perdeu também importância como centro político e económico. O Palácio de S. Paulo conheceu então um certo abandono. Em 1943 foi proclamado Monumento Histórico de Moçambique, assim como a sua Igreja e vários outros edifícios da Ilha. Depois da Independência Nacional, em 1975, a Ilha de Moçambique foi objecto de várias intervenções visando a sua preservação, e em 1991 a sua inscrição na lista do Património Mundial foi aceite pela UNESCO.

O Museu de Marinha montou-se no r/c (zona da frente, do lado esquerdo da entrada do Palácio), o Museu-Palácio de S. Paulo (Artes Decorativas) instalou-se no 1º andar (na antiga área residencial) e o Museu de Arte Sacra foi instalado nas antigas dependências do Hospital da Santa Casa da Misericórdia, com entrada lateral à Igreja da Misericórdia, que lhe é anexa. Este último Museu fica integrado no conjunto arquitectónico daquela que foi a Igreja Matriz, com paredes meias com o Palácio de S. Paulo.



Museu de Arte Sacra

O **Museu de Arte Sacra** foi inaugurado em 1969, contando com peças bastante invulgares, provenientes, na sua maioria, das extintas igrejas da Cidade de Moçambique (Ilha) e arredores. O seu acervo é constituído por objectos que se utilizaram no culto católico ou que estão relacionados com este culto, constituindo várias colecções, como: ourivesaria em prata, escultura em madeira, escultura em pedra, mobiliário, pintura a óleo e têxteis. São, na sua maioria peças de arte indo-portuguesa, nomeadamente na escultura, no trabalho de metal, no mobiliário e nos tecidos. São peças de excepcional qualidade e de interesse histórico, uma vez que são maioritariamente exemplares dos séculos XVI, XVII e XVIII.



Museu de Artes Decorativas

O **Museu de Artes Decorativas** ocupa a zona habitacional do Palácio e conta com peças que pertenceram ao seu antigo recheio enquanto residência do Governo. Para a montagem do Museu foi necessária uma selecção criteriosa do que seria conveniente ali permanecer. Na Ilha de Moçambique e seus arredores, historiadores, arquitectos e demais especialistas, procuraram e compraram mobílias e acessórios decorativos antigos que algumas famílias, na sua maioria oriundas da antiga Índia portuguesa (Goa, Damão e Diu) ainda conservavam. Sabe-se, através de depoimentos orais e pesquisas, que algumas destas peças são dos sécs. XVIII e XIX, mas há outras que foram fabricadas mais recentemente (séc. XX) em Moçambique, à semelhança de modelos originais. Na então Lourenço Marques reuniram-se peças que se encontravam no Arquivo Histórico de Moçambique, no Museu Histórico Militar instalado na Fortaleza de N.ª Sra. da Conceição e compraram-se outras que foram restauradas nas Oficinas das Obras Públicas. Todas as mobílias e acessórios decorativos adquiridos estavam, de alguma forma, relacionados com o contexto histórico da Ilha. Em 1971 foi concluída a obra, tendo sido também a Igreja e o jardim/quintal do Palácio alvo de arranjos que lhes procuraram restituir o aspecto e carácter antigo. No acervo deste Museu, o mobiliário representa o núcleo mais importante, onde entre peças portuguesas, francesas e chinesas, se destacam as mobílias indo-portuguesas. Estas mobílias são constituídas por um representativo número de canapés, cadeiras, mesas, camas, armários, malas, oratórios, entre outros. Porcelanas, tapetes, tapeçarias, metais, escultura em madeira, pinturas a óleo, gravuras e meios de transporte, são ainda outras colecções que fazem parte deste Museu e que caracterizam uma época vivida na Ilha de Moçambique, que corresponde aos sécs. XVIII e XIX. A Igreja de S. Paulo é mais uma manifestação da diversidade cultural de Moçambique. O seu púlpito e altar foram encomendados à Índia no séc. XVII pelos padres jesuítas, representando novamente a arte indo-portuguesa em todo o seu esplendor.



Museu de Marinha

O **Museu de Marinha**, criado «nos baixos do Palácio», foi concluído em 1972, para o qual foram recolhidos valiosos despojos marítimos encontrados na costa moçambicana. No projecto de criação deste museu estava prevista uma segunda fase e o aproveitamento de outras dependências. Reuniram-se para constituir o acervo deste Museu peças de artilharia naval, âncoras, espingardas, embarcações locais, miniaturas de embarcações portuguesas, instrumentos náuticos e pinturas alusivas aos descobrimentos e à navegação. Prevê-se o desenvolvimento deste Museu, tendo-se já para o efeito recuperado alguns espaços e adquirido novas peças.



Depois da Independência Nacional os museus e o património à sua guarda continuaram a merecer atenção. Apesar das dificuldades em pessoal e em recursos financeiros, os museus nunca fecharam e têm vindo a ser objecto de várias intervenções. O Ministério da Cultura, com o apoio da Cooperação Internacional, onde se destaca a ASDI, a MS, a NORAD, a UNESCO e a Cooperação Portuguesa, desenvolveu um programa de profissionalização destes museus, que inclui para além da reabilitação dos edifícios, a criação de vários sectores necessários ao desempenho das várias funções museológicas.

Os museus possuem, actualmente, exposições fruto de novas aquisições feitas nos últimos anos. Os visitantes têm também à disposição um centro de informação e uma loja.

Ilha de Moçambique

Horário de abertura ao público:
De Quarta a Domingo
de manhã das 8:00h às 12:00h
de tarde das 14:00h às 17:00h
Encerra às Segundas e Terças
e.mail: ilha@teledata.mz

Planta do R/C

Planta do Primeiro Piso

Mapa do Museu de Marinha com legendas:
- Museu de Marinha (área azul)
- Museu de Arte Sacra (área amarela)
- Capela de São Paulo (área vermelha)
- Museu de Arte Sacra (área verde)
- Capela de São Paulo (área laranja)

**ANEXO XII - Recorte do jornal Domingo «Dia internacional dos Museus: Reinaugurado
Museu-Palácio de S. Paulo na Ilha de Moçambique. ¹⁶**

¹⁶ Jornal Domingo, 20 maio 2001, p. 15.

DIA INTERNACIONAL DOS MUSEUS

Reinaugurado Museu-Palácio de S. Paulo na Ilha de Moçambique

• Pascoal Mocumbi visita Museu da Moeda e Fortaleza do Maputo

Belmiro Adamugy

O Presidente da República Joaquim Chissano, acompanhado pelo Ministro da Cultura Miguel M'Quim, reinaugurou, no último sexta-feira, o Museu-Palácio de S. Paulo, na Ilha de Moçambique, no âmbito das celebrações do Dia Internacional dos Museus (18 de Maio).

Trata-se de um Museu de Artes, Decorativas com um acervo constituído, na sua maioria, por mobiliário indo-português, que passou a contar com novas salas de exposições e áreas de trabalho.

O Museu-Palácio passou a contar com uma Sala das Porcelanas, Sala dos Adornos, a Sala das Caixas-Escrevanhinhas, que constituem espaços vivos do museu, pois algumas destas apresentam aspectos muito ligados ao dia-a-dia de quem habitou o palácio, e ao quotidiano das pessoas que habitam a Ilha de Moçambique. A Sala dos Adornos, por exemplo, está directamente ligada à tradição das mulheres locais, uma vez que nela estão expostos adornos que ainda hoje são por elas utilizados em ocasiões festivas.

A cerimónia central da celebração do Dia Internacional dos Museus tem a sua explicação no facto de o lema, adoptado pelo Comité Consultivo do Conselho Internacional de Museus (ICOM), para este ano ser o seguinte: **Museus: Construindo a Comunidade**, que sublinha a importância social dos museus, chamando a atenção para a definição do museu como instituição permanente ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento.

Além, sobre este por menor, **Ángela Penicela Khan**, directora nacional do Património Cultural, disse que pretende-se envolver, de forma directa e prá-

tica, a população da Ilha de Moçambique na conservação, tratamento e enriquecimento do acervo do Museu-Palácio.

Recorde-se que a Ilha de Moçambique – catalogada como Património da Humanidade – vem sofrendo um processo de degradação contínuo – agravado em 1994 pelo ciclone Nida – que não só arrasou com a vegetação, o património edificado incluindo o reinaugurado Museu-Palácio, entre outros.

Em 1997, teve lugar uma Conferência Internacional sobre a Ilha de Moçambique que resultou na elaboração de pelo menos 50 projectos que depois foram sintetizados em 3 grandes grupos contemplando a **Reabilitação Física, Reabilitação Social e Reabilitação Ambiental**.

Há um trabalho que está sendo feito no sentido de encontrar financiamentos para estes projectos... há boas indicações assim como há alguns micro-projectos que estão em curso visando-se a reabilitação de alguns edifícios da Ilha, afirma **Ángela Khan**.

OS MUSEUS TAMBÉM SÃO ÓPTIMAS ESCOLAS

Pascoal Mocumbi, Primeiro-Ministro do nosso país, visitou acompanhado pelo Magnífico Rector da Universidade Eduardo Mondlane, **Brazão Mazula**, no âmbito das celebrações do Dia Internacional dos Museus, a **Fortaleza de Maputo e o Museu da Moeda** (também conhecido por **Casa Amarela**).

No final da visita, no qual tomaram parte vários quadros seniores do Ministério da Cultura, Mocumbi disse que **o que me leva a estar aqui hoje é a vontade de fazer do Dia**

Internacional dos Museus uma ocasião para promover o conhecimento daquilo que existe no nosso país como museu.

Infelizmente o nosso público não sabe que um museu é um lugar onde se aprende, uma verdadeira escola.

Proseguindo disse ainda que gostaria de encorajar aqueles que não sabem porque é que se assinala o Dia dos Museus para que visitem os nossos museus.

Quero lançar um apelo aos do desporto para ver se conseguem ter uma réplica da primeira medalha olímpica que ganhamos para que as gerações vindouras possam saber que, um dia no ano 2000, uma moçambicana chamada **Lurdes Mutola** ganhou a primeira medalha de ouro para o nosso país, disse Mocumbi.

O Primeiro-Ministro disse acreditar que os museus estão a cumprir o seu papel de educadores mau grado os educados serem "gazeteiros", é que não os aproveitam e só com o seu uso é que as pessoas que lá estão, os conservadores, é que se vão aperfeiçoar, habilitar para a sua missão de educar e informar.

Questionado se haveria algum programa específico para inverter a situação, Mocumbi foi peremptório: é o que estamos aqui a fazer: todos querem ver o Magnífico Rector (**Brazão Mazula**), o Vice-Ministro da Cultura (**Luis Covane**), o Primeiro-Ministro e nesta altura (última sexta-feira) em que falámos o Presidente da República deve estar a caminho da inauguração do Museu-Palácio na Ilha de Moçambique. Todo este movimento de personalidades

do nosso país visa estimular os moçambicanos a usarem este bem comum que são os museus.

OS MUSEUS SÃO EXTREMAMENTE CAROS

Brazão Mazula, Magnífico Rector da Universidade Eduardo Mondlane, instituição de ensino que gere a grande maioria dos museus no país, incluindo o Museu de História Natural, Museu da Moeda e a Fortaleza de Maputo, disse, a propósito do Dia Internacional dos Museus, que só o facto de o Chefe do Estado ter se deslocado à Ilha de Moçambique para as cerimónias centrais dos festejos do Dia Internacional dos Museus já mostra uma certa estabilidade no país, especialmente na área cultural, factor indispensável para permitir uma

maior expressão da riqueza cultural e histórica com um económico e turístico, o que é uma imagem boa do país.

No que diz respeito aos museus no nosso país **Brazão Mazula** disse felizmente posso dizer nós (UEM) somos aqueles que têm mais museus no mundo o Museu da História Natural, da Moeda, da Fortaleza de Maputo, temos em nas faculdades e só facto significa responsabilidade do Estado e a sociedade universidade dadas as capacidades para preservar os museus sobretudo criar uma estabilidade da sociedade a importância dos museus

Mazula referiu ainda a manutenção dos museus e nomeadamente a

14 DE MAIO DE 2001

FIGURAS



Fig. 1.1 -Mapa de Moçambique com a Ilha de Moçambique rodeada a preto.¹⁷

¹⁷ Disponível online em: <https://pt.dreamstime.com/ilustr%C3%A7%C3%A3o-stock-mapa-administrativo-de-mo%C3%A7ambique-image47477192#> [Consultado em 25.12. 2021]

Figuras



Fig. 1. 2 - Vista Aérea da Ilha de Moçambique. Disponível *online* em: [ilha-de-mocambique-from-space.jpg \(1487×1600\) \(wordpress.com\)](#) [Consultado em 07.12. 2020]



Fig. 1. 3- Planta da Ilha de Moçambique. Livro de Lisuarte de Abreu, 1558.

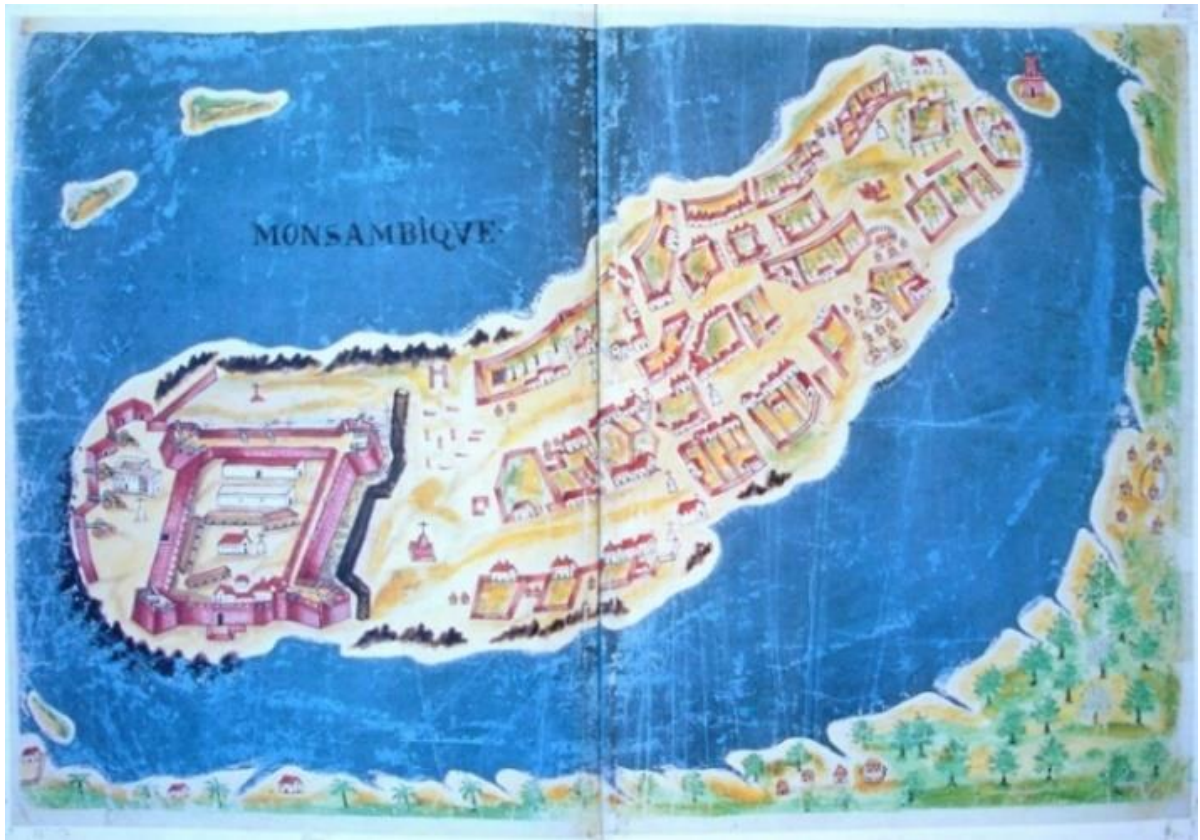


Fig. 1. 4- Ilha de Moçambique. Gravura de Jan Huygen Van Linschotten, com o Itinerário da *Voyage Ofte Schipbaert Linschotten naer oost ofte Portugaels Indien*. Haya, [sic.] 1599. Arquivo Histórico Ultramarino (Lisboa).

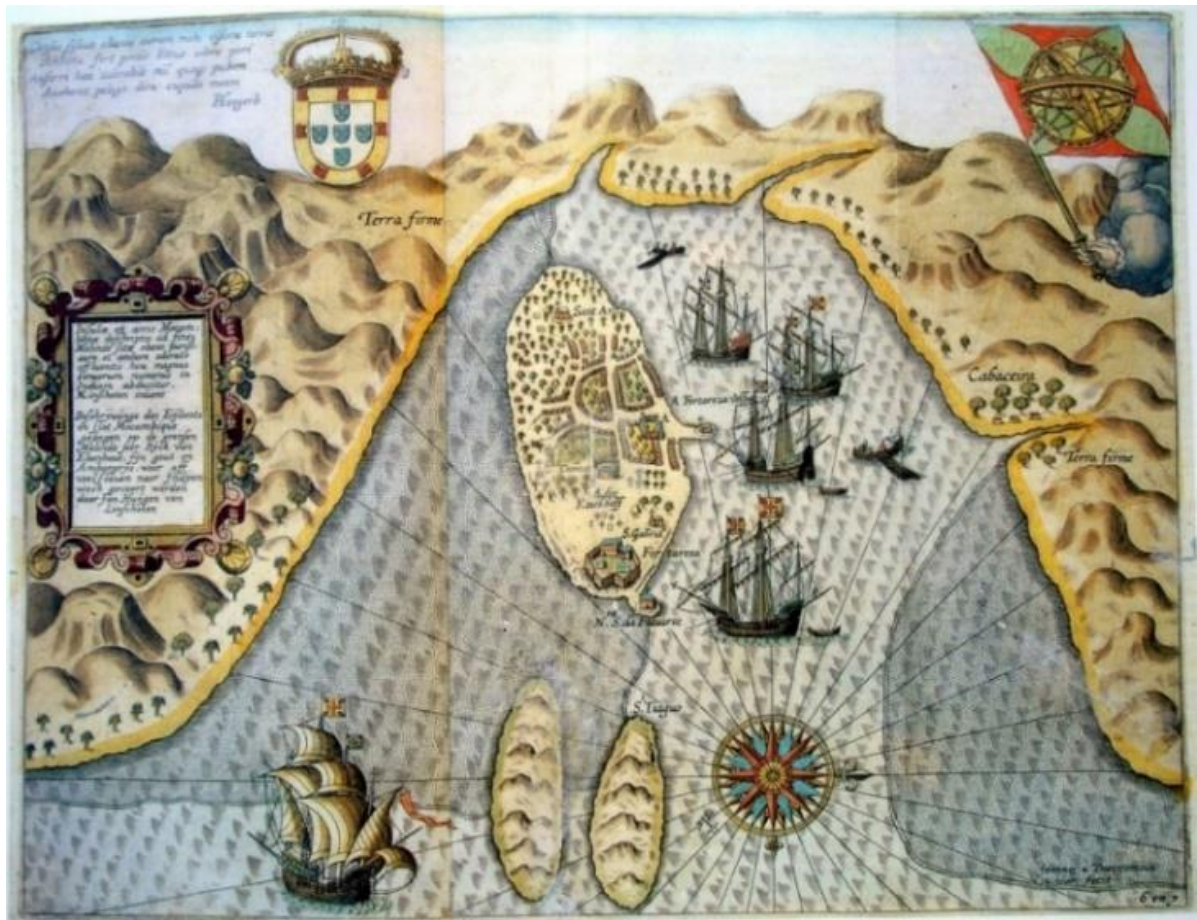


Fig.1. 5- «Monsabique» [sic.] Livro das Plantas de todas as Fortalezas, Cidades e Povoações do Estado da Índia Oriental...Códice de António Bocarro, 1635. Biblioteca Pública de Évora.

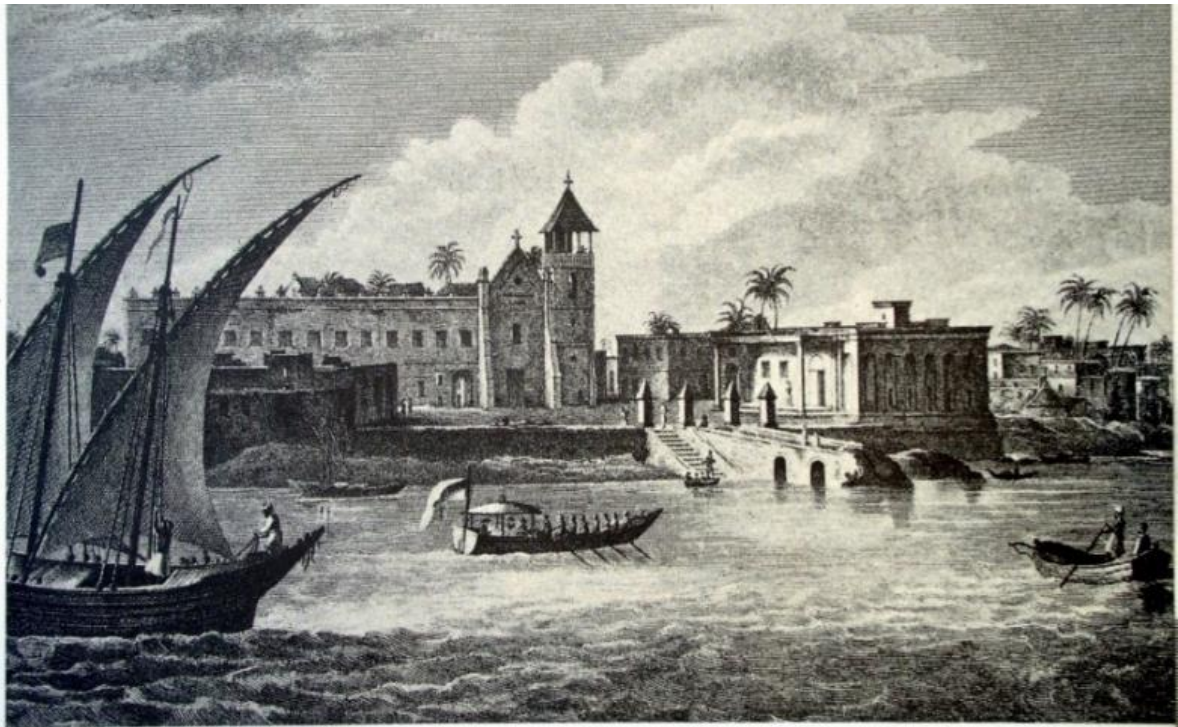


Fig. 1. 6- Palácio de S. Paulo (Ilha de Moçambique, 1809). Desenho de Henry Salt, explorador inglês, que visitou a Ilha em 1809. Gravura reproduzida em Alexandre Lobato- *Ilha de Moçambique: Panorama histórico*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1967.



Fig. 1. 7- Mapa da Ilha de Moçambique.¹⁸

¹⁸ PAIXÃO, Jano, «Ilha de Moçambique: uma breve perspectiva»[sic], *Desafios de candidaturas a Património Mundial*. Rio de Janeiro: Oficina «Desafios de candidaturas a Património Mundial», novembro de 2014, s/p.



Fig. 2.1- Vista geral da fachada da Igreja da Misericórdia da Ilha de Moçambique.
Fotografia da autora, Ilha de Moçambique, abril de 2008.



Fig. 2.2 Detalhe dos ornatos que ladeiam a inscrição no frontispício da Igreja da Misericórdia
Fotografia da autora, Ilha de Moçambique, abril 2008



Fig. 2.3 - Fachada da Igreja de S. Paulo. Diu.¹⁹



Fig. 2.4- Fachada Capela de S. Francisco Xavier. Ilha de Moçambique.

Fotografia da autora. Ilha de Moçambique, abril de 2008.

¹⁹ AZEVEDO, Carlos, *A Arte de Goa, Damão e Diu*. Lisboa: Comissão Executiva do V Centenário do nascimento de Vasco da Gama, 1469-1969. Lisboa: Neogravura, 1970. Índia (Estampa 9), s/p.



Fig. 2.5- Fachada Igreja de N.ª Sra. Da Saúde. Ilha de Moçambique.

Fotografia da autora. Ilha de Moçambique, abril de 2008



Fig. 2.6- Pedra comemorativa da reedificação da Igreja da Saúde, de 1801

Fotografia da autora, Ilha de Moçambique, 2007



Fig. 2.7- Retábulo do altar-mor da Igreja de N.ª Sra. Da Saúde.

Fotografia da autora. Ilha de Moçambique, abril de 2008



Fig. 2.8- Altar chamado de S. José. Sé catedral de Goa. Índia²⁰

²⁰ DIAS, Pedro- *A Arte Indo-Portuguesa: capítulos da história*. Coimbra: Almedina, 2004, p.313



Fig. 2.9- Detalhe do remate superior do retábulo do altar-mor da Igreja de N^a. Sra. da Saúde.
Fotografia da Autora. Ilha de Moçambique, 2008.



Figs. 2.10, 2.11 e 2.12- Estuque decorativo do teto da Igreja de N^a. Sra. da Saúde.
Fotografias da autora. Ilha de Moçambique, 2008



Fig. 2.13 Alpendre de entrada da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios. Cabaceira Grande.

Fotografia de Sara Teixeira. 2007.



Fig. 2.14- Porta da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios. Detalhe da talha ornamentada com elementos decorativos ao gosto indiano. Cabaceira Grande.

Fotografia de Sara Teixeira. Dez. 2007.



Fig. 2.15- Altar-mor da Igreja de Nossa Senhora dos Remédios. Cabaceira Grande.

Fotografia de Carla Silva. Dez. 2020



Fig. 2.16- Vista do largo de S. Paulo, onde se observa a estátua de vasco da Gama e, parte da fachada do Palácio de S. Paulo e a entrada principal da sua Igreja. Fotografia da autora, 2007.



2.17- Interior da Capela de S. Paulo, onde se pode observar o altar-mor e o púlpito. Fotografia da autora. 2008.



Fig. 2.18- Altar-mor da Igreja de S. Paulo. Ilha de Moçambique.

Fotografias da autora, Ilha de Moçambique, 2008



Fig. 2.19 Detalhe da talha do ático esculpida, em baixo relevo, com as insígnias dos padres Jesuítas (IHS). Fotografia da autora. 2008



Fig.2.20- Colunas salomónicas que ladeiam os nichos do altar mor da Igreja de S. Paulo. Fotografia da autora. julho 2007

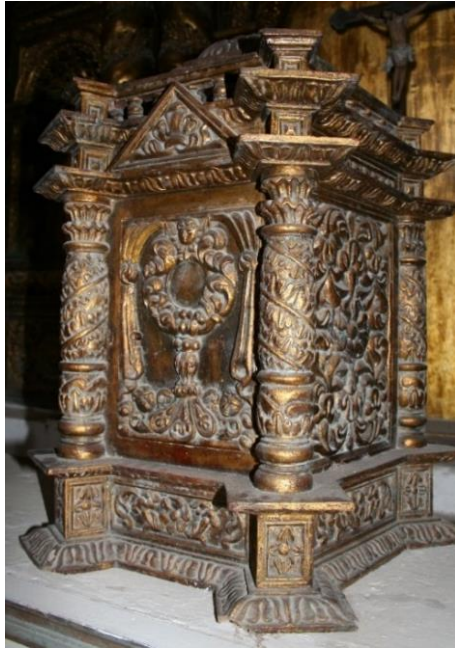


Fig. 2.21- Sacrário da Igreja de S. Paulo. Ilha de Moçambique. Fotografia da autora. 2008



Fig. 2.22- Caixa e sobrecéu do púlpito da Igreja de S. Paulo.
Fotografia de Paulo Pires Teixeira. 2008



Fig. 2.23 Púlpito da Casa-Museu Medeiros e Almeida, em Lisboa.²¹

²¹Este púlpito, de estética Barroca, (final do século XVII/ Séc. XVIII), segundo estudos de Mónica Esteves Reis, terá pertencido à Capela de Nossa Senhora do Monte em Velha Goa, Estado de Goa, onde ainda se encontram partes restantes da bacia do púlpito da coleção.] Imagem disponível *online*: <https://www.casa-museumedeirosalmeida.pt/pecas/pulpito-indo-portugues-destaque-fevereiro-de-2014/> [Consultado em 02.11.2021]



Fig. 2.24- Sobrecéu do púlpito da Igreja de S. Paulo, onde se observa o seu suporte escamado, semelhante à cauda de um dragão. Fotografia da autora. Abril de 2007.



Fig. 2.25- Pormenor da cabeça de um anjo esculpida na caixa do púlpito da Igreja de S. Paulo. Ilha de Moçambique. Fotografias da autora, 2007.



Fig. 2.26- Pormenor da cabeça de um anjo esculpida num retábulo do Convento de Santa Mónica (Goa). ²²



Fig. 2.27- Detalhe da talha polícroma do púlpito da Igreja de S. Paulo. Ilha de Moçambique.
Fotografia da autora. 2008.

²² PINTO, Maria Helena Mendes (Coordenação), *Museu de Arte Sacra Indo-Portuguesa de Rachol*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003, p. 99.



Fig. 2.28- Ser mítico terminado em festão de cajú, esculpido em baixo relevo na base da caixa do púlpito da Igreja de S. Paulo. Fotografias da autora, Ilha de Moçambique 2007



Fig. 2.29- Escultura policroma do painel em baixo relevo do púlpito da Igreja de S. Paulo com a representação de Sto. Inácio de Loyola²³ com crucifixo (partido) e livro com a regra da Companhia de Jesus. Sto. Inácio foi o fundador da Companhia de Jesus (Ordem dos Jesuítas).

Fotografia da autora. Igreja de S. Paulo, Ilha de Moçambique. 2008

²³ «A Companhia de Jesus pautava-se pela *Ratio Studiorum*, isto é, a “Regra de Estudos”, ou “Ordem de Estudos”, que levava em conta o conhecimento do latim, das sagradas escrituras e de textos da tradição ocidental». Texto disponível *online* em: [Companhia de Jesus. Criação da Companhia de Jesus - História do Mundo \(historiadomundo.com.br\)](http://historiadomundo.com.br) [Consultado em 07.06.2021]. Fotografia da autora. 2008.



Fig. 2.30- Imagem escultórica polícroma do painel em baixo relevo do púlpito da Igreja de S. Paulo com a representação de Santa Clara de Assis com um ostentório (palavra que provém do Latim *ostendere*, ou seja, mostrar, expor) na mão direita, e em sua mão esquerda o livro, que significa a sua Regra. Fotografia da autora. Igreja de S. Paulo. Ilha de Moçambique, 2008.



Fig. 2.31 - Imagem escultórica polícroma do painel em baixo relevo do púlpito da Igreja de S. Paulo com a representação de S. Vicente (?) com nau e grelha. Juntamente com o Santo António, S. Vicente é um dos padroeiros de Lisboa sendo vulgar encontrar a sua imagem relacionada com uma nau que se encontra relacionada a sua hagiologia: o martírio e o facto do seu corpo ter sido atirado ao mar e posteriormente ter sido encontrado numa nau. Relativamente à grelha, que agarra com a mão esquerda, esta está relacionada com o seu martírio e o facto de ter sido posto em chamas, amarrado a uma grelha. Em França, na iconografia deste santo, a grelha é um dos seus atributos.²⁴

Igreja de S. Paulo. Ilha de Moçambique. Fotografias da autora, 2008.

²⁴ Alexandre Lobato identificou S. Lourenço como um dos santos esculpido neste retábulo, contudo, observando os atributos de cada santo pertencente a este púlpito, o único que na sua narrativa plástica segura uma grelha (atributo de S. Lourenço), segura também um navio, o que leva a crer que se trata de S. Vicente e não de S. Lourenço.

Sobre S. Vicente: VICENTE, Filipe Nunes; PICOITO, Pedro; Jorge, Luís M, *A Nau e os Corvos: São Vicente e as Armas de Lisboa*, In: Declínio e Queda, junho 2008. Disponível online em: <https://declinioqueda.wordpress.com/2013/06/08/a-nau-e-os-corvos-sao-vicente-e-as-armas-de-lisboa/>.



Fig. 2.32- Imagem escultórica polícroma do painel em baixo relevo do púlpito da Igreja de S. Paulo, com a representação S. Paulo com livro e espada, que simbolizam respetivamente o ensinamento através de suas palavras e a sua morte por decapitação. Igreja de S. Paulo. Ilha de Moçambique. Fotografias da autora, 2008.

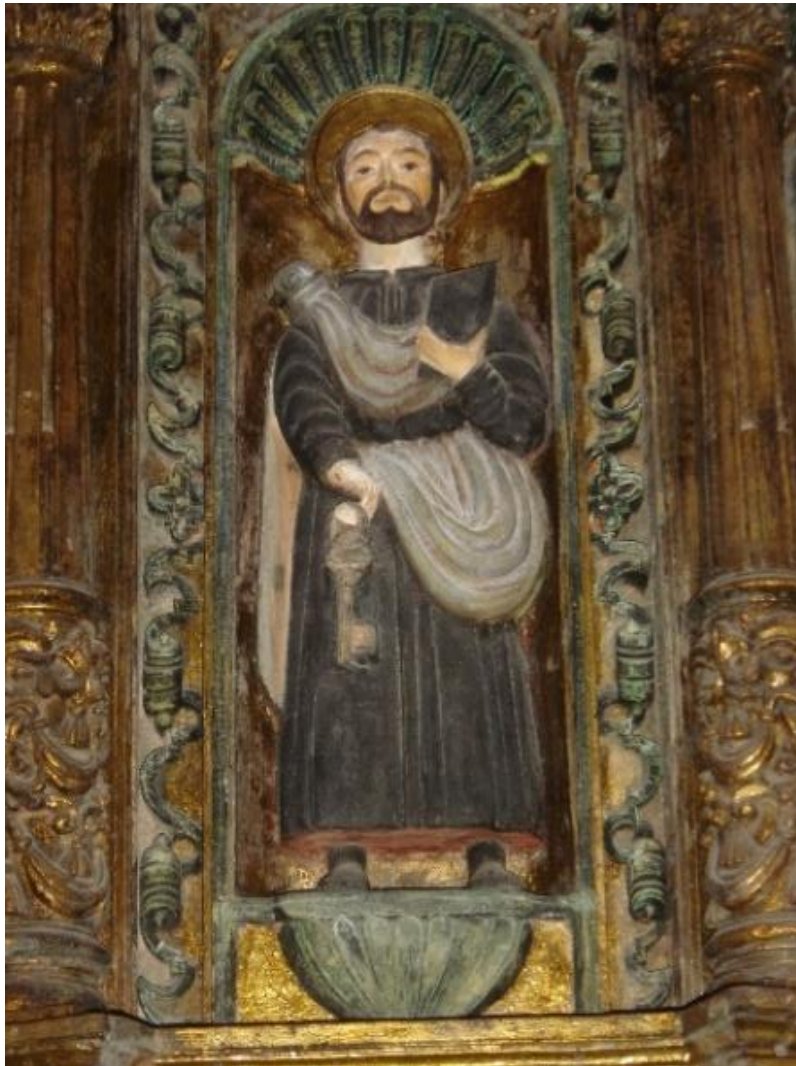


Fig. 2.33 - Imagem escultórica polícroma do painel em baixo relevo do púlpito da Igreja de S. Paulo com a representação de S. Pedro com chaves na mão direita (símbolo de autoridade), por ser este o líder da Igreja, missão que lhe foi entregue por Jesus Cristo. O livro na mão simboliza a catequese, evangelização e todos os ensinamentos de S. Pedro.

Igreja de S. Paulo. Ilha de Moçambique. Fotografias da autora, 2008.



Fig. 2.34- Imagem escultórica de painel em baixo relevo polícoloro com a representação de S. Francisco Xavier vestido com o fato franciscano.²⁵

Igreja de S. Paulo. Ilha de Moçambique. Fotografias da autora, 2008

²⁵ Este santo ficou mundialmente conhecido como o Apóstolo das Índias. Durante o seu percurso de vida conheceu aquele que viria a ser Sto. Inácio de Loyola e, em 1539, participou da fundação da Companhia de Jesus, uma nova ordem religiosa. Na sua viagem para o Oriente, passou pela Ilha de Moçambique, onde se acredita ter realizado um milagre e, nesse local se edificou uma capela em sua invocação: a capela de S. Francisco Xavier, já mencionada anteriormente.



Fig. 2.35- Imagem escultórica de painel em baixo relevo polícromo com a representação de S. João Batista (?) com os dedos da mão direita levantados, em posição de bênção e segurando o cibório eucarístico com a mão esquerda. Igreja de S. Paulo.

Ilha de Moçambique. Fotografias da autora, 2008.



Fig. 2.36- Escultura de santo em alto relevo. Madeira esculpida em tom natural.

Séc. XVII, Índia. Dim.: 83 x 36,5 x 9 cm. Museu de Arte Sacra.

Ilha de Moçambique, Fotografia da autora, julho de 2007.



Fig. 2.37- Púlpito em talha polícroma. Fotografia de um álbum do Relatório da Missão a Cochim da autoria de Maria Helena Mendes Pinto e de Madalena Ataíde Garcia. ²⁶

²⁶ Arquivo da FCG. (Pasta K03248)

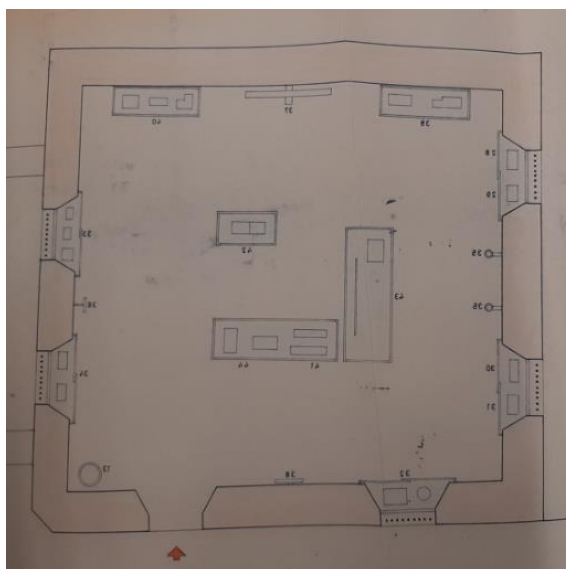
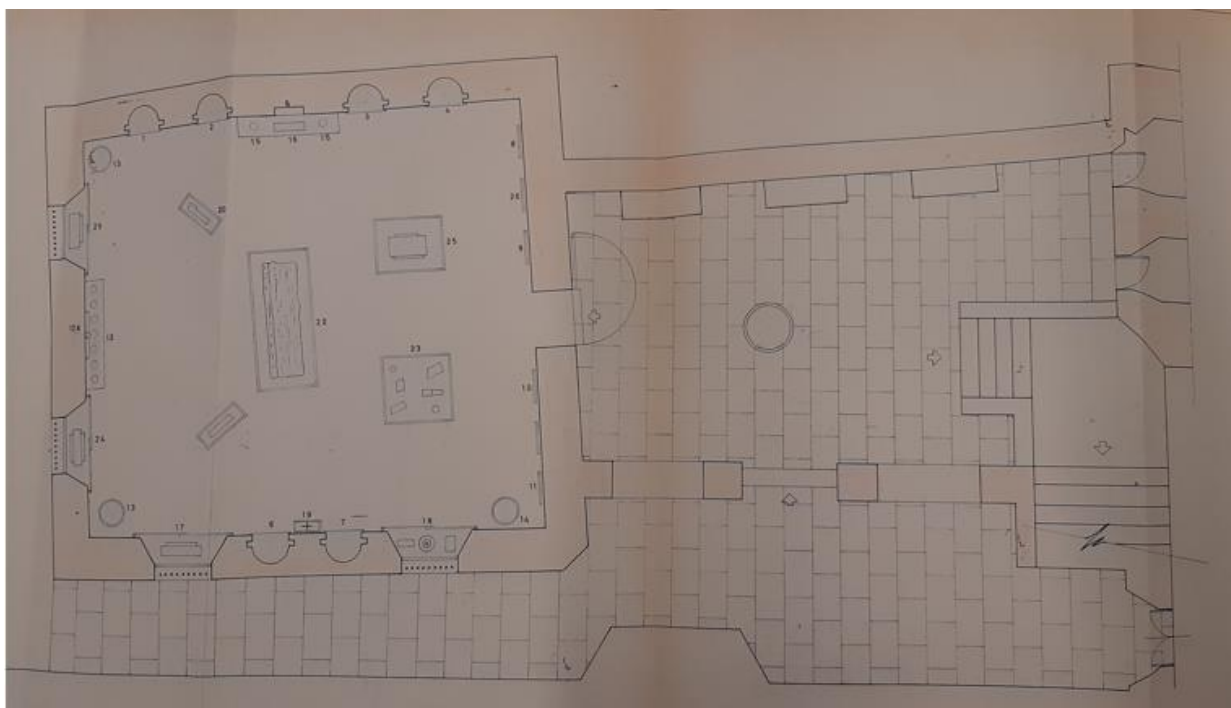


Fig. 2.38- Pedra tumular de Bartolomeu Lopes. Igreja de S. Paulo. Pedra negra gravada e entalhada em baixo relevo. Séc. XVII. Dim.: 252 x 147 cm.

Fotografia da autora. Ilha de Moçambique 2007.



Fig. 2.39- Vista da entrada do Museu de Arte Sacra, anexo à igreja da Misericórdia.
Ilha de Moçambique. Fotografia da autora, 2007.



Figs. 2.40 e 2.41- Plantas do R/C e do 1º piso do Museu de Arte Sacra Ilha de Moçambique. 27

²⁷ Plantas do R/C e do 1º Piso do Museu de Arte Sacra da Ilha de Moçambique, pertencentes ao Arquivo da FCB: «Inventário dos objetos existentes na Igreja da Misericórdia, destinados ao futuro Museu da ilha de Moçambique.». Data inicial:1966. Código de referência: PT FCG: SCNEA-S003-P4624-D00031.Processo M184/63 Uac COOP 05686, 147.



Fig. 2.42- Inauguração do Museu de Arte Sacra pelo Governador Baltazar Rebelo de Sousa.²⁸



Fig. 2.43- Perspetiva geral da sala de exposição do 1º piso do MAS (escultura em madeira).²⁹

²⁸ Imagem retirada do Boletim *Monumenta*, nº6, 1970, p. 7-10. ARPAC. Cota PP92

²⁹ Imagem retirada da obra de Jano Paixão: «Ilha de Moçambique: uma breve perspectiva», [sic.] *Desafios de candidaturas a Património Mundial*. Rio de Janeiro: Oficina «Desafios da Candidaturas a Património Mundial», novembro de 2014, s/p.



Figs. 2.44 e 2.45 -Escultura de vulto. Madeira polícroma. N^a. Sra. do Baluarte. Séc. XVI/
XVII. Índia. Dim.: 83 x 28 x 21 cm. Museu de Arte Sacra. Ilha de Moçambique.³⁰
Fotografias da autora, julho de 2007.

³⁰ Escultura de vulto de N^a. Sra. do Baluarte, vista de frente e de trás. Fotografia da autora. Museu de Arte Sacra. Ilha de Moçambique, julho de 2007.



Figs. 2.46 e 2.47- Escultura de vulto de Nossa Senhora com o menino. Igreja de S. Pedro e S. Paulo, Índia. Fotografia de Maria Helena Mendes Pinto³¹

³¹ Arquivo FCG. Pasta K03067 - Maria Helena Mendes Pinto janeiro de 1998.



Fig. 2.48- Recriação de altar indo-português. Conjunto formado por 10 colunas em madeira entalhada e suas vigas de suporte. Séc. XVII, Índia. Dim.: Alt. do conjunto montado: 383 cm x comprimento da trave maior: 458 cm. x 33 cm. (profundidade). Museu de Arte Sacra. Ilha de Moçambique. Fotografia da autora, julho de 2007.



Fig. 2.49- Cruz processional. Séc. XVIII. Índia. Dim.: 63 x 41 x 3,7 x 11,8 (nó) cm. MAS
Ilha de Moçambique. Fotografia da autora, julho de 2007.



Fig. 2.50- Estante de missal vista de frente Séc. XVII. Índia. Dim.: 43,5 x 27,5 x 2 cm. MAS
Ilha de Moçambique. Fotografia da autora, julho 2007



Fig. 2.51 - Cofre eucarístico visto de lado e do detalhe da decoração do. Séc. XVI. Índia.
Dim.: 18 X 21 x 14 cm. Museu de Arte Sacra. Ilha de Moçambique.³²



Fig. 2.52- Cofre eucarístico de transporte do Santíssimo aquando das Procissões do Enterro.
Séc. XVII. Índia. Dim.:15,5 x 23 x 15 cm. MAS. Ilha de Moçambique.³³

³² Imagem retirada do «MUSIM-MAS Inventário Digital» Interativo. Disponível *online* em: <http://www.patrimonios.pt/museus-da-ilha-de-mocambique-museu-de-arte-sacra/>. [consultado a 05.10 de 2021]. Esta peça consta no Boletim Oficial N°34, de 20 de agosto de 1892, pp 353 e 354, no catálogo do MAS, na «Arte em Moçambique», p. 118(1966), na «Ilha de Moçambique: Panorama Estético, de Alexandre Lobato, 1967, s/p e no «Inventário Digital do Museu de Arte Sacra da Ilha de Moçambique». Cátedra Patrimónios/ UNESCO (2018).

³³ *Idem, ibidem*



Fig. 2.53- Turíbulo em prata. Séc. XVII, Índia. Dim.: 22x 12x 10x 76 cm (extensão das correntes). MAS Ilha de Moçambique.³⁴



Fig. 2.54- Naveta em prata. Séc. XVII. Índia. Dimensões: 14x 21,5x 6,5 cm.

³⁴ *Idem Ibidem*, s/p

MAS. Ilha de Moçambique.³⁵



Fig. 2.55 Lampadário de igreja. Séc. XVIII. Índia. Dim.: Tampa:22cm; taça: 10,3x31cm; baldaquino: 23cm e correntes: 57cm.³⁶

³⁵ *Idem, ibidem. s/p.* Esta peça consta no Boletim Oficial N°34, de 20 de agosto de 1892, pp 353 e 354 e no catálogo do MAS, na «Arte em Moçambique», p. 118(1966)

³⁶ *Idem, ibidem, s/p.* Lobato identifica esta lâmpada, na «Ilha de Moçambique: Panorâma Estético» (s/p), com as seguintes palavras: «Tesouro da Igreja da Misericórdia de Moçambique no Museu de Arte Sacra». E esta peça é igualmente apresentada na «Arte em Moçambique», de Alfredo Pereira de Lima (1966), p. 123.



Fig. 2.56 Caldeirinha e hissope³⁷

Séc. XVIII. Dim.: Caldeirinha: 18x 19,5 (copa) x 12 cm (base) e Hissope: 26cm.



Fig. 2.57- Caldeirinha e hissope

Séc. XVIII. Dim.: Caldeirinha: 8,5x 18cm e Hissope: 14x 2,6cm (esfera do cabo) x 4,1cm (esfera do topo).³⁸

³⁷ *Idem, Ibidem s/p*

³⁸ *Idem Ibidem, s/p.*



Fig. 2.58- Vara de Mordomo. Séc. XVIII. Índia. Dim.: 139 x3,9 cm³⁹



Fig. 2.59- Cálice. Séc. XVII. Índia. Dim.: 30 x 16 (base) x 9 (copa) cm⁴⁰

³⁹ *Idem Ibidem, s/p*

⁴⁰ *Idem Ibidem, s/p*



Fig. 2.60-Frontal de altar. Séc. XVIII. Índia. Dim.: 215 x 96 cm.⁴¹

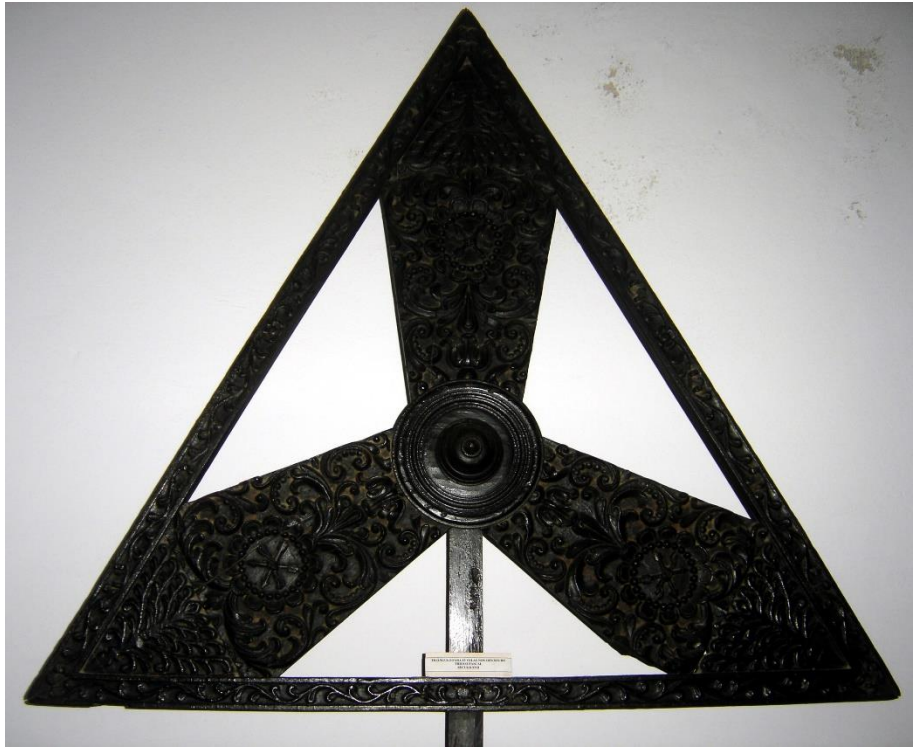


Fig. 2.61 Parte superior de candelabro. Séc. XVII. Índia. Dim.: 270 x 153 x 4 cm.

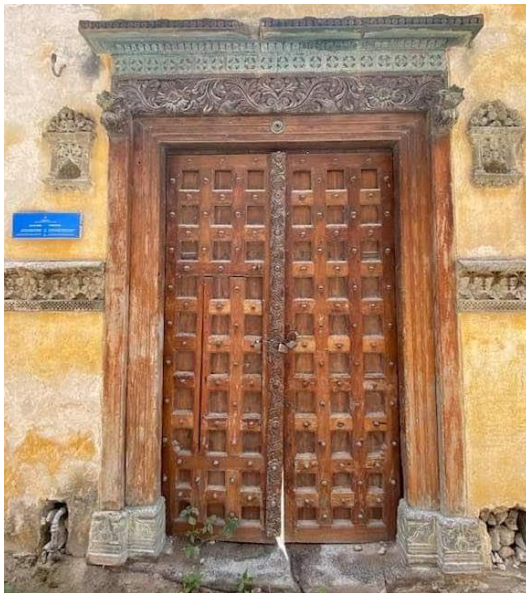
Altura do triângulo 135 cm. Fotografia da autora. 2008

⁴¹ Frontal de Altar. Museu de Arte Sacra, Ilha de Moçambique. Fotografia da autora, 2007.



Fig. 2.62 – Porta de uma residência da Ilha de Moçambique.

Fotografia de Carla Silva. Jan.2021



Figs. 2.63, 2.64 e 2.65- Portão e ornatos da residência onde se crê ter vivido o poeta português

Luís Vaz de camões. Ilha de Moçambique. Fotografia de Carla Silva. Jan.202



Fig. 2.66- Claustro e entrada para o Museu de Artes Decorativas (1º andar).

Fotografia do arquivo do Departamento de Museus, Maputo.



Fig. 2.67- Vista aérea do Palácio e da Igreja de S. Paulo

Fotografia de Carlos Alberto, Anos 60.



Fig. 2.68-Banca de escrita. Séc. XVII. Índia (Goa). Teca, Sissó e marfim. Decoração com embutidos e torcidos Dim.: 78x 93x 64 cm. Fotografia da autora. 2008.



Fig. 2.69- Detalhe da gravação de um carimbo da Fazenda Nacional de Moçambique. Museu de Artes Decorativas existente no 1º piso do Palácio de S. Paulo. Ilha de Moçambique, Fotografia da autora, 2008



Fig. 2.70- «Mesa em madeira de teca, ébano e marfim, e ferragens em cobre dourado. Dim.: 65x 69,5x 47 cm. Fabrico de Goa. Séc. XVII. (coleção particular).»⁴²



Fig. 2.71- Aspeto do Palácio de S. Paulo, antes da criação do Museu de Artes Decorativas.⁴³

⁴² DIAS, Pedro, *Mobiliário indo-português*. Moreira de Cónegos: Imaginalis, 2013, p .195.

⁴³ Rufino, José dos Santos, «Distrito de Moçambique: Aspectos Gerais» [sic], *Álbuns fotográficos e Descritivos da Colónia de Moçambique*, N°7, 1929, p. 7. Disponível *on line* em: <http://memoria-africa.ua.pt/Library/AFDCM.aspx>. [Consultado a 06.12.2021].



Fig. 2.72-Vista parcial do «Salão Nobre», onde se podem apreciar duas consolas, quatro cadeiras e duas mesas redondas, produzidas na Índia no Séc. XIX.⁴⁴

⁴⁴ Fotografia de Paulo Pires Teixeira. Ilha de Moçambique, 2008.



Fig. 2.73- Vista parcial da «Sala do Trono».
Fotografia de José Andrade. Fevereiro de 2022.



Fig. 2.74- Cadeira de espaldar circular Talha vazada em madeira escurecida, e assento estofado a veludo grená. Séc. XIX, Índia. Dim. 0,90x. 0,42x 0,46.
Museu de Artes Decorativas. Fotografia da autora. 2007



Fig. 2.75- Cadeirão em madeira entalhada e detalhe dos ornatos do seu espaldar. Séc. XVIII/XIX. Índia. (Dim.?) Museu de Artes Decorativas.

Ilha de Moçambique. Fotografias da autora. 2008



Fig. 2.76- Canapé com estrutura em madeira e assento estofado em veludo grená. Talha vazada. Séc. XIX. Dim. 1,73x 0,94x 0,60 cm «Salão Nobre». Museu de Artes Decorativas. Ilha de Moçambique. Fotografias da autora. 2008.



Fig. 2.77-Canapé do Museu da SGL.⁴⁵

⁴⁵ Canapé semelhante ao da coleção de mobiliário em exposição na «Sala do Trono» do Museu Palácio de S. Paulo e a outra que se encontra em nas reservas do MUSART, em Maputo. Fotografias da autora. Janeiro, 2022



Fig. 2.78- Cadeira em madeira escurecida trabalhada em talha vazada e assento estofado a veludo grená Séc. XIX, Índia. Dim. 90x 42 x 46 cm.

Ilha de Moçambique. Fotografias da autora. 2007



Fig. 2.79- Cadeira de braços em exibição no «Gabinete de trabalho». Inspirada no estilo inglês, *Regency*. Dim. 0,83x 0,53x 0,45 cm. Ilha de Moçambique. Fotografias da autora. 2007



Fig. 2.80- Canapé de três lugares, cadeira de braços e detalhe decorativo do remate do espaldar. Madeira trabalhada em talha vazada e espaldar e assento em palhinha. Séc. XIX (?).

Dim. (canapé). 1,73x 0,94x 0,60 cm. Museu de Artes Decorativas.

Ilha de Moçambique. Fotografia da autora. 2008.



Fig.2. 81- Cadeira de dobradiças, com seis pernas e espadar e assento forrados a palhinha entrançada. De decorada em talha de baixo relevo e em talha vazada, com elementos decorativos de inspiração hindu: figuras humanas, templos, serpentes, macacos, palmeiras e outros elementos vegetalistas. Museu de Artes Decorativas. Ilha de Moçambique.

Fotografia da autora 2007



Fig. 2.82- Cadeiras do Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Imagens da autora. Jan. 2022.



Fig. 2.83- Cadeira de dobradiças com braços. Teca (?). Séc. XIX/ XX, Índia (Goa).Dim.1,18x 0,58x 0,84cm. Fotografias da autora, Museu de Artes Decorativas. Ilha de Moçambique 2008



Fig. 2.84- Mesa circular. Madeira entalhada. Séc. XIX. Diâmetro 1,34 x 0,75 cm.

«Salão Nobre». Museu de Artes Decorativas. Ilha de Moçambique. Fotografia da autora. 2008



Fig. 2.85 - Mesa circular com aba. Madeira, e talha em baixo relevo. Séc. XIX, Índia. Dim. 1,20x 0,66 cm. «Sala das Senhoras » do Museu de Artes Decorativas.

Ilha de Moçambique. Fotografias da autora, 2008.



Fig. 2.86- Mesa redonda do Palácio dos Menezes- Bragança. Chandor. Índia. .⁴⁶



Fig. 2.87- Consola em madeira escurecida entalhada com ornatos vazados. Séc. XIX, Índia.
Dim. 0,78 cm. x1,18 x 0,55 cm «Salão Nobre». Museu de Artes Decorativas. Ilha de
Moçambique. Fotografias da autora, 2008

⁴⁶ DIAS, Pedro, *Mobiliário indo-português*. Moreira de Cónegos: *Imaginalis*, 2013, p. 198



Fig. 2.88- Consola do Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa.
Fotografias da autora. Jan. 2022



Fig. 2.89-Consola em madeira e detalhe da sua talha em baixo relevo. Séc. XIX Índia. Dim.
0,76 x 1,14 x 0,53x cm. «Sala das Senhoras». Museu de Artes Decorativas. Ilha de
Moçambique. Fotografias de José Andrade, fev. 2022



Fig. 2.90- Armário aparador em madeira escurecida, e decoração em talha vazada. Índia. Dim. 1,32x 1,43x 0,40 cm. «Sala do Trono « do Museu de Artes Decorativas. Ilha de Moçambique.

Fotografia de Paulo Pires Teixeira, 2008



Fig. 2.91- Leito com dossel forrado a veludo verde seco guarnecido com galões dourados. «Quarto dos Capitães Generais». Dim. (?) Índia. Séc. XIX. ⁴⁷ Museu de Artes Decorativas.

Ilha de Moçambique, fotografia da autora, 2007.

⁴⁷ Leito mencionado por Pedro DIAS na sua obra: *A Arte Indo-Portuguesa: capítulos da história*. Coimbra: Almedina, 2004, p. 182.



Figs.2.92- - Leito com dossel forrado a veludo verde seco guarnecido com galões dourados. Séc. XIX. Fabrico de Goa. «Quarto dos Capitães Gerais». Dim.1,25x 1,27x 1.99. Museu de Artes Decorativas. Ilha de Moçambique, fotografia da autora, 2007.



Figs. 2.93- Cama da casa de hóspedes de Flora Magalhães. Ilha de Moçambique.

Fotografia da autora, maio 2003.



Fig.2.94- Armário roupeiro com duas portas. Índia, séc. XIX. Dim.(?).
«Quarto do Príncipe Real». Museu de Artes Decorativas. Ilha de Moçambique.
Fotografia da autora.2007



Fig. 2.95 - Armário louceiro. Índia, séc. XIX. Dim. 1,80x 0,90x 0,36cm.
«Quarto dos Capitães Gerais». Museu de Artes Decorativas.
Ilha de Moçambique. Fotografias da autora, 2007.



Figs. 2.96 e 2.97- Ver anexo X: Exposição de mobiliário indo-português: «Da Índia para Moçambique»⁴⁸

⁴⁸ Fotografias do arquivo do Departamento de Museus Casa de Ferro. Maputo (1999)



Figs. 2.98, 2.99 e 2.100- Móveis da família goesa, Pinto Lobo, Maputo. Índia. Séc. XIX ⁴⁹

⁴⁹ A família Pinto Lobo, de origem Goesa, residente em Maputo, possui na sua sala de jantar um aparador muito semelhante ao do Palácio de S. Paulo da Ilha de Moçambique, tanto ao nível da estrutura como da decoração. Segundo informação da família, as peças que ainda hoje mobilam as suas salas de jantar e de estar, vieram da aldeia indiana de Saligão e estão na família desde meados o séc. XIX. Entre elas contam-se uma mesa de centro com a mesma forma e gramática decorativa das mesas que se encontram no «Salão Nobre» do Museu de Artes Decorativas- Ilha de Moçambique e outra uma peça curios, que corresponde a um pedestal para castiçais.



Figs. 2.101-Perspetiva de uma sala do Palácio de Deão. Quempem. Goa. ⁵⁰



Fig. 2.102-Exposição de mobiliário indo-europeu do Museu da SGL.

Fotografia da autora. Janeiro de 2022

⁵⁰ Imagem disponível *on-line* em: <http://www.palaciodeao.com/history.htm>. [Consultado a 14.02.2022]



Fig. 2.103- Móveis anglo-indianos (armário louceiro e cadeiras de braços)
Palácio Nacional da Pena. Sintra⁵¹

⁵¹ Fotografia da autora. Janeiro de 2022.



Fig. 2.104- Lobby do Bussaco Palace Hotel. Coimbra⁵²



Fig. 2.105- Museu Municipal Santos Rocha. Figueira da Foz. 53

⁵² Perspetiva do mobilado com peças de mobiliário indo-europeu. Imagem disponível *online* em: https://www.hotels.com/ho164572/bussaco-palace-hotel-mealhada-portugal/?pos=HCOM_US&locale=en_US. [Consultada a 14 de fevereiro de 2022]

⁵³ Imagem de peça de mobiliários da exposição permanente do Museu Municipal Santos Rocha. Imagem retirada do site do [Museu | CM Figueira da Foz \(cm-figfoz.pt\)](http://www.cm-figfoz.pt). [Consultada on-line em 13.02.2022]



Fig. 2.106 - Secretária de gabinete do Conselho Municipal da Ilha de Moçambique.⁵⁴



2.107- Escritório do Conselho Municipal da Ilha de Moçambique ilustrado numa obra de Alexandre Lobato de 1967.⁵⁵

⁵⁴ Fotografias de Gabriele Mellazie.

⁵⁵ Legenda que acompanha a imagem do gabinete: «O gabinete do Presidente da Câmara, mobilado com peças indo-portuguesas em pau preto de Moçambique, e secretária e armário fabricados na Ilha em estilo indo-português.» LOBATO, Alexandre, *Ilha de Moçambique: Panorama Histórico*. Lisboa: Agência-Geral do Ultramar, 1967, s/p.



Figs. 2.108 e 2.109– Armário do gabinete do Presidente do CMIM.
Fotografias de Gabriele Mellazie.



Fig. 110- Mesa redonda e cadeira pertencentes ao conjunto de móveis fabricados na Escola de Artes e Ofícios da Ilha de Moçambique. Fotografias de Gabriele Mellazie.



Fig. 2.111- Visita oficial de Presidente da República de Moçambique, Samora Moisés Machel.

Lisboa: Sede da FCG, 1983. Disponível em Arquivo COOP 04107. ⁵⁶

Fotografia de Mário de Oliveira.

⁵⁶ Disponível *online* em: <https://gulbenkian.pt/historia-das-exposicoes/exhibitions/452/?lang=pt-pt>. [Consultado em 12.11.2021]



Fig. 2.112-Paineis 61 e 62 da exposição A Ilha de Moçambique em Perigo de Desaparecimento, onde se observam imagens do altar mor e do púlpito da Igreja de S. Paulo.⁵⁷

⁵⁷ *Idem Ibidem*, s/p.